

UFRRJ

**INSTITUTO DE AGRONOMIA
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA**

DISSERTAÇÃO

**PERCEPÇÃO DE ESTRESSE EM ALUNOS INGRESSANTES
ALOJADOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO, *CAMPUS SEROPÉDICA***

MARIA DO SOCORRO SOUZA DE ARAUJO

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**PERCEPÇÃO DE ESTRESSE EM ALUNOS INGRESSANTES
ALOJADOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO, *CAMPUS* SEROPÉDICA**

MARIA DO SOCORRO SOUZA DE ARAUJO

Sob Orientação da Professora

Dra. Sílvia Maria Melo Gonçalves

Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação,
no Programa de Pós-Graduação em
Educação Agrícola.

Março de 2017
Seropédica, RJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A658p Araujo, Maria do Socorro Souza de, 1964-
Percepção de estresse em alunos ingressantes
alojados da Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Campus Seropédica / Maria do Socorro Souza
de Araujo. - 2017.
126 f.

Orientadora: Sílvia Maria Melo Gonçalves.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação
Agrícola, 2017.

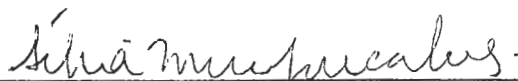
1. Estresse . 2. Universitários. 3. Calouros. 4.
Alojados. I. Gonçalves, Sílvia Maria Melo, 1955-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

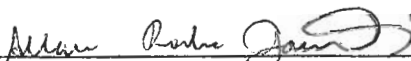
MARIA DO SOCORRO SOUZA DE ARAUJO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Ciências** no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação.

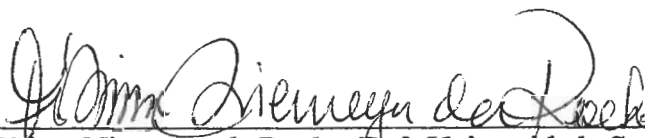
Dissertação aprovada em 31/03/2017



Sílvia Maria Melo Gonçalves, Dra., UFRRJ
(Orientadora)



Allan Rocha Damasceno, Dr., UFRRJ



Fátima Niemeyer da Rocha, Dr.^a, Universidade Severino Sombra

*Dedico este trabalho, com muito carinho ao
meu marido, Carlos Wanderlei e aos meus filhos, Beatriz e Artur.*

À medida que um indivíduo se torna capaz de assumir sua própria experiência, caminha em direção à aceitação da experiência dos outros. Ele aprecia e valoriza tanto sua experiência como a dos outros, por aquilo que elas são.

Carl Rogers

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a algumas pessoas, dentre as muitas que me ajudaram na realização deste trabalho.

Em especial a meu marido, filhos e irmãs, presentes em todos os momentos da minha vida.

À professora Dra. Silvia Gonçalves, pela orientação, incentivo e amizade.

A todos os estudantes que participaram desta pesquisa.

Aos estudantes alojados que me ajudaram com as visitas nos alojamentos: Tamires, Mariana e Wenerveton.

Aos professores coordenadores da Equoterapia, Dr. José Ricardo e Dra. Valéria Marques.

Aos servidores e estagiários do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola (PPGEA).

Aos servidores do Setor de Residência Estudantil (SERE), Cristina e Ragner.

Ao estudante de mestrado em psicologia Raphael pela ajuda com a aplicação do questionário, pelo apoio e sugestões.

Às professoras Dra. Waleska (coordenadora do curso de graduação em química) e Dra. Mônica Pagani (Chefe do Departamento de Tecnologia de Alimentos).

Às colegas de mestrado Francelina, Marize, e Maria Rita Leite pelo apoio.

Às minhas amigas e colegas de trabalho Luciana e Joelma.

Aos membros da banca por aceitarem o convite para a defesa deste trabalho.

Aos diretores da Divisão de Saúde (UFRRJ), Dr. Rafael e Sr. Celso.

RESUMO

ARAÚJO, Maria do Socorro Souza de. **Percepção de estresse em alunos ingressantes alojados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *Campus Seropédica***. 2017. 126 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

O início da vida universitária representa uma oportunidade de crescimento pessoal, principalmente pela escolha da profissão do estudante. É a época em que os jovens são mais suscetíveis ao impacto das mudanças e do afastamento diário da família. O distanciamento do contato familiar e social pode contribuir para um desequilíbrio emocional, já que se trata de um momento bastante peculiar na vida do indivíduo, geralmente sincronizado com as mudanças e adaptações próprias da transição da adolescência para a vida adulta, podendo acarretar estresse, bem como a qualidade da assistência estudantil. Este estudo teve como objetivo geral investigar a percepção do estresse em alunos ingressantes alojados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o qual foi baseado em uma abordagem qualitativa e exploratória com a participação de 54 estudantes, com faixa etária de 18 a 25 anos. Os questionários foram analisados e categorizados de acordo com a análise de conteúdo. Os resultados encontrados foram 46,21% (f=61) para felicidade/emoções positivas e 43,94% (f=58) para satisfação/realização com relação ao ingresso na universidade. As emoções negativas foram 9,85% (f=13) das respostas, durante o primeiro período, sendo a ansiedade a resposta mais frequente, com 36,54% (f= 38). Quanto às mudanças de sentimentos durante o primeiro período da Universidade, 24,14% (f=35) responderam que mudaram, enquanto 12,41% (f=18) responderam que não houve mudanças. Foram encontradas 51,64% (f=110) das respostas atribuídas às boas relações interpessoais no alojamento, mas a convivência foi difícil para 45,83% (f=66). Em 62,96 % (f=68) foram assinaladas a comodidade de morar no alojamento, em contraste, 46,49% (f=53) ressaltaram a falta de infraestrutura. Conclui-se que a assistência estudantil influencia no desempenho acadêmico do estudante, assim como as condições estruturais, estas de grande importância. Tornam-se necessárias medidas institucionais que garantam condições adequadas dessas moradias, a fim de prevenir o estresse. Sugerem-se estudos sobre a percepção de estresse dos estudantes alojados em outros períodos.

Palavras-chave: Estudantes universitários, Moradia estudantil, Calouros.

ABSTRACT

ARAUJO, Maria do Socorro Souza de. **Perception of stress in incoming students housed at Federal Rural University of Rio de Janeiro, *Campus Seropédica***. 2017. 126 p. Dissertation (Master of Science in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

The beginning of university life is a personal growth and professional choice. At this time, young people are more susceptible to the impact of changes and daily break with the family. The family and social detachment can contribute to emotional imbalance, since it is a very peculiar moment in the individual life, usually synchronized with the changes and adaptations proper to the transition from adolescence to adulthood life, which can lead to stress, as well as the quality of the student assistance. This study aimed to investigate the stress perception in incoming students. This research was based on a qualitative and exploratory approach with the participation of 54 incoming students housed at Federal Rural University of Rio de Janeiro, ranging from 18 to 25 years old. The questionnaires were analyzed and categorized according to content analysis. The results were 46.21% (f=61) for happiness/positive emotions and 43.94% (f=58) for satisfaction/ achievement in relation to university admission. Negative emotions were 9.85% (f=13) of responses during the first period, and negative emotions were 36.54% (f=38), with anxiety being the largest response. As for the changes in feelings during the first period of the University, 24.14% (f=35) answered they have changed, while 12.41% (f=18) answered no changes. 51.64% (f=110) of the responses were attributed to good interpersonal relationships in student house, but coexistence was difficult for 45.83% (f=66). 62.96% (f=68) pointed out the convenience of student house. In contrast, 46.49% (f=53) highlighted the lack of infrastructure. In conclusion, student assistance influences the academic performance, as well as infrastructural conditions, the later of great importance. Institutional measures are needed to ensure adequate student housing in order to prevent stress. It is suggested further study on stress perception of housed student in other academic periods.

Key words: Graduate students, Student house, Freshmen.

LISTA DE ABREVIACOES E SMBOLOS

CRUSP	Conjunto Residencial da Universidade do Estado de So Paulo
ECA	Estatuto da Criana e do Adolescente
FONAPRACE	Frum Nacional de Pr-Reitores de Assuntos Comunitrios e Estudantis
IES	Institutos de Ensino Superior
IFES	Institutos Federais de Ensino Superior
MEC	Ministrio da Educao
OMS	Organizao Mundial da Sade
ONU	Organizao das Naes Unidas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PROAES	Pr-Reitoria de Assuntos Estudantis
RU	Restaurante Universitrio
SERE	Setor de Residncia Estudantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Número de vagas do alojamento mantidas pela UFRRJ, <i>Campus Seropédica</i>	59
Tabela 2-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Qual foi seu sentimento ao saber que havia sido aprovado (a) para a Rural?”.....	65
Tabela 3-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “E qual foi o seu sentimento no início do período letivo?”	67
Tabela 4-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Você acha que seus sentimentos mudaram? Por quê?”	69
Tabela 5-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Quais foram seus sentimentos no início do primeiro período letivo em relação ao alojamento?”	70
Tabela 6-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Você sente alguma dificuldade em relação ao alojamento?”	71
Tabela 7-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “E agora, no final do período letivo?”	73
Tabela 8-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Em cinco linhas, descreva o alojamento, para você”	74
Tabela 9-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “O que proporciona satisfação na Universidade, para você?”	75
Tabela 10-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “E o que lhe proporciona estresse?”	76
Tabela 11-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Aponte os pontos positivos do alojamento”	77
Tabela 12-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Aponte os pontos negativos do alojamento”	78
Tabela 13-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Se você comparasse satisfação e estresse em relação ao alojamento, qual seria o mais predominante?”.....	79
Tabela 14-	Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?”	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	16
2.1 Objetivo Geral.....	16
2.2 Objetivos Específicos.....	16
3 DIFICULDADES DOS ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS.....	17
3.1 Adolescência e Adultos Jovens.....	18
3.2 A importância dos pares.....	25
4 ESTRESSE EM UNIVERSITÁRIOS.....	31
5 ALOJAMENTO OU MORADIA ESTUDANTIL.....	41
5.1 Ingresso na Universidade.....	52
5.2 Alojamento na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.....	55
6 MÉTODO.....	63
6.1 Participantes.....	63
6.2 Instrumento.....	63
6.3 Procedimentos.....	63
6.4 Análise de dados.....	64
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	66
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
9 REFERÊNCIAS.....	86
Anexo A - Termo de Consentimento.....	92
Anexo B - Questionário.....	93
Anexo C - Categorização das respostas do questionário sobre percepção do estresse nos estudantes alojados.....	97
Anexo D - Parecer do Comitê de Ética na Pesquisa.....	126

1 INTRODUÇÃO

O ingresso na universidade corresponde a um período no qual os indivíduos são expostos a influências psicossociais e a exigências acadêmicas, tais como, provas, elevada quantidade de material a ser estudada, complexidade das disciplinas, bem como falta de tempo para familiares, amigos e lazer (MONDARDO, PEDON, 2005). Estes fatores podem desencadear situações estressoras, prejudicando a saúde e a qualidade de vida dos estudantes.

Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), os estudantes enfrentam vários fatores que podem causar estresse, como, por exemplo, troca de ambiente, afastamento da família e ritmo mais intenso de estudo. Esta experiência, que deveria ser um crescimento pessoal e escolha da profissão, pode acarretar um nível elevado de estresse e causar vários problemas emocionais, podendo levar o estudante a ter prejuízo no desempenho acadêmico. Este sofrimento gerado por tal situação pode se manifestar através do consumo de álcool e outras drogas, depressão e ansiedade. Portanto, torna-se importante considerar as peculiaridades da UFRRJ, de forma a subsidiar o conhecimento de sua influência na qualidade de vida de seus estudantes.

Considerando o número crescente de estudantes que se deslocam para a UFRRJ, de regiões distantes, parece pertinente estudar os fatores que estão envolvidos nesta mudança, assim como a transição para a vida adulta e a adaptação nos alojamentos e, ainda, para avaliar melhor a maneira de prevenir manifestações como o estresse entre eles. O estresse dos estudantes pode também estar relacionado ao problema, em sua maioria, da saída da “proteção familiar” para residir com grupos de pessoas de diferentes regiões. Este encontro tem causado muitos conflitos, acarretando, em alguns casos, ataques violentos. O Serviço de Psicologia da Divisão de Saúde da UFRRJ já identificou casos de ideação suicida e de suicídio.

Além disso, este estudo contribuirá para elaborar um levantamento das questões sociais e dos agentes estressores, que afetam diretamente a qualidade de vida destes estudantes. As queixas geradas pelos universitários da UFRRJ estão associadas à adaptação e ao ajustamento nos alojamentos universitários, que acarretam dificuldades em seu desenvolvimento acadêmico e prejuízos na vida cotidiana. Todas estas questões podem causar estresse ao estudante e desencadear problemas emocionais.

Durante 14 anos, como psicóloga na Divisão de Saúde da UFRRJ, venho registrando aumento da procura dos estudantes para atendimento psicológico, pois estes se queixam de dificuldades em seu desempenho acadêmico causadas por estresse. Além do mais, vários

estudantes apresentam problemas associados às suas condições de vida. Na sua maioria, são carentes financeiramente e precisam utilizar a assistência ao estudante, como bolsa alimentação e alojamento universitário.

Estes fatores levam ao levantamento de questionamentos sobre o que têm lhes causado estresse, sua influência no comportamento, como os estudantes percebem o estresse e o que sua influência pode acarretar na sua saúde física e emocional. A redução do estresse e a melhoria da qualidade de vida dos estudantes seria uma forma de melhorar o desempenho acadêmico e diminuir a evasão escolar na universidade. Além disso, a relevância de se pesquisar o efeito do estresse em estudantes alojados que ingressam na UFRRJ, será mais uma fonte para embasamento e levantamentos de dados, para investigar as suas causas e como isto afeta a vida de seus moradores. Assim, este estudo poderá contribuir para a criação de programas voltados para a melhoria da qualidade de vida de estudantes ingressantes alojados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A UFRRJ foi criada em 1910, como desdobramento da Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária, vinculada ao Ministério da Agricultura. Foi inaugurada em 10 de julho de 1912, e, em 1942, transferida para o *Campus* definitivo, às margens da antiga rodovia Rio-São Paulo, hoje BR-465. Em 1963, a Universidade Rural passou a ser denominada Universidade Federal Rural do Brasil, integrando-se a outros cursos e o colégio técnico. Desde então, a Universidade continuou sua expansão e hoje tem cursos nas cidades de Três Rios, Nova Iguaçu e um *campus* de pesquisa em Campos (UFRRJ, 2006). Ela cresceu ao longo de 30 anos, passando de uma Instituição de pequeno porte para uma universidade de médio porte.

A localização do *Campus* Principal da UFRRJ é bastante peculiar na geografia do Estado do Rio de Janeiro, o qual está situado, aproximadamente, a 80 km da Capital do Estado, portanto, distante de recursos sociais, tais como, saúde, educação, saneamento básico, segurança, condições de moradia, lazer etc. As cidades vizinhas ao *Campus* Principal ainda são carentes a opções de lazer, assim, os estudantes têm acesso a poucas atividades culturais e diversões (UFRRJ, 2006). Por ser uma região em desenvolvimento, apresenta problemas graves em relação a diversos aspectos sociais. Nesta situação em particular, a falta de uma assistência efetiva está intimamente ligada à taxa de abandono dos cursos, à redução dos índices de conclusão e a outros indicadores importantes para a Universidade.

A estrutura atual da universidade não é suficiente para receber todos os estudantes interessados em moradia estudantil, principalmente, após a expansão pela Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Além disso, a principal diversão dos estudantes são as festas organizadas por eles mesmos. Em depoimentos dados na divisão de saúde, no Setor de Psicologia, estes se queixam que esta é a única opção de lazer.

Atualmente, o alojamento conta com doze prédios, masculinos e femininos, com oferecimento de 368 quartos e 1.937 vagas. Esta assistência é destinada aos alunos matriculados nos cursos presenciais de graduação do *Campus* Seropédica, que apresentem renda bruta familiar baixa, moradia distante, comprovando, desta forma, necessidade de ocupação do alojamento (UFRRJ, 1993). Então, toda mudança ocorrida nesta Universidade fez com que os alunos fossem se adaptando às transformações nela ocorridas.

A evasão escolar é um grande problema que a Universidade tem enfrentado e provém de várias causas, mas ainda não se tem um estudo aprofundado sobre as razões porque isso ocorre. Segundo informações de levantamento feito pela UFRRJ (2006), muitos estudantes evadem por não vislumbrarem perspectivas futuras na profissão e por falta de afinidade com as características do curso. Além do mais, o insucesso nas disciplinas-chave causa desmotivação para superar estas dificuldades e, também, devido a distância dos custos do deslocamento de sua moradia até a Universidade. Esta transição provoca um desafio significativo para o estudante, tanto para quem deixa a casa dos pais como para aquele que continua na família, que poderá levá-lo à dificuldade de adaptação.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a percepção do estresse em alunos ingressantes alojados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *Campus Seropédica*.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 - Identificar se os sentimentos dos alunos participantes mudaram depois que ingressaram na Universidade.
- 2- Verificar quais foram os sentimentos dos participantes no início e no final do período letivo em relação ao alojamento.
- 3- Investigar o que é predominante no estudante, se é satisfação ou estresse no alojamento.

3 DIFICULDADES DOS ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS

A transição da adolescência para a idade adulta pode causar estresse nos jovens, que muitas vezes, coincide com a entrada na universidade, por isso torna-se relevante descrever sobre estas mudanças. O jovem frequentemente sofre conflitos a procura de uma identidade adulta, sobre isso Erikson (1987) aponta que o adolescente, ao sinal de qualquer problema, pode se sentir vazio, isolado, ansioso, sentindo-se muitas vezes, incapaz de se encaixar no mundo adulto. Este dilema, entre a independência recentemente adquirida e a vinculação aos pais, faz com que muitos adolescentes e jovens adultos experienciem dificuldades em se ajustar às mudanças na vida (LAFRENIER, LEDGERWOOD, 1997). Este capítulo está dividido em duas partes, a primeira intitulada como “A adolescência e adultos jovens” e a segunda como “A Importância dos Pares”.

No primeiro tópico serão abordados os temas definição da adolescência, significação desta fase do indivíduo, mudanças no desenvolvimento físico, mental, emocional e cognitivo, transformações do corpo e o período que compreende a adolescência (EISENSTEIN, 2005), (SANTOS, 2005), (BERGER, THOMPSON, 1997). Também serão abordados a transição do adolescente para a fase adulta e sua construção da subjetividade (FROTA, 2007), visão da adolescência nos dias atuais (MARTINS, TRINDADE, ALMEIDA, 2003), (ABRAMO, 1994), estatuto e órgãos governamentais sobre os adolescentes (ECA, OMS, ONU), discussão sobre maioridade penal (LIMA, 2009), (ROCHA, 2013). Ainda, uma visão histórica sobre o significado da adolescência (ARIÈS, 1981), suas fases na visão atual (ABERASTURY, KNOBEL, 1989), (ERIKSON, 1976, 1987) e crise na adolescência (FONKERT, 1998).

No segundo tópico, os temas abordados serão: a relação dos adolescentes com os pais (McELWAIN, VOLLING, 2005), (HARTUP, 1989), (CASTRO, 1998), (HARRIS, 1995), as diferenças do comportamento dos adolescentes nas sociedades moderna e contemporânea (SALLES, 2005), (MARQUES, 1996), os conflitos nas relações cotidianas (FONKERT, 1998), (OLIVEIRA, CAMILO, ASSUNÇÃO, 2003)), a dinâmica de socialização (OETTING, DEFFENBACHER, DONNERMEYER, 1998). Adicionalmente, é discutida a busca por uma escolha profissional (LUCCHIARI, 1993); saída da casa dos pais para ingressar na Universidade e suas mudanças (CARTER, MCGOLDRICK, 2001), (ALMEIDA, 2007), (LAHELMA, GORDON, 2003), (ERIKSON, 1976), (LEVINSON, 1997), tendência ao prolongamento da adolescência e da juventude (ABRAMO, 1994), (PERALVA, 1997),

formação da família na construção do indivíduo (MINAYO, SOUZA, 2003), (MATOS, 2012), estresse causado pela saída do estudante de sua residência para o ingresso na Universidade (FISHER, HOOD, 1987), (BLOOM, 1987), (LARANJO, SOARES, 2006).

3.1 Adolescência e Adultos Jovens

A resposta para a questão sobre o que é adolescência parece simples, quando se afirma que é o período de transição entre infância para vida adulta, onde existem mudanças no desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social (EISENSTEIN, 2005). Assim, também o adolescente tenta alcançar as expectativas culturais da sociedade em que habita.

A puberdade e a adolescência encontram-se vinculadas pela idade e caracterizam-se pelas mudanças biológicas, que são universais e visíveis, que transformam a criança, dando-lhe altura, forma e sexualidade de adulto. Além de a adolescência se apresentar vinculada à idade, também, refere-se à biologia – ao estado e à capacidade do corpo (SANTOS, 2005). Estas mudanças, entretanto, não transformam sozinhas a criança em adulto, pois outros fatores são responsáveis para que o adolescente alcance a verdadeira maturidade (BERGER, THOMPSON, 1997).

As mudanças corporais iniciam-se na puberdade e terminam quando o indivíduo chega ao ápice de seu crescimento e formação de sua personalidade. Para os pesquisadores do desenvolvimento humano, ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas, ajudam a traçar o perfil deste grupo. A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano, uma transição da infância para a idade adulta, com muitas crises, que conduzem o jovem na construção da subjetividade (FROTA, 2007).

De acordo com Martins, Trindade e Almeida (2003), apesar da proposta da universalidade do estágio da adolescência, ela não depende somente da questão biológica, mas de sua inserção cultural e histórica, de variadas formas de viver a adolescência, de acordo com gênero, grupo social e geração. Na sociedade contemporânea do Ocidente, o período da adolescência foi estendido, além do mais, os elementos constitutivos da experiência juvenil e seus conteúdos. De acordo com Abramo (1994), a adolescência nos dias atuais não é mais vista somente como uma preparação para a vida adulta, mas passou a adquirir sentido em si mesma.

Assim, Monteiro (2011) aponta que o termo juventude ficou fora de foco da tematização social até os anos 1990, então, neste momento surgiu como uma preocupação social com os problemas apresentados pelos jovens, no que diz respeito às dificuldades de inserção e integração social, onde existia uma conjuntura marcada por fenômenos de exclusão criados pela crise no trabalho e o alarmante crescimento da violência, que causou profundas dificuldades na estruturação de projetos de vida. Esta autora acrescenta que, no Brasil, buscar soluções sobre os jovens têm crescido intensamente e, atualmente, tem se ampliado e diversificado os focos que existiam anteriormente, procurando por novas questões e desafios para a formação de novos projetos e ferramentas de trabalho direcionados para pessoas que se preocupam em trabalhar com os jovens. Hoje em dia, nosso país criou um Conselho Nacional da Juventude, responsável pela construção de um Plano Nacional de Juventude e de um Estatuto da Juventude. Neste contexto, os órgãos Governamentais fizeram leis para a proteção dos adolescentes.

Por isso, no Brasil, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), Lei 8.069, publicada em 1990, considera e define criança como uma pessoa até 12 anos de idade não completos, e no caso da adolescência, esta é definida como a faixa etária compreendida entre 12 e 18 anos de idade (artigo 2º). Ainda, define que em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável para a pessoa de até 21 anos de idade (dispostos nos artigos 121 e 142). O adolescente pode ter voto opcional como eleitor e ser considerado cidadão a partir dos 16 anos. O conceito de menor fica assim subentendido para aqueles menores de 18 anos (BRASIL, 1990).

Segundo a definição de idade pela Organização Mundial da Saúde (ONIS, ONYANGO, BORGHI, SIYAM, NISHIDA, SIEKMANN, 2007), adolescência compreende o período entre 10 e 19 anos, enquanto a Organização das Nações Unidas (WANG, MONTEIRO, POPKIN, 2002) considera entre 15 e 24 anos de idade (jovem). Usa-se também o termo adulto jovem para a faixa etária entre 20 e 24 anos, e, no Brasil, do ponto de vista legal, as normas e políticas de saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 1990) atingem a faixa etária entre 10 e 24 anos. O conceito de maioridade varia de acordo com costumes e culturas onde este jovem está inserido.

Atualmente, a maioridade penal é um tema que tem sido debatido entre legisladores e sociedade brasileira, e tem sido um fator que tem preocupado a sociedade, pois tem aumentado a incidência de criminalidade entre os menores no Brasil (LIMA, 2009). A mídia, em geral, revela uma lógica conflitante de ordem social, onde a população brasileira se divide

entre aqueles que apoiam para que haja a redução da maioridade penal e aqueles que têm um posicionamento contrário à essa opinião. A maioridade penal leva a questionamentos onde deve estar muito além da redução da idade do menor, pois quando a criança e o adolescente ingressam no mundo do crime perdem mais do que sua própria liberdade, perdem sua infância, seus sonhos, enfim vivem num mundo sem destino (ROCHA, 2013).

Ao invés de aumentar esta maioridade penal, o Estado deve oferecer melhoria de qualidade de vida, tais como, estrutura e oportunidade para os adolescentes. O problema é social e a falta de estrutura familiar é apontada como fator de grande influência de adultos que motivam esses jovens a prática de atos ilícitos. As crianças e adolescentes devem ser retirados das ruas e serem qualificados como cidadãos (ROCHA, 2013), pois, deve-se levar em conta a pluralidade e complexidade dos jovens. Muitos estudiosos têm tomado este tema como objeto de estudo e com a formação de políticas públicas, tem levado em conta a análise de transição para vida adulta, assim, é importante, também, estudos em relação à operação simbólica feita pelo sujeito nessa transição, que, enquanto processo subjetivo, aproxima-se do conceito de adolescência (MONTEIRO, 2011).

Por outro lado, no Século XVI, as fases de desenvolvimento dos indivíduos eram definidas de uma forma diferente das que são conceituadas hoje. Segundo Ariès (1981), estas fases eram usadas na Idade Média como as “idades da vida”, descritas nos tratados pseudocientíficos, nos quais seus autores empregam uma terminologia puramente verbal. Estes termos são infância e puerilidade, juvenil e adolescência, velhice e senilidade, sendo designados para cada período da vida. Desde então, estas palavras são adotadas para designar “noções abstratas de puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras concepções” (ARIÈS, 1981, p. 36).

Ainda, segundo Ariès (1981), as idades correspondem aos planetas, em número de sete, a primeira idade é a infância que “planta os dentes” e esta idade dura até os sete anos, esta fase é corresponde à criança não falante, não fala bem, porque seus dentes não são bem ordenados. Depois da infância, vem à segunda idade, que dura até quatro anos de idade, chamada *pueritia*, chamada assim “porque nesta idade a pessoa é como a menina do olho”. A terceira idade corresponderia à adolescência, que termina no vigésimo primeiro ano, podendo durar até vinte e oito anos e, pode estender-se até 28 anos. Ele ainda aponta que a adolescência também nasceu com a Modernidade, a partir do século XX. Para este autor, somente após a implantação do sentimento de infância, no século XIX, tornou-se possível a emergência da adolescência como uma fase com características peculiares e únicas, distintas

das outras fases do desenvolvimento. Depois, se segue a juventude, dura 45 ou 50 anos, a seguir senectude e velhice até 70 anos e a última parte *senies*.

Segundo Ariès (1981), o contraste entre infância e adolescência começa a se formar no século XVIII, o conceito de adolescência iniciava-se com duas personagens, uma literária, Querubim, e outra social, Conscrito. Em Querubim, era ressaltado que, como se entrava muito cedo na vida social, os traços redondos e cheinhos dos meninos da primeira adolescência, davam-lhes aparência feminina, e isso explica o provável disfarce dos homens em mulheres no romance barroco do início do século XVII. Homens sem barbas e que já tinham traços suaves, já não eram mais considerados adolescentes, porque já atuavam como homens feitos, comandando e combatendo.

No século XVIII, o adolescente seria imaginado pelo conscrito. Siegfried de Wagner, foi o primeiro adolescente moderno típico, manifestou a mistura de pureza, de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver, e isso criava o adolescente como herói do século XX. Na Alemanha wagneriana, surgiram os fenômenos da adolescência, e mais tarde chegaria à França, mais ou menos em 1900. A juventude estaria em alta, e com isso, viraria alvo de preocupação de políticos e moralistas, pois ela começou a ser pensada como uma forma de reavivar uma sociedade velha, mostrando novos valores (ARIÈS, 1981).

Após a I Guerra Mundial, em 1918, a juventude virou um imenso fenômeno, aonde os combatentes das frentes de batalha se colocaram contra as velhas gerações de retaguarda. A partir daí a adolescência cresceria, fazendo com que a infância fosse para trás e a maturidade fosse levada para frente; já havia adolescentes casados que mostrariam seus valores, apetites e costumes; iniciando, então, uma época em quem a adolescência era tida como a idade favorita (ARIÈS, 1981). Com o passar do tempo, a adolescência foi reconhecida com a escolarização que supõe a separação entre adultos e pessoas em formação, com a família burguesa que separa o espaço familiar do extrafamiliar e com a progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. Este processo começou com a burguesia e propagou-se por toda a sociedade.

Por outro lado, Aberastury e Knobel (1989) descreveram a adolescência como uma etapa muito importante na vida do indivíduo e uma fase decisiva de um processo de desprendimento. A noção de “síndrome normal da adolescência” é caracterizada por doze características, como a busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocalização, temporal; evolução sexual manifesta; tendências antissociais; comportamento social reivindicatório; contradições

sucessivas em todas as manifestações da conduta; separação progressiva dos pais; tarefa básica do adolescente; constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

Erikson (1987) também divide a evolução do homem em etapas, a partir das quais construiu sua teoria psicossocial do desenvolvimento humano, redefinindo vários conceitos de Freud, sempre considerando o ser humano como um ser social, antes de tudo, um ser que vive em grupo e sofre pressão e influência deste. Como o tema está focado na adolescência, a descrição somente será realizada sobre o estágio psicossocial que se refere à mesma.

A fase da adolescência, definida por Erikson (1987), foi denominada “Identidade x confusão de identidade”, em que descreve a necessidade do adolescente em se sentir seguro, frente a todas as transformações físicas e psicológicas. Esta segurança é encontrada na forma de sua identidade, construída a partir dos estágios anteriores. Neste momento, o adolescente começa a questionar seus pais, seu ser, seu futuro como ser, isto é, o adolescente pretende se encaixar em algum papel na sociedade.

Existe, também, o surgimento do envolvimento ideológico, que é o que comanda a formação de grupos na adolescência. Segundo Erikson (1986), o ser humano precisa pertencer a determinado grupo, ou seja, ele tem que apoiar suas ideias e sua identidade. No entanto, se o adolescente desenvolver extrema identificação com determinado grupo, surge o fanatismo e ele passa a não mais defender seus ideais com seus próprios argumentos, contudo, defende cegamente a ideia do grupo que se apossou de seus próprios ideais.

Erikson (1976) aponta que isto ocorre com adolescentes que se integram, por exemplo, em grupos nazistas e fascistas. A grande preocupação do adolescente em encontrar um papel social causa conflito de identidade, por fim, a preocupação com a opinião dos outros faz com que o adolescente modifique sua atitude, transformando sua personalidade, na maioria das vezes, em um período muito curto, seguindo o mesmo ritmo das transformações físicas que acontecem com ele. No entanto, o conflito de identidade pode ser muito bom para sua formação, na crise, quanto melhor o adolescente tiver resolvido suas crises anteriores, mais possibilidade terá de alcançar a estabilização da identidade. Quando esta identidade estiver solidificada, ele será capaz de se estabilizar na relação com o outro, conquistando, segundo Erikson (1976), lealdade e fidelidade com seu próprio eu, com seus propósitos, conquistando o senso de identidade prolongada.

Esta perspectiva desenvolvimentista sobre a questão da transição para a vida adulta esta associada à normatização da transição da escola para o trabalho, segundo Monteiro

(2011), tradicionalmente, é neste momento em que o jovem se transforma para assumir responsabilidades do mundo adulto, indicando, assim, a transição de criança dependente para o adulto independente. Então, quando se pensa na criança do ponto de vista desta polaridade, o que se entende é que o problemático é a transição e não a natureza de sua destinação. Por conseguinte, as questões levantadas dizem respeito aos desvios do trajeto considerado padrão, tais como, sair da casa dos pais e não estar trabalhando, não os conceitos de criança, jovem e adulto (MONTEIRO, 2011).

Segundo Monteiro (2011), vários estudos foram feitos sobre o desenvolvimento humano, que abrangeram dois enfoques diferentes: biológico-evolucionista e pedagógico-normativo. O primeiro enfoque diz respeito ao modelo de crescimento orgânico vindo da medicina, onde as funções psicológicas são consequências das mudanças de maturação organizadas em sequência hierarquizada, tais como a teoria desenvolvida por Piaget, e o segundo modelo é relativo à normatização do processo da passagem da infância à vida adulta, enquanto processo de socialização. Em relação a este aspecto, de acordo com Monteiro (2011), as sequências de eventos desenvolvimentais se aproximam muito da sequência de dispositivos institucionais da vida adulta.

Segundo Fonkert (1998), a adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano de fundamental importância, este momento é crucial para o indivíduo. Esta fase se caracteriza por diversas mudanças ou crises, cuja resolução determina em grande contribuição para determinar a qualidade da vida adulta. Desta forma, Fonkert (1998, p. 172) afirma que “a adolescência provoca uma alteração na organização existente em virtude da qual os recursos habituais podem tornar-se insuficientes ou inadequados para enfrentar nova situação, sendo que o desenvolvimento é atingido com a aquisição de novos instrumentais e a ‘superação da crise”.

Para Souza e Souza (2006), a juventude é caracterizada por domínio de si mesmo e sobre o mundo em torno de si, usando sua função psíquica superior. Dessa forma, o jovem costuma estar mais consciente da diferença que existe entre seu mundo interno e seu mundo externo, isto lhe causa muito conflito, mas o enriquece de experiências para improvisar sua vontade. Contudo, existem várias determinações agindo sobre essa vontade, mas ela é função sobre a qual se tem muito mais controle do que na infância. Além disso, o jovem apresenta características que o capacitam a fazer escolhas, tais como tomar decisões sobre seu projeto de vida.

O jovem na contemporaneidade, segundo Souza e Souza (2006), vive em contradição, em um momento existe padronização excessiva de gostos e de comportamentos, em outro momento, a condição de jovem o define como alguém que possui grande capacidade de se transformar. Mas, nem sempre os contextos nos quais esse jovem se insere contribuem para o desenvolvimento do pensamento questionador e transformador.

Kehl (1997) descreve, de forma crítica, como os jovens são vistos na contemporaneidade. Esta autora cita que nos anos 1920 existia valorização dos velhos, enquanto os jovens precisavam imitá-los, tais como, na forma de vestir, deixar a barba crescer para que fossem respeitados. Contudo, o crescimento do capitalismo começou a despertar a juventude, a partir daí este cenário se transformou e ser jovem virou um *slogan*, um clichê publicitário, como condição para pertencer a uma elite atualizada e vitoriosa. Do mesmo modo, Kehl (1997) descreve a juventude na sociedade atual da seguinte forma:

A juventude se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade (KEHL, 1997, p. 7).

Desta forma, para se tornar existente, a cultura de consumismo fez com que a obtenção de mercadorias se tornasse essencial para que as pessoas fossem felizes. Hoje em dia, criou-se a cultura de quanto mais tempo a pessoa puder se considerar jovem, melhor será para ela, melhor para a indústria de coisas descartáveis e para a publicidade, que fazem a sociedade acreditar que determinados critérios levam à juventude perpétua. Isto faz com que o adulto transforme seus ideais em valores e cultura adolescente e deixa de fazer o papel de adulto, ou seja, ninguém quer estar do lado “careta”.

Kehl (1997, p. 7) descreve brilhantemente que “esta liberdade cobra seu preço em desamparo: os adolescentes parecem viver num mundo cujas regras são feitas por eles e para eles, já que os próprios pais e educadores estão comprometidos com uma leveza e uma ‘nonchalance’ jovem,” ou seja, os responsáveis por educar foram dominados por uma displicência jovem.

3.2 A importância dos pares

A relação com os pares inicia-se durante a infância, quando as crianças começam a se socializar, onde elas têm oportunidade de interagir e desenvolver determinadas competências sociais, como o controle das emoções (McELWAIN, VOLLING, 2005). Porém, quando sai da esfera familiar, a criança começa a fazer amizades e a ter outras relações interpessoais, com as quais aprende as regras da vida na comunidade e as regras das futuras relações interpessoais. Segundo Hartup (1989), quando o adolescente apresenta as primeiras manifestações de amizade tem a ver com cooperação e reciprocidade, e, acrescenta, que os amigos tendem a ser mais conciliadores para resolver os problemas e conflitos.

Segundo Salles (2005), na sociedade moderna existia uma preparação acentuada do processo educativo, a diferença entre criança, adolescente, jovem e adulto era firmemente estabelecida. Ao passo que, na sociedade contemporânea, existe uma aceleração pelo consumo, pelo imediatismo dos desejos, onde ocorrem as mudanças das relações familiares e da relação criança/adolescente/adulto, desse modo, o processo de socialização é diferente daquele que ocorria na modernidade. A autora, também, aponta que as tecnologias da comunicação, como a televisão e a *internet* tornam possível que o acesso às informações aconteça sem o controle parental. No entanto, a observação das relações que é feita entre pares de adolescentes dá significação à sua idade, cria normas e percebe a influência do gênero na construção da sua identidade, demonstra a necessidade de entender as crianças como sujeitos e não só como sujeitadas ao processo de socialização.

Segundo Castro (1998, p.194), “as relações que as crianças e adolescentes estabelecem com os outros se dão cada vez mais com os seus pares, de forma que eles sejam excluídos em *grupos*”. Na sociedade atual, crianças, jovens e adultos pertencem aos espaços diferenciados e padronizados por faixa etária. As crianças continuam se preparando para o seu futuro e para serem adultos. A ida à escola para se prepararem para o futuro permanece como um objetivo mesmo que a percepção da escola se transforme, sendo agora ressignificada como um lugar de encontrar os amigos.

Os jovens, apesar de a família de cada um ser importante nos seus processos de escolha, são influenciados pelos pares, que são os outros significativos na sua vida. Harris (1995) contrapõe-se aos autores que destacaram o papel da família, demonstrando em seu trabalho evidências de que o papel dos pais não tem efeito duradouro ou decisivo no desenvolvimento infantil, mas que o contexto no qual vivem as crianças, seu processo de

socialização e seus pares são, na realidade, os responsáveis pela formação da criança, sendo estes os responsáveis pela transmissão cultural e, conseqüentemente, pela construção dos valores.

Os conflitos são acentuados nesta fase do desenvolvimento, apesar destes serem inerentes a todas as fases do desenvolvimento humano, pois as pessoas são diferentes, possuem descrições pessoais e particulares de sua realidade e, por conseguinte, expõem pontos de vistas distintos, muitas vezes adversos. Por outro lado, Fonkert (1998) acrescenta que os conflitos são fundamentais para que se estabeleça harmonia nas relações quotidianas.

Fonkert (1998) aponta, também, que a fase da adolescência é uma etapa cheia de criatividade e muito excitante, no entanto, confusa, do ciclo vital familiar e quando o jovem constrói sua individuação, rejeita os valores, questionando-os e desafiando as regras. Todo este processo de individuação envolve um distanciamento entre os adolescentes e as antigas figuras de referência, como a família e a escola, quando tendem a privilegiar o compartilhamento de experiências com os seus pares. De acordo com Oliveira, Camilo e Assunção (2003), os grupos de pares assumem um papel importante na formação da subjetividade dos adolescentes e representam, em algumas formas de atividade, seus principais interlocutores na atribuição de significado às experiências cotidianas.

Na sociedade contemporânea tem se potencializado a importância dos grupos de pares de adolescentes e jovens. O grupo parece representar uma fonte de socialização menos repressiva que a família (MARQUES, 1996), assumindo um forte papel como referencial social. Entre os pares, os jovens são menos exigidos a negociar perspectivas e encontram oportunidade de legitimar os próprios sentimentos e a forma de ver o mundo, direcionado pela identificação, compreensão e aceitação do grupo.

Quando se observa os aspectos da individualidade, é preciso entender que os adolescentes não são recipientes passivos ou objetos controlados por influências familiares ou sociais e nem por determinações externas, ou seja, são participantes ativos do processo de formação de vínculos e de transmissão de normas. Suas características físicas, emocionais e sociais interagem na dinâmica de socialização, criando uma transformação subjetiva dos fatores externos (OETTING, DEFFENBACHER, DONNERMEYER, 1998).

Voltando a falar sobre a transição dos jovens para a vida adulta, que se tornou objeto de preocupação e investimento de diversas ações sociais, o governo foi responsável por desenvolver Políticas Públicas em universidades e sociedade civil, enquanto a mídia

demonstra preocupação com o futuro dos jovens, principalmente com aqueles que enfrentam a desvalorização de suas qualificações escolares ou que se encontram em risco de exclusão social. Tudo isso é justificado pelo panorama atual da crise e as consequências do contexto relacionado à transição, principalmente, concebida, tradicionalmente, pelo eixo escola-trabalho (MONTEIRO, 2011).

Segundo Monteiro (2011), na sociedade contemporânea, no Brasil, existe um novo eixo de análise da juventude, ou seja, a transição para a vida adulta, focando o olhar vigente, atualmente, para esses jovens, por parte das Políticas Públicas, que se concentra nas ideias de revoltosos, marginais e delinquentes. Além desta problematização sociológica da juventude, contudo, existe outra versão da juventude enfatizando o problema social, envolvendo questões como inserção profissional, prolongamento da escolaridade, novas configurações das relações amorosas e familiares. Pais, Cairns e Pappamikail (2005), em seus estudos, também relataram o problema que ocorre nas transições para a vida adulta, mostrando que estas preocupações aumentaram entre pesquisadores e agentes políticos confrontados com processos sociais de transformação que vêm modificando o mercado de trabalho, o sistema de ensino e as dinâmicas familiares.

Pais et al (2005) demonstram preocupação com o que vem acontecendo nas últimas décadas, que está se configurando como um novo campo de estudo e se tornou um dos principais temas de análise da juventude. Portanto, acoplado aos dois eixos analíticos clássicos de juventude, um a juventude como categoria social (características convergentes) e o outro ponto, juventude como conjunto de grupos culturais autônomos (características divergentes), estes autores apontam que, nos dias atuais a existência de um terceiro eixo de análise, isto é, de estudos e reflexões sobre como se sai da condição juvenil. Assim, uma diversidade de pesquisas tem sido realizada no intuito de caracterizar um novo panorama, onde a estabilidade é mudada pela dúvida e pelo risco, o que chama a atenção para a necessidade de novas visões teóricas na problematização dos modelos de transição para a vida adulta (PAIS et al, 2005).

O questionamento sobre a definição do que significa ser jovem é extremamente complexo, pois existe uma multiplicidade de respostas dadas pelos pesquisadores nas últimas décadas. Além disso, existem propostas que, por sujeições metodológicas, reduzem a juventude a um determinado espectro de idades, isto é, o que acontece em pesquisas baseadas em amostras classificadas por faixas etárias. Então, a sociologia da juventude desenvolveu-se da seguinte maneira: “de *grosso modo*, segundo dois eixos analíticos principais, o primeiro,

por meio de abordagens que procuram definir e entender as características convergentes da ‘juventude’ como categoria social” (PAIS et al, 2005, p. 110), os que incrementam elementos cristalizadores, que estabelecem traços comuns na juventude. O segundo, os estudiosos engrandecem fatores discriminantes que criam clivagens internas no mundo jovem (PAIS et al, 2005).

Por outro lado, há consenso entre os pesquisadores sobre a transição para a vida adulta, segundo Monteiro (2011), esta transição não é mais vista como um momento de passagem, mas como uma etapa da vida. Esta autora apresenta esta etapa como um espaço novo para se produzir e reproduzir práticas e representações específicas para se promover uma identidade. Não se resume em uma passagem com conflitos e mudanças, portanto um período de transição que se constitui por si próprio, isto é, nesta fase surgem as dificuldades individuais. A crise na adolescência apareceu na sociedade moderna, pois na sociedade tradicional isto não existia. Segundo Lucchiari (1993), no mundo contemporâneo acentua-se a valorização do conhecimento e um investimento na escolaridade para estes jovens.

De acordo com Lucchiari (1993), uma das mudanças ocorridas na adolescência é a busca por uma escolha profissional, que se torna decisiva para a vida destes jovens e é importante para a família. Nesta transição, o jovem ao término do Ensino Médio aumenta sua busca por uma profissão, pois o momento de ingresso na faculdade e/ou no mercado de trabalho gera a necessidade de escolha de um curso superior ou de uma profissão. Segundo esta autora, a necessidade da escolha não afeta apenas o jovem, a família também é afetada, principalmente aquela que busca se realizar por meio dos filhos.

O trabalho, segundo Monteiro (2014), também influencia o jovem nas mudanças relacionadas aos processos de “individualização e flexibilização”, considerando sua importância como organizador da vida social. Num cenário atual da sociedade, os jovens são os mais afetados com a crise de emprego, onde são obrigados a reformularem suas funções e significados. Adicionalmente, esta mesma autora, apesar desta visão pessimista, observa que, no Brasil, o trabalho é fundamental e possui função relevante para os jovens. Então, neste processo de transição para a vida adulta, vários elementos como, conjugalidade, parentalidade, fim da escolaridade, saída da casa dos pais entram em jogo (MONTEIRO, 2014).

Monteiro (2014) descreve que durante o período histórico da humanidade, existe uma transformação em um “sujeito-produtivo”, isto é, em um sujeito “inserido na lógica de produção e contribuição na sociedade”, isto que tem simbolizado para o jovem, seus pares e a

sua comunidade, a sua ascensão para se identificar como adulto, ou seja, ser reconhecido como adulto. Assim, quando o adolescente entra na vida adulta, de forma tradicional, se espera sua transformação em um “sujeito-produtivo”, e que o adolescente encontre um novo lugar no sistema social enquanto ocorram mudanças em sua subjetividade no sentido de se tornar adulto.

Ao invés de o trabalho fazer o papel social, com a função de organizar e orientar a entrada na vida adulta, ele se transforma num registro de “escolha” e será avaliado como uma expressão de “autorrealização”. Quando ocorre o desemprego, a crise ocasiona uma nova definição do horizonte temporal, onde os indivíduos pensam no seu futuro.

Outra mudança significativa na vida do jovem é a saída da casa dos pais para ingressar na Universidade. Este momento constitui-se em ponto fundamental para o ingresso na vida adulta, que significa tornar-se responsável por si mesmo, além de lidar com diversos aspectos relacionados a esta transição da maneira que achar melhor (CARTER, MCGOLDRICK, 2001). Porém, muitas vezes, tal situação é vivenciada pelo jovem de maneira contraditória, por um lado, existem grandes expectativas sobre a conquista da autonomia com a realização do ensino superior e pelo outro, um sentimento de ansiedade frente aos desafios dessa mudança. (ALMEIDA, 2007).

Este período de mudanças, segundo Lahelma e Gordon (2003), aponta que a saída destes jovens da casa dos pais para a Universidade significa uma das maiores transições da fase adulta, juntamente com a formação de um casal e a entrada para o mercado de trabalho; Erikson (1976) e Levinson (1997) definem esta situação como uma fase de vida específica que antecede a idade adulta, chamada de Idade Adulta Jovem e Transição da Idade Adulta Jovem, respectivamente. Por conseguinte, este período resulta em vários desafios, tarefas e incertezas que, quando resolvidos, darão espaço à idade adulta propriamente dita.

Na sociedade contemporânea há tendência ao prolongamento da adolescência e da juventude, o tempo de estudo se prolonga, a entrada no trabalho se dá mais tardiamente e a constituição da própria família é postergada (PERALVA, 1997). As condições atuais implicam uma longa transição do período de adolescência e juventude para a idade adulta, fazendo com que os estilos de vida sejam experimentados.

Em função da extensão desta fase, a ONU utiliza o termo juventude para a faixa etária entre 15 e 24 anos, pois não são assumidas responsabilidades que antes eram consideradas responsabilidades adultas, já que o casamento foi postergado e a necessidade de permanecer

com a família, criando, assim, uma emancipação tardia. Aumentou o número de nascimentos fora do matrimônio e existem variadas situações que levam o indivíduo a conviver com mais pessoas de diferentes idades e ambientes, sem laços consanguíneos com a maioria delas, com diferentes escalas de valores, ideias e crenças (VARGAS, NELSON, 2001).

A escola, também, foi responsável pela mudança do papel do adolescente, na idade moderna, esperava-se que este fosse preparado para assumir uma profissão, portanto, os cursos costumavam ter uma vertente profissionalizante bastante acentuada. Atualmente, a educação básica busca somente fornecer subsídios para o desenvolvimento pleno do ser humano, sem a preocupação da profissionalização (VARGAS, NELSON, 2001).

4 ESTRESSE EM UNIVERSITÁRIOS

Na literatura científica encontram-se variadas definições sobre estresse, onde existe uma gama de teorias e modelos, embora existam divergências, todas as teorias trouxeram importantes contribuições sobre o tema proposto.

O termo estresse veio da língua inglesa, inicialmente, foi usado para definir o grau de deformidade sofrido por um material quando submetido a um esforço ou tensão (BENEDETTI, OLIVEIRA, LIPP, 2011). Selye (1965), médico endocrinologista, foi um dos primeiros que transferiu o conceito de estresse da física de materiais para a medicina e biologia, que definiu o estresse como uma resposta não específica do corpo a uma demanda sobre ele. O esforço de adaptação do organismo para enfrentar novas situações que considera ameaçadora à sua vida e ao seu equilíbrio interno.

Quando se ouve o termo estresse, parece que é sempre ruim para o indivíduo, contudo não é necessariamente um processo nocivo ao organismo. Selye (1965) aponta que a intensidade do estresse, quando positiva e/ou breve, com respostas suaves e controláveis, pode ser estimulante e até excitante para o ser humano, o que pode possibilitar crescimento intelectual e desenvolvimento emocional. Quando o estresse é positivo, ele denominou de *eustresse*. A noção de estresse como uma forma negativa, como adoecedor, foi denominada de *distresse*, que foi definido como o estresse que ultrapassa um limite acima da capacidade do indivíduo.

Segundo Corral-Mulato, Baldissera, Santos, Philbert e Bueno (2011), estresse surge como manifestação da relação pessoa e mundo, de suas experiências vividas no passado e de suas expectativas de futuro. O estresse pode ser causado por geradores internos, como emoções e pensamentos, bem como por geradores externos, tais como interação social e solução de problemas. Além disso, segundo estas autoras, as pessoas abrem mão de estratégias para se defender do estresse e elas o classificam como positivas “busca de apoio social, exercer algum *hobby* etc”; e estratégias negativas “fazer o uso de substâncias psicoativas, como álcool, drogas, tabaco e medicamentos” (CORRAL-MULATO et al., 2011, p. 111).

O estresse é definido por Lipp e Malagris (2001, p. 391) como “uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, causada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrita, amedronta, excita ou confunde, ou mesmo que a faça imensamente

feliz”. Segundo Lipp (1997), o que determina os sintomas de estresse é a capacidade de o organismo em atender as exigências do momento, independente destas serem de natureza positiva ou negativa. A resistência aos desafios enfrentados é também influenciada consideravelmente pelas estratégias de enfrentamento ou *coping* presentes no repertório da pessoa.

Malagris e Fiorino (2006) afirmam que é difícil compreender porque em situações agradáveis o estresse pode provocar várias reações psicofisiológicas como se fossem eventos desagradáveis. Estas autoras explicam que estas reações podem estar relacionadas à necessidade de adaptação, que é vivenciada em momentos de mudanças, tanto para melhor, quanto para pior.

Lipp e Malagris (2001, p. 475) definem os estímulos internos em “tudo aquilo que faz parte do mundo interno, das cognições do indivíduo, seu modo de ver o mundo, seu nível de assertividade, suas crenças, seus valores, suas características pessoais, seu padrão de comportamento, suas vulnerabilidades, sua ansiedade e seu esquema de reação à vida”. Já os estímulos externos “se referem aos acontecimentos da vida da pessoa, tais como dificuldades financeiras, acidentes, mortes, doenças, conflitos, questões político-econômicas do país, ascensão profissional, desemprego e problemas de relacionamento no trabalho” (LIPP, MALAGRIS, 2001, p. 475).

Além disso, Lipp e Malagris (2001) ressaltam as possíveis consequências do estresse excessivo para a vida das pessoas. Para estas autoras, é importante considerar as consequências do estresse para as mulheres, que em vários estudos realizados são mais suscetíveis do que os homens. Como apontam Lipp e Malagris (2001), altos níveis de estresse podem influenciar negativamente o bem-estar físico e emocional dos indivíduos, gerando problemas de ajustamento social, familiar, afetivo, de saúde e profissional.

Segundo Tanganelli (2001), observa-se que nos aspectos sociais pode ocorrer o isolamento do indivíduo em relação ao outro, além de conflitos interpessoais. Em relação às consequências familiares, verifica-se que as reações do estresse do indivíduo podem contribuir para a saúde física e mental de todos os membros da família (TANGANELLI, 2001). Lipp e Malagris (2001) também apontam que na área da saúde é possível verificar uma variedade de doenças que podem ser desencadeadas a partir de um estresse excessivo. Tais doenças são decorrentes das alterações psicofisiológicas que ocorrem e são associadas às predisposições individuais.

Muitos pesquisadores mencionam inúmeras complicações que podem surgir como parte de reações a situações estressantes como:

Arteriosclerose, distúrbios no ritmo cardíaco, enfarte e derrame cerebral. Outras doenças que podem ocorrer em função do estresse são diabetes, câncer (em face de diminuição da imunidade), úlceras, gastrites, doenças inflamatórias, colites, problemas dermatológicos (micoses, psoríase, queda de cabelo), problemas relacionados à obesidade e problemas sexuais como impotência e frigidez entre outros. Além das patologias físicas e mentais que podem ocorrer, há também uma queda na habilidade de se concentrar e de pensar de modo lógico com consequente queda de produtividade (LIPP; TANGANELLI, 2002, p.538).

O estresse excessivo também pode afetar a produtividade, tais como, decréscimo de concentração e atenção, incrementando desatenção e diminuindo a capacidade de observação (FONTANA, 1991). Segundo Lipp e Tanganelli (2002, p. 538), “as memórias de curto e longo prazo deterioram-se, reduzindo-se a sua amplitude e o reconhecimento, mesmo de aspectos familiares, diminui”. Além disso, estas autoras apontam que a velocidade da resposta se torna alterada, aumentando os índices de erros, afetam a organização e o planejamento em longo prazo, como, também, aumentam as tensões e os distúrbios de pensamento. Os traços de personalidade são afetados e crescem os problemas já existentes no indivíduo.

Em relação ao trabalho, e, por extensão, podemos relacionar aos estudantes, as consequências do estresse excessivo para os indivíduos acometidos acarreta graves prejuízos, com tendência a restrições de ordem moral e emocional, depressão, sensação de desamparo e baixa na autoestima (LIPP, TANGANELLI, 2002). Estas autoras também afirmam que:

Podem aumentar ou aparecer os problemas de articulação verbal, diminuir o interesse e o entusiasmo pelo trabalho, aumentando o número de faltas. Os níveis de energia ficam reduzidos, rompem-se os padrões de sono e o uso de drogas pode se instalar. É comum ocorrer o cinismo em relação aos colegas ou a própria clientela e uma tendência a ignorar novas informações resolvendo os problemas de forma cada vez mais superficial (LIPP e TANGANELLI, 2002, p.539).

A preocupação com a qualidade de vida do indivíduo tem recebido atenção de vários pesquisadores brasileiros. Lipp e Malagris (2001, p. 476) definem qualidade de vida como “um estado de bem-estar físico, mental e social e não só a ausência de doenças” e afirmam que “as pessoas que se consideram felizes atribuem sua felicidade ao sucesso em quatro áreas (social, afetiva, saúde e profissional)”.

Ainda, de acordo com Lipp e Malagris (2001), como os efeitos do estresse excessivo e contínuo comprometem a saúde, tendo efeito facilitador no desenvolvimento de inúmeras

doenças, também propiciam, conseqüentemente, prejuízo para a qualidade de vida e produtividade do ser humano, o que gera grande interesse pelas causas e pelos métodos de redução do estresse. Outros autores como Torres e Coelho (2004), em relação ao tema estresse, acreditam que os indivíduos aprendem a analisar certos eventos como ameaçadores ou não. Eles apontam que uma pessoa que viveu mais situações de “controlabilidade” aprenderá que é possível ter controle sobre alguns eventos do ambiente, enquanto outra pessoa que viveu mais frequentemente situações de “incontrolabilidade” pode desenvolver, como regra, que não poderá exercer controle sobre nenhum evento em sua vida, mesmo que isso não seja verdadeiro.

Assim, a pessoa que teve história de excesso de controle, ao se deparar com um evento inicialmente avaliado como incontrolável, tenderá a se comportar de forma que possibilite modificá-lo (TORRES, COELHO, 2004). Portanto, este indivíduo possui tendência a apresentar respostas comportamentais adaptativas diante de uma mudança, diferente do indivíduo que não desenvolveu em seu repertório esse tipo de resposta. Sanzovo e Coelho (2007) consideram que essa análise seja fundamental para a compreensão do desenvolvimento do processo de estresse a partir de sua definição, apresentada aqui em termos de adaptação.

Desta forma, para Lipp e Malagris (1998), as fontes externas de estresse se referem a eventos que não dependem diretamente do controle da pessoa, isto é, mudanças inesperadas, problemas do cotidiano, acidentes ou doenças. Enquanto as fontes internas estão diretamente relacionadas ao indivíduo e aos comportamentos privados, podendo constituir-se no padrão comportamental apresentado, nível de assertividade, vulnerabilidade, entre outros.

Segundo Santos (1995), o estresse está relacionado a alterações ambientais aversivas, nas quais o indivíduo precisa apresentar respostas de adaptação, eventos que demandem algum tipo de adaptação, pois podem ser considerados estressores. Então, um único estressor não poderá levar o indivíduo ao estresse, mas a combinação e o acúmulo de vários agentes estressores. Sanzovo e Coelho (2007) apontam que, quanto maior forem à intensidade, a frequência e o tempo de duração dos estressores, maior a probabilidade de se desenvolverem reações de estresse.

Santos (1995) também aponta que as fontes estressoras não são absolutas, ou seja, o evento acontece, mas, a maneira como a pessoa reagirá a esse evento é relativa, pois, cada pessoa pode reagir de maneira diferente a um mesmo evento estressor. Nessa perspectiva, entende-se que cada indivíduo possui um nível de tolerância à situação estressante diferente

dos demais. O analista do comportamento considera que as variáveis envolvidas no desenvolvimento e manutenção de transtornos “desadaptativos” se encontram no ambiente imediato e na história ambiental do indivíduo” (SANZOVO; COELHO, 2007, p. 228) .

Assim, segundo Sanzovo e Coelho (2007), os eventos estressores são analisados de acordo com a história pessoal do indivíduo e com as contingências presentes na vida da pessoa. Este autor aponta que “a sensibilidade às contingências geradoras de estresse diferencia-se de acordo com a condição genética do indivíduo e, principalmente, de sua história ambiental” (SANZOVO e COELHO, 2007, p. 228). Além do mais, estímulos positivamente reforçadores podem funcionar como agentes estressores tanto quanto os estímulos punitivos. Diferentes esquemas de reforçamento podem surtir efeitos estressores, seja por retirada de reforçamento (extinção), por baixa densidade de gratificação (reforçamento social), entre outros.

Enquanto, Murofuse, Abranches e Napoleão (2005, p. 257) apontam que, desde 1936, com a pesquisa de Selye, o termo estresse “tem sido amplamente utilizado, não apenas em pesquisas científicas, mas também pelos diferentes meios de comunicação, como pode ser verificado numa busca simples na *internet*, em que se encontram quase um milhão e meio de páginas ou *links*”, onde este termo é usado como sinônimo de cansaço, dificuldade, frustração, ansiedade, desamparo e desmotivação. Ele tornou-se responsável pela maioria dos males que afligem a humanidade, principalmente os relacionados ao estilo da vida urbana a partir do século XX. Os autores acrescentam:

Com a disseminação progressiva do conceito de estresse no discurso popular, ele passou a ser utilizado como uma ação resultante de uma “força invisível” e difusa que agiria como intermediária entre o indivíduo e o meio ambiente em que vive e trabalha. Essa popularização poderia indicar um envolvimento para além do interesse científico (MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005, p. 257).

Existem outros modelos conceituais sobre o assunto. Dentre eles, situam-se os modelos psicossomático, psicológico, avaliação cognitiva, modelo bioquímico e o interacionista (MUROFUSE, ABRANCHES, NAPOLEÃO, 2005). No século XX, os pesquisadores Costa e Polak (2009) iniciaram investigações sobre o efeito do estresse na saúde física e mental dos indivíduos, o modelo interacionista considera a subjetividade do indivíduo como fator determinante da severidade do estressor. Ele é avaliado de acordo com o indivíduo, de suas experiências e possíveis recursos para seu enfrentamento. Desta forma,

essa interpretação é o resultado da aprendizagem que ocorre durante o processo de nossa vida e se dá a determinados eventos que os tornam estressantes.

Os pesquisadores Lazarus e Folkman (1984), neste contexto, fazem menção que a avaliação do indivíduo frente a um estressor constitui-se em um processo essencial para a conceituação de estresse, por existir a interação da pessoa com o ambiente. O estresse ocorre, neste momento, quando o estudante avalia as demandas como excessivas para os recursos de enfrentamento que possui, o que pode representar um risco à saúde desses indivíduos (STACCIARINI, TRÓCCOLI, 2001).

Segundo Minayo e Souza (2003), o estresse é um mecanismo importante para o equilíbrio de nossa saúde mental, pois consiste numa resposta não específica do organismo a qualquer estímulo colocado sobre ele, podendo ser positivo ou negativo. Quando lidamos com situações ameaçadoras é mediada pelo nível de ansiedade que o indivíduo possui, quanto maior a ansiedade, maior as consequências para o organismo. No entanto, existem estratégias para lidar com o estresse.

Corral-Mulato, Baldissera, Santos, Philbert e Bueno (2011) descrevem que o enfrentamento pode ser feito de modo que mude ou adapte o comportamento da pessoa às situações vivenciadas, para que venha a reduzir a ansiedade e restaurar o equilíbrio com menor prejuízo possível à qualidade de vida. Vários recursos podem ser utilizados para prevenção do estresse, tanto na vida pessoal, quanto profissional, como a prática do lazer e do descanso. Além do mais, estas autoras apontam que existem outras formas de enfrentar o estresse, como mudança de conduta com relação à vida e seus acontecimentos.

Então, uma forma de se combater o estresse é a prática regular de exercícios físicos e de relaxamento, alimentação bem balanceada, relaxamento e domínio das tensões. A utilização desses recursos acarreta melhoria na saúde psicológica e física. O lazer é essencial para a vida do ser humano, pois, isto permite com que o indivíduo descanse e recupere suas energias, reparando tanto suas capacidades físicas, quanto mentais. A conduta otimista e práticas de autocontrole também devem ser uma prática utilizada na prevenção do estresse (CORRAL-MULATO et al, 2011). Estas autoras apontam que o processo de combate ao estresse capacita o indivíduo na construção do conhecimento e corrobora com a necessidade de uma ação real, gerando a transformação de problemas autênticos.

Ao mesmo tempo, o entendimento do que é estresse, seus sintomas e suas fases, pode levar o indivíduo a aprender a utilizar, de forma produtiva, a força gerada pelo estresse. No

entanto, o desconhecimento sobre o assunto e o tratamento inadequado podem levar a várias doenças orgânicas. Mas é positiva a utilização de estratégias de relacionamento, como ser mais tolerante, encarando a dificuldade como possibilidade de crescimento pessoal (CORRAL-MULATO et al, 2011).

O início da vida universitária pode acarretar nível muito alto de estresse e desenvolver, nos estudantes, problemas psicológicos, dentre outras psicopatologias. É o período em que os jovens são mais suscetíveis ao impacto de mudanças. Além de alterações psicossociais, os ingressantes deixam seus lugares de origem ao iniciarem o curso de graduação, geralmente, enfrentam perdas afetivas, como o rompimento diário de convivência com família e amigos (CERCHIARI, 2004). Trata-se de um momento bastante peculiar na vida do indivíduo, pois é geralmente sincronizado com mudanças e adaptações próprias da transição da adolescência para a vida adulta (POLYDORO, 2000).

Apesar de serem poucos os estudos sobre o estresse em estudantes universitários, existem pesquisas de autores que objetivaram avaliar níveis de estresse em universitários (FIGUEIREDO, OLIVEIRA, 1995), (CAMPOS, ROCHA, CAMPOS, 1996), (WITTER, 1997), (MONARDO, PEDON, 2005), (MARTINS, TREVISANI, AMORIM, 2005). Por outro lado, há considerável número de trabalhos técnico-científicos encontrados na literatura disponível sobre estresse; entretanto, em consulta realizada na base de dados brasileira *Scielo*, foram encontrados 160 trabalhos com o tema estresse, quando a busca foi associada à palavra estudante universitário foram encontrados cerca de três trabalhos.

Na sociedade atual, o ingresso do estudante em uma universidade, principalmente para as universidades do governo (estaduais e federais), normalmente é vista como uma mudança de vida e, pode-se afirmar que é uma ascensão na vida que envolve novas oportunidades (BERNIER, LAROSE, WHIPPLE, 2005).

Quanto à fase de maior ocorrência de estresse no ambiente universitário, segundo Furtado, Falcone e Clark (2005), a alta ocorrência de estresse nos primeiros anos de curso é o fato do ingresso na faculdade ser uma fase de transição em termos de estilo de vida, exigindo, portanto, um período de adaptação às diversas mudanças inerentes à vida acadêmica. O aumento da ocorrência de estresse no último ano pode estar associado à expectativa de entrar no mercado de trabalho.

Assim, como relatado no texto a seguir, em pesquisa conduzida em estudantes de medicina de uma Universidade Pública, é provável que o efeito seja similar para estudantes de outros cursos:

Os estudantes de medicina “sobrevivem” aos estressores. No entanto, é necessário reconhecer que eles existem e que podem prejudicar o funcionamento psicossocial do aluno, bem como de seu futuro desempenho profissional. Neste sentido, torna-se importante o desenvolvimento de serviços de assistência psicológica aos estudantes de medicina que visem não apenas o tratamento clínico de distúrbios psicológicos, mas também o oferecimento de programas de desenvolvimento de habilidades para lidar com os estressores. Estes programas podem auxiliar o aluno a identificar os fatores de risco para o surgimento de estresse, a reconhecer em si a ocorrência de eventuais dificuldades e a utilizar estratégias adequadas para lidar com elas (FURTADO; FALCONE; CLARK, 2005, p. 8).

Baptista (2004) aponta que tanto o estresse quanto a depressão influenciam na produção e desempenho acadêmico dos estudantes, pois debilitam a capacidade de raciocínio, memorização, motivação e interesse do jovem com relação ao processo ensino-aprendizagem. O prolongamento ou a exacerbação de uma situação específica, de acordo com as características do indivíduo no momento, podem gerar alterações indesejáveis.

Mondardo e Pedon (2005), em suas pesquisas com estudantes universitários, demonstraram que o estresse não afeta só o período das disciplinas básicas, mas também ao longo da vida universitária. Os autores sumarizam conforme o texto a seguir:

Na Universidade, o estudante assumirá atividades de alto desempenho, exigindo dele a concentração de esforços. A rotina de estudos constante e crescente. A rotina de estudos constante e crescente pode se tornar um fator potencialmente estressor, pois a vida acadêmica representa, sem sombra de dúvidas, um aumento de responsabilidade, ansiedade e competitividade (MONDARDO; PEDON, 2005, p.7)

A mudança de estilos de vida socioeconômicas, sociocultural, tecnológica etc. afetam a qualidade de vida do indivíduo. Assuntos como doenças psicossomáticas e desempenho acadêmico têm causado preocupação em pesquisadores e especialistas (MONDARDO, PEDON, 2005). Além disso, estes autores apontam que o estresse é inevitável devido as constantes adaptações no decorrer da vida das pessoas, exigindo capacidade de adaptação da mente e do corpo. Eles afirmam que:

Dentre as repercussões cognitivas possíveis, destacam-se o decréscimo da atenção e da concentração, deterioração da memória, aumento do índice de erros, dificuldade e demora na resposta a estímulos. Esses aspectos, sem dúvida, repercutem no processo de ensino-aprendizagem, podendo estar associados ao desempenho acadêmico de crianças e adultos (MONDARDO; PEDON, 2005, p.8).

Pallavicini, Venegas e Romo (1988) realizaram uma pesquisa sobre a influência do estresse em estudantes de medicina da Universidade Católica do Chile, onde encontraram que 91% dos estudantes haviam experimentado estado de tensão que variava de três a quatro dias até vários meses. A influência do estresse causou tensão muscular, falta de tranquilidade, ansiedade, irritabilidade intensa, sintomas somáticos em diferentes órgãos, cansaço diante de esforços habituais ou esgotamento permanente, acompanhados de desinteresse ou falta de concentração mental. Estes sintomas, conhecidos como psicossomáticos, aumentavam do terceiro ao quinto ano, predominando no último. Estes pesquisadores demonstraram, em seu estudo, que os estudantes consideraram as principais causas de estresse as exigências acadêmicas excessivas e a falta de tempo para desenvolver seus anseios afetivos e espirituais (PALLAVICINI, VENEGAS, ROMO, 1988).

As pesquisas demonstram que as presenças de fatores estressantes em universitários têm afetado a saúde de estudantes. Tais estudos demonstram que a pressão para aprender, a grande quantidade de novas informações, falta de tempo para atividades sociais podem contribuir para o aparecimento de sintomas depressivos nos estudantes (SOUSA, SOUZA, 2006).

Figueiredo e Oliveira (1995), em seus estudos, apontam que o estudante, ao ingressar na universidade, passa por situações de crise, quando este estudante sai pela primeira vez de seu ambiente familiar, depara-se com um mundo desconhecido, podendo, então, viver vários conflitos; conseqüentemente poderá acarretar desequilíbrio emocional, provocado pela insegurança surgida nessas novas relações. Quando o jovem não consegue superar esta crise ocasionada pela dificuldade de adaptação às novas vivências ou ao novo ambiente, poderá surgir estresse, provocando problemas orgânicos, dificuldades de relacionamento, baixa produtividade escolar, angústias, estados de depressão, apatia e, em situações mais acentuadas e extremas, ocorrer perda de interesse pela vida, que pode levá-lo ao suicídio (FIGUEIREDO, OLIVEIRA, 1995).

Figueiredo e Oliveira (1995) acrescentam que 15% das pessoas que sofrem de estado depressivo correm o risco de morrer por suicídio e que o suicídio é a segunda causa de morte entre estudantes universitários. Existem situações menos graves em que o aluno não entra no quadro depressivo, mas vive constantemente tenso com a sua situação acadêmica.

Cerchiari, Caetano e Faccendai (2005) demonstraram, em seu estudo com estudantes universitários, que os problemas não só aparecem no início da universidade, mas durante toda a vida acadêmica. Em suas pesquisas, encontraram que 1/4 dos alunos diagnosticados com algum tipo de doença psiquiátrica que procurou atendimento, a depressão apareceu como distúrbio de maior prevalência. Estes autores citam pesquisas na Finlândia, onde foi feito o perfil de uma clientela atendida no serviço de saúde universitário e concluíram que ansiedade e medos constituíram 35% dos sintomas; depressão e solidão totalizaram 21% e dificuldades nas relações sociais foram 18%. Demonstraram, ainda, que a frequência de distúrbios psiquiátricos na população universitária variou de 6% a 29%.

Esta pesquisa reforça outras pesquisas feitas com universitários de um país desenvolvido, onde os distúrbios psicossomáticos também foram predominantes na saúde mental dos participantes. Estes fatores influenciaram na falta de confiança e na capacidade de desempenho, gerando tensão ou estresse psíquico, que por sua vez, manifestam-se, também, no corpo, acarretando, nos estudantes, dificuldades em lidar com as emoções em situações de conflito, não conseguindo expressá-las por palavras manifestando-as através do corpo (CERCHIARI, CAETANO, FACCENDAI, 2005).

Nas pesquisas supracitadas, as variáveis escolhidas são importantes para o processo educativo e saúde mental do estudante; todavia, o universo destes fatores não é esgotado. Vários fatores, tais como insatisfação com a universidade e sua influência na saúde mental do estudante, não foram aprofundados. Estes pesquisadores questionam qual seria a razão das dificuldades emocionais dos estudantes ou se a universidade não estaria correspondendo às expectativas destes, desencadeando distúrbios emocionais.

A complexidade dessas questões, segundo Cerchiari, Caetano e Faccendai (2005) não são únicas e são difíceis de serem respondidas, pois existe pouca literatura nacional nesta área, haja visto que os participantes pesquisados buscaram na universidade, além de evolução cultural ou intelectual, mudança de vida por meio da inserção no mercado de trabalho. Contudo, ela representa um caminho de acesso à inserção, o que, conseqüentemente, produzirá mudanças nas condições originais da família desses estudantes.

5 ALOJAMENTO OU MORADIA ESTUDANTIL

A preocupação dos jovens, ao ingressarem no ensino superior, iniciou-se na década de 1950, formando na década de 1960 um grupo de expressão política que adquiriu visibilidade social (LARANJO, SOARES, 2006). Neste período, os jovens de classe média começaram a ter maior acesso à universidade que, até então, era privilégio das classes mais altas do Brasil. Assim, no final do século XX, as classes menos privilegiadas tiveram maior acesso às universidades, 10% dos jovens da população total do país (LARANJO, SOARES, 2006). Então, foi criada a assistência estudantil como direito para os estudantes com baixa renda, dentro da realidade brasileira.

Esta assistência precisa ser melhorada para ser eficaz, para garantir condições para que o estudante permaneça na Universidade e conclua seu curso, as ações devem ser avaliadas para que se entendam as implicações para a população-alvo (GARRIDO, MERCURI, 2014). Uma dessas assistências se refere à moradia estudantil ou alojamentos universitários, voltados para um público com dificuldades socioeconômicas e oriundo de localidades distintas daquela onde estão situadas as instituições em que estudam. É uma forma de compreensão limitada acreditar que os alojamentos foram feitos, simplesmente, para alojar alunos carentes. A realidade é que esse lugar tem sido negligenciado, instituindo-se, apenas, com a função de alojamento, onde as condições físicas se apresentam de forma precária (GARRIDO, MERCURI, 2014).

Entretanto, é reconhecido que a moradia estudantil é indispensável para garantir a permanência dos estudantes com vulnerabilidade social nas IES até a conclusão do curso. Além disso, os alojamentos fazem parte do ambiente acadêmico e têm importância fundamental na vivência acadêmica de seus moradores. Assim, é crucial que a Universidade amplie a compreensão de que a moradia estudantil é parte relevante do ambiente universitário, também responsável pela formação, que influencia na vivência do estudante. Destaca-se a importância de entender as implicações vindas da experiência de ser um estudante alojado.

No Brasil, os estudantes se deslocam de seus estados e cidades para ingressar nas IES por diferentes motivos, tais como, pela carência deste tipo de instituição no local onde vivem, pela procura de um curso de graduação que não é oferecido no local etc. Mudam-se, também, para usufruir das facilidades que a localidade escolhida oferece ou os convênios estabelecidos entre IES, que trazem facilidades no processo de formação entre seus integrantes ou, ainda,

para fazer uma pós-graduação específica e isto tudo se torna um desafio para o estudante, que é a sua moradia (GARRIDO, MERCURI, 2014).

Os estudantes procuram nas universidades algum tipo de suporte para garantir um local para morar durante a graduação e dedicar-se aos estudos. Geralmente, os alunos com vulnerabilidade social procuram este tipo de assistência, pois suas famílias não conseguiriam mantê-los na instituição. Estas Moradias também podem ser denominadas como residências universitárias, alojamentos universitários, casas dos (as) estudantes universitários e repúblicas estudantis (GARRIDO, MERCURI, 2014).

Garrido e Mercuri (2014) salientam que nem todas as IES brasileiras têm Moradias Estudantis e que algumas não têm vagas suficientes para suprir à demanda. Existem universidades em que o estudante recebe bolsa de auxílio-moradia e o próprio estudante tem que buscar um local para alugar. Geralmente, as moradias estudantis universitárias são residências encontradas nas Universidades Federais e tem como objetivo manter o estudante carente financeiramente, oriundos de outros municípios, outros estados ou até mesmo de outros países.

Estes alojamentos estão sob responsabilidade das universidades e sua regulamentação foi feita por decretos e portarias, o que causou diversidade de vários tipos de funcionamentos, como por exemplo, um projeto pedagógico que a reforçasse. As moradias estudantis, no contexto nacional, diferem umas das outras, no que se referem à população estudantil, assim como, os padrões arquitetônicos e o tipo de gestão (GARRIDO, MERCURI, 2014).

Existem várias formas de organização na composição dos moradores de alojamentos, isto é, há moradias que só admitem estudantes do sexo masculino e outras que permitem, somente, o ingresso de mulheres, até as que funcionam em categoria mista. Não é raro encontrar outras categorias como moradias para cursos específicos, outras que admitem estudantes de diversos cursos e, ainda outras para graduandos e/ou pós-graduandos (GARRIDO, MERCURI, 2014).

Destaca-se, também, a origem desses moradores, onde se predomina a heterogeneidade, são estudantes que vêm de diversos municípios do estado onde as universidades estão localizadas, de outros estados e, também, de outros países. O tamanho destas moradias também é variado, existem pequenos grupos dividindo um mesmo espaço e grandes moradias (GARRIDO, MERCURI, 2014).

No que se refere à administração dos alojamentos, a coordenação fica sob o comando das Universidades ou a combinação de dois aspectos, que são: “moradia autônoma é aquela gerida pelos próprios estudantes (quanto às formas de admissão, gestão de recursos disponíveis, regras internas etc.). O oposto disso seriam aquelas moradias que estão sob a coordenação de um setor da IES, responsável pela sua administração” (GARRIDO, MERCURI, 2014, p. 5), encontram-se, também, lugares onde os alunos residentes possuem autonomia em alguns aspectos.

Segundo Garrido e Mercuri (2014), a origem destas moradias se deu por iniciativas isoladas em vários momentos da realidade nacional. Muitas se interessaram pelo tema, tais como, pesquisadores, moradores e ex-moradores, que fizeram pesquisas com objetivo de resgatar a história de cada um desses lugares em particular. A história das moradias existentes é fruto de lutas locais, motivadas, especialmente, pela pressão estudantil e, em alguns casos, de projetos institucionais.

Souza e Souza (2009) pesquisaram sobre os significados atribuídos às Moradias Universitárias em Goiânia, utilizando o termo casas estudantis. Elas compartilharam com grande parte dos estudantes alojados, por longo tempo histórico, levando a construção destes significados. Para tanto, descrevem que “estes foram procurados nas manifestações em que são constituídos e apropriados por grande parte dos moradores, ou seja, nas manifestações que indicam maior estabilidade” (SOUZA e SOUZA, 2009, p. 6). Deste modo, a busca de significados difundidos nos alojamentos e nos encontros com seus moradores levaram a percepção de conflitos entre sentidos peculiares, onde é reforçado, com mais esta pesquisa, que os alojados aprendem e se apreendem, mais do que conteúdos e qualidades humanas.

Além disso, Souza e Souza (2009) apontam que quando se depara com a página das casas estudantis na internet, lê-se que casa do estudante é um lugar onde se tem uma comunidade ou micro comunidade, uma maneira diferente de aprender a viver, um lugar pra se aprender a ser mais humano e aprender o conceito de coletividade. Entende-se, portanto que o significado nestas páginas da Internet tem sua fonte nos movimentos coletivos.

Souza e Souza (2009) consideram que as moradias são vistas como espaços democráticos e solidários. Porém, o resultado da sua pesquisa demonstrou que os significados dentro das moradias nem sempre garantem esta realidade, pois alguns dos moradores expressam não se sentirem desta maneira, mas, ao contrário, acham que há invasão do espaço

do outro, portanto, há contradição entre significados e sentidos, que podem ser verificadas acompanhando as diversas manifestações destes moradores.

Por outro lado, Souza e Souza (2009), na referida pesquisa, demonstraram que há predominância da presença do significado da casa estudantil como espaço de aprendizagem de cultura, valores e ideais, além do mais, é um espaço para exercitar política, fazendo com que a convivência no alojamento seja importante para que os estudantes levem uma bagagem de experiências para a sociedade. Elas acrescentam que a aprendizagem é uma consequência de viver em alojamento, mas que alguns moradores aprendem de maneira sofrida, por trás do significado desta aprendizagem, eles sentem esta experiência como um grande sacrifício.

Quando o estudante sai de casa para ingressar na universidade, distante de sua residência, ele tem um curto espaço de tempo para se adaptar aos novos amigos, em alguns casos, dificuldades de formar novas amizades, procurar um percurso na cidade e dividir moradia com pessoas desconhecidas, ou seja, são forçados a lidar com novas fontes de estresse. Esta mudança de moradia, saída de casa, distância dos amigos para um alojamento universitário para iniciar uma nova habitação, muitas vezes, bem diferente de sua origem, ocorre juntamente com a transição para a vida adulta, que por si só, é repleta de vários desafios. Neste período há muitas alterações no mundo interno e externo dos estudantes (SOUZA, SOUZA, 2009).

De acordo com Schenker e Minayo (2003), a família é uma instituição primordial na construção do indivíduo. A primeira instituição responsável pelo primeiro processo de socialização das crianças e dos adolescentes. Com este ponto de vista, Simionato-Tozo e Biasoli-Alves (1998) descrevem a família como tendo a finalidade de estabelecer formas e limites para as relações estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas, propiciando adaptação dos indivíduos às exigências do conviver em sociedade.

Na tentativa de aliviar esta fase conflituosa de adaptação, muitos estudantes vão, com frequência, para a casa dos buscando maior apoio dos amigos e familiares. No entanto, nem todo estudante tem possibilidades de visitar a família, devido à distância e despesas com transporte. Estes fatores podem contribuir para desencadear estresse e causar vários problemas emocionais (SCHENKER, MINAYO, 2003).

Vários autores, como Garrido e Mercúrio (2014), fizeram pesquisas sobre as implicações que o ambiente institucional tem sobre a saúde dos estudantes, onde foi demonstrado que a permanência dos estudantes nesses espaços pode interferir em vários

aspectos de sua saúde. Nas pesquisas de Souza e Souza (2009, p. 6), estudantes alojados utilizaram palavras como: sobreviver, suportar e tolerar, para demonstrar a valorização da experiência, não como um significado verbalizado, como “viver em casa estudantil é treinar a tolerância”; no entanto, manifesta-se neste discurso um fato que está ligado às ações do dia a dia.

Souza e Souza (2009, p. 6) definem que “esses enfrentamentos não se vinculam diretamente à grandiosidade da aprendizagem, embora sejam constituintes dela, mas relacionam-se com questões muito básicas, como alimentação, espaço, posses”. Por isso, a condição socioeconômica é um fator importante para que a convivência diária seja envolvida por condições básicas como higiene, alimentação e espaço.

Tudo isso reflete nas interações sociais, apresentam conflitos e as relações se constroem e se desfazem formando grupos que tenham algo em comum. Além disso, existe disputa pelo ambiente físico, como quarto pequenos com vários estudantes. As moradias também têm moradores flutuantes, alguns de seus ocupantes moram durante um determinado período e ocorre muitas trocas de moradores (SOUZA, SOUZA, 2009).

Segundo Souza e Souza (2009), muitos aspectos, inclusive, no que diz respeito ao social, influenciam na experiência destes estudantes alojados, tais como, a transformação da convivência inicial; ou seja, é nesta adaptação que se forma uma rede de solidariedade favorecidas pela convivência em grupo. Constitui-se, neste momento, a construção de laços afetivos que poderão ser duradouros, assim como o espaço físico e as condições de interação repercutem nos aspectos de vida deste estudante. Ainda, a qualidade dessas moradias e suas características podem trazer várias consequências, tanto desejáveis, quanto indesejáveis, o que proporciona boa ou má qualidade de vida aos seus moradores.

Garrido e Mercuri (2014), em seus estudos, comentam a respeito da saúde dos estudantes que residem em moradias estudantis. Eles identificaram condições de vulnerabilidade, causadas por esta experiência que coloca sua população em exposição. Os resultados da sua pesquisa sugerem que: “um maior conhecimento sobre essa realidade para que medidas preventivas de agravos e promotoras da saúde possam ser tomadas” (GARRIDO e MERCURI, 2014, p. 5).

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), em seus estudos, demonstram o quanto é pertinente a preocupação com a saúde dos estudantes. De sua pesquisa, os resultados mostraram que moradores de repúblicas e pensionatos apresentaram escore médio

significativamente maior, respectivamente, em estresse psíquico e em distúrbios do sono, quando comparados aos que moram com a família. Os achados relativos aos tipos de moradia do estudante universitário (com a família, com parentes, sozinho, em república e em pensionato) indicam que morar com a família favorece o bem-estar psicológico do estudante universitário, enquanto que morar em república e pensionato são fatores de risco à saúde mental.

Em seus estudos, Laranjo e Soares (2014) deram ênfase ao ambiente institucional e investigaram sobre suas consequências em relação à saúde dos estudantes, e alertam que, ainda que existentes, há poucos estudos na literatura científica brasileira sobre a permanência de estudantes nesses espaços e como pode isto interferir na saúde física e mental. As autoras apontam, por exemplo, que a frequência em quadras esportivas possa levar os estudantes ao desenvolvimento ou aumento da prática de atividades físicas saudáveis. Além do mais, a alimentação servida em um restaurante universitário deve ser devidamente supervisionada por profissionais da área de nutrição, para que possa contribuir com uma alimentação balanceada e adequada às necessidades dos estudantes.

Além disso, Laranjo e Soares (2006), em sua pesquisa na CRUSP, analisaram vários processos de socialização dos estudantes nos alojamentos, mostrando dados relevantes sobre o que estas relações podem ocasionar, destacando relato de vários tipos de sofrimentos, tais como tristeza, isolamento e depressão oriundos desta experiência. Estes autores analisaram em suas entrevistas, que, geralmente, os alojados do CRUSP apontaram que o espaço cumpre sua função principal, que é alojar os alunos que vêm de outros lugares e não teriam condições de se sustentar na universidade. No entanto, não foi a maioria dos entrevistados, alguns estudantes mostraram-se satisfeitos com as condições existentes e com as interações estabelecidas.

Os estudantes também mencionaram os aspectos positivos, como a economia que eles fazem de tempo e de gastos, possibilidade de ter vivência intensa do ambiente acadêmico e cultural, além do mais, aprendem a conviver com a diversidade. Contudo, nas entrevistas predominaram as críticas sobre a quantidade de problemas sobre o funcionamento do CRUSP durante o período estudado, tais como predominância do individualismo em relação à vivência dos moradores e preconceito, não apenas por serem moradores do CRUSP, mas também pelo ponto de vista de que todo morador do CRUSP é usuário de drogas e são barulhentos.

Laranjo e Soares (2014) apontaram, em sua pesquisa, problemas que parecem comuns às moradias universitárias no Brasil e que são oferecidos, somente, o que é necessário para o aluno ter onde morar, não sendo considerados problemas estruturais que dificultam o cotidiano dos estudantes, tais como: ausência de atividade de lazer variada, principalmente no que se refere aos finais de semana; isolamento geográfico da cidade universitária na qual o CRUSP se insere; sujeira; ausência de segurança; ausência de infraestrutura nos finais de semana, como transporte, alimentação e farmácia; alojamento provisório precário e superlotado; e morosidade da instituição em resolver as dificuldades. Os estudantes alojados percebem a omissão da universidade quanto a esses problemas habituais, e mencionam que o comportamento individualista de alguns colabora para piorar as dificuldades existentes nesta vivência.

As interações nas moradias também foram investigadas por Figueiredo e Oliveira (1995, p. 7), que utilizaram o termo “diversidade para descrever o ambiente de interações possíveis em cada uma das moradias existentes em todas as regiões brasileiras”. Estas autoras também consideram o perfil socioeconômico como fator predominante nessa população estudantil, apesar da diversidade ser composta pela combinação de várias características de seus moradores, por exemplo, sexo, local de origem e curso frequentado. Além disso, acrescentaram que há um conjunto de características de cada uma dessas moradias e respectivas instituições, e, em sua pesquisa, verificaram que, conforme a afluência de vários fatores, as moradias estudantis são transformadas em ambientes muito ricos em interações, que provavelmente exercem influência significativa entre os seus moradores.

No entanto, as pesquisas não são suficientes, ainda há necessidade de realizar estudos sobre as características dessas experiências e para seus moradores. Este estudo visou alertar sobre a associação entre moradores e aspectos dos ambientes das moradias estudantis.

Osse e Costa (2011) realizaram um mapeamento sobre as condições psicossociais e a qualidade de vida dos estudantes que viviam na Moradia Estudantil da Universidade de Brasília, com ênfase esteve voltada para a saúde mental dos estudantes. Os autores constataram sinais sugestivos de ansiedade e depressão e concluíram que os moradores tinham dificuldades em obter ajuda em relação aos problemas vivenciados.

Do mesmo modo, Garrido e Mercuri (2014), em sua pesquisa, encontraram relatos de que os estudantes adotaram comportamentos de risco como estratégias de adaptação ao novo ambiente e de resolução das dificuldades vivenciadas, isto é, sentiam muita pressão, em

alguns casos, se desesperaram, queriam ir embora, deixaram tudo, e chegaram a ter ideias de suicídio.

Diante de tudo que foi descrito, os estudantes que saem de casa para viver em moradias estudantis têm maior necessidade de adaptação devido à quebra de estilo de vida que tinham anteriormente por ser um ambiente novo que envolve tantos aspectos acadêmicos como de residência. Outro fator que pode causar conflitos nos jovens são as preocupações econômicas geradas por viver fora de casa porque além de ter que lidar com a saída da casa dos pais e adaptação à universidade, precisam custear seu sustento e, em muitas situações, os pais não têm condições de mantê-los (GARRIDO e MERCURI, 2014).

Quando estes jovens saem de casa, no decorrer da sua vida universitária, passam de um modelo paternalista para um modelo de autonomia, onde se tornam responsáveis por eles mesmos e devem organizar sua vida e estipular seus próprios horários, além de se sentirem livres para experiências como sexo, bebidas e drogas. Fisher e Hood (1987) acrescentam que os estudantes, quando ficam longe de casa, desenvolvem sentimento de disforia, aflição emocional e pensamentos sobre seu lar. A saudade de casa está associada a elevados níveis de perturbações psicológicas, tais como, ansiedade, fobias, sintomas somáticos, depressão e problemas na área cognitiva.

Neste sentido, a falta da família pode levar o indivíduo a dificuldades de adaptação a um novo ambiente. Da mesma forma, Bloom (1987) afirma que apesar da separação entre pais e filhos ser uma parte normal da vida, esta pode ser sentida como uma grande perda. O autor afirma que, se esta separação for frequente, o jovem pode desencadear reações emocionais intensas, tais como, nostalgia, depressão, irritação e culpa. Quando os estudantes vão para a moradia estudantil, segundo Fonseca (2006), muitos moradores têm necessidade de reforçar que não são pessoas inferiores, pois se sentem excluídos por só se manterem em seus cursos por usarem a assistência estudantil.

De qualquer maneira, o desejo do estudante de ser incluído na moradia estudantil é atendido, desde que demonstre que não tem condições de arcar com as despesas de permanência. Somente após ser definido como estudante de baixa-renda é que ele tem direito a essa moradia que garantirá continuar seus estudos. Fonseca (2006, p. 3) afirma que: “no caso do estudante morador de casas estudantis, as duas dimensões da díade exclusão-inclusão podem ser sentidas no momento em que se conquista uma vaga na universidade e nos momentos em que ele vivencia a experiência de se sentir diferente dos demais, devido à sua

condição financeira”, e acrescenta que o morador da casa estudantil vivencia sofrimento por se sentir, ao mesmo tempo, incluído e excluído, demonstrando, em seu discurso, uma tentativa de valorização da experiência de ser morador, vivida como algo que fortalece e enriquece.

Segundo Fonseca (2006, p. 3), os jovens estudantes visam um futuro melhor e a realização do projeto de mudar de vida, citando exemplos encontrados em sua pesquisa: “a mudança de empregada doméstica para assistente social da prefeitura da cidade de origem; ter condições de ajudar os familiares; a mudança do trabalho na roça para um curso superior de escolha própria”. O desejo de uma vida melhor do jovem universitário com vulnerabilidade apresentou-se como fator essencial que os incentiva a se manterem nas casas ou alojamentos e, até mesmo, a valorizá-los. Embora esses estudantes experimentem uma nova forma de exclusão, também experienciam sua situação como um caminho para sua futura inclusão no mercado de trabalho, esperança de sua ascensão social.

Os moradores das casas estudantis (alojamentos), como descreve Fonseca (2006), apresentam uma problemática social, onde é ressaltada a desigualdade experimentada por eles. Em virtude da situação socioeconômica dos moradores, das impossibilidades que dela decorrem, sentem-se agradecidos, embora enfrentem muitas dificuldades em morar em casas estudantis. Apesar de ser assegurado a esses moradores o direito de morar na cidade onde estão estudando, esse direito é concedido de modo deficiente, pois as condições de moradia e de convivência trazem consequências várias vezes sofríveis, como o sentimento de estar numa condição inferior.

Para discutir a forma pela qual as relações funcionam nas instituições e a produção das subjetividades, deve-se estudar a concepção de “sociedade disciplinar” de Foucault (1995). O autor descreve que, ao lado do sonho de uma sociedade perfeita, construída no pensamento de filósofos e juristas, estava, também, naquela época, o sonho de uma sociedade disciplinar. Então, as instituições tentam ser disciplinares.

Os historiadores, por muito tempo, escrevem sobre a manipulação do corpo. Nos estudos na área biológica, pesquisa-se, além das doenças, uma forma de se prolongar a vida. Mas, este corpo também está inserido no campo político, as relações de poder têm alcance direto sobre ele, tais como: marcam, torturam, forçam às tarefas etc. (FOUCAULT, 1995). Então, este investimento político do corpo está ligado, em uma recíproca relação, a seu uso econômico. Além do mais, este corpo é manipulado por relações de poder, na qual é

dominado por elas e sua força de trabalho somente é admissível se ele está aprisionado em um sistema de sujeição.

Quando se fala sobre sujeição, esta não é somente obtida pelo instrumento da violência ou ideologia, pode ser tecnicamente pensada, isto é, “pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, é um controle de suas forças que é mais a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 1995, p. 29) Esta tecnologia é difusa, usa material e processos sem relação em si mesma, segundo o referido autor, é abordada como “microfísica do poder”, onde as instituições a utilizam para o controle dos corpos.

Foucault (1975), sobre a microfísica, esclarece que o poder exercido não deve ser compreendido como uma propriedade, mas como estratégia de manobras, táticas, técnicas e funcionamentos, e que se descubra uma rede de relações sempre tensas, em plena atividade. Assim, Foucault (1975, p. 29) sumariza que: “este poder se exerce mais que se possui que não é ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito conjunto de suas posições estratégicas-efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados”. Em contrapartida, esse poder não se constitui apenas como obrigação ou proibição, aos que não adquiriram, ele investe e apoia-se nele, da mesma maneira que eles, em sua luta contra este poder, sustentam-se nos pontos em que ele alcança. Portanto, para destruir este poder não corresponde à lei do tudo ou nada, não se obtêm um novo controle dos aparelhos com a destruição das instituições.

Então, Foucault (1975) admite que “o poder produz o saber”, este poder e saber estão interligados, isto é, não existe relação de poder sem composição correspondente de um campo de saber, nem tampouco saber que não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Desta forma, Foucault (1975, p. 161) acrescenta sobre o sujeito nas relações de “poder-saber” que “não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que os constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento”.

Foucault (1975), analisando o “investimento político do corpo” e a “microfísica do poder”, destaca o corpo político como um grupo de elementos materiais e técnicas utilizadas, como armas, para as relações de poder e de saber que dominam os corpos humanos, fazendo deles objetos de saber. Estas técnicas são punitivas para a dominação dos corpos, portanto as

práticas penais fazem mais parte da “anatomia política”, do que um resultado das “teorias jurídicas”.

Quando Foucault (1975) descreve historicamente a microfísica do poder punitivo, o autor aponta uma genealogia ou uma peça da ‘alma’ moderna, onde os destroços readquiridos de uma ideologia serão reconhecidos nela o correspondente atualizado de uma tecnologia do poder sobre o corpo. De maneira geral, os loucos as crianças etc., são vigiados e controlados durante todo o tempo. Toda esta engrenagem dá lugar a um saber possível, o que conduz aos efeitos do poder. Por isso muitos conceitos foram definidos e “campos de análise” foram delimitados, tais como, psique, subjetividade, personalidade, consciência etc.

Esse poder punitivo de Foucault (1975) aponta que os castigos levam, também, à resistência, como as revoltas em prisões. Os objetivos destes movimentos são paradoxais, onde têm se lutado contra a miséria física, mas também contra instituições- modelos, contra os serviços médicos e educativos. Visto que, estas revoltas não são só materiais, são revoltas contra a decadência, ao mesmo tempo contra o conforto. Consiste em uma revolta, ao nível de corpos, contra o corpo aprisionado. O que acontece nestas revoltas, não é simplesmente o quadro rude em demasia da prisão. Ocorre uma materialidade, onde este instrumento e vetor de poder com a tecnologia do poder domina o corpo. “Esta tecnologia da ‘alma’”, termo cunhado por Foucault,” não consegue mascarar, nem compensar, pela boa razão de que não passa de um de seus instrumentos.

Segundo Foucault (1975), as relações de poder estabelecidas no século XX nas instituições, seja na família, na escola, nas prisões ou nos quartéis, foram marcadas pela disciplina, cujo objetivo principal era a produção de corpos dóceis, eficazes economicamente e submissos politicamente (VAZ, 1999). Então, o corpo transformou-se em objeto e alvo de poder que se manipula, treina- se para que haja submissão; para atingir esse objetivo, a partir do final do século XVIII as sociedades disciplinares começaram a distribuir os indivíduos no espaço por meio de técnicas de enclausuramento e/ou de organizações hierárquicas de lugares específicos.

Todas as atividades eram controladas temporalmente, o que possibilitava, por exemplo, o isolamento do tempo de formação e do período da prática do indivíduo. Com isso, a aprendizagem poderia ser normatizada, e as forças produtivas seriam compostas a fim de obter um aparelho eficiente. Então, a vigilância com hierarquia sobre as pessoas faz com que a articulação de um “poder” com um “saber”, que comanda em torno de uma norma, dita o

que é ou não normal, o que é certo ou errado, do que se deve ou não fazer (FOUCAULT, 1999).

Todo este processo de produção de subjetividade criado nas instituições nunca está acabado, constitui um processo contínuo. Observando desta perspectiva, existem muitas maneiras diferentes no processo histórico, em que o indivíduo pode se manter e transformar sua identidade (FOUCAULT, 1995), isto é, no século XXI esta subjetividade é produzida de forma diferente de como era produzida no século XX. As instituições fazem parte deste contexto produzido pela a sociedade, o que significa que elas são marcadas pela configuração social das relações de poder entre universidade e estudante alojado.

5.1 Ingresso na Universidade

Quando o jovem ingressa na universidade, muitas mudanças ocorrem em seu desenvolvimento e muitas potencialidades são desenvolvidas. O estudante universitário adquire autonomia, representada pela escolha profissional, peculiar do desenvolvimento na passagem da adolescência para a vida adulta (Erikson, 1976).

Segundo Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008), a universidade é responsável por inúmeras transformações em relação às amizades e de apoio social dos estudantes. Na maioria das vezes, até o término do ensino médio, uma expressiva parcela da vida dos adolescentes gira em torno da escola, que funciona como importante fator de socialização, onde estes jovens passam a maior parte do tempo. Quando esses estudantes ingressam na universidade experienciam um sistema bem diferente do mundo escolar anterior. Os colegas não são mais os mesmos, diante do que necessitará estabelecer novos vínculos de amizade. Enquanto tais vínculos não se constituem, os jovens contam apenas com seus próprios recursos psicológicos e o apoio da família para criar suas próprias soluções e lidar com dificuldades que possam aparecer pela frente. Enfim, para estes jovens, o ingresso na universidade é uma experiência estressora (TEIXEIRA, DIAS, WOTTRICH, OLIVEIRA, 2008).

O jovem, desde criança, recebe muita pressão da família e do meio para que seja bem-sucedido em sua educação, pois temos um sistema educacional meritocrático. Portanto, o adolescente, desde cedo, é cobrado para que obtenha as melhores notas e consiga os primeiros lugares para garantir uma vaga na universidade pública. Ele acredita que todo esforço aplicado durante sua vida escolar foi recompensado quando consegue a tão sonhada vaga, contudo, ao ingressar na universidade, depara-se com outras dificuldades. Então, ocorre um

paradoxo, o jovem se reflete em seu encaminhamento para a universidade (SOUZA, SOUZA, 2006).

Segundo Chauí (2001, p.151), a Universidade “é uma instituição que, de uma certa maneira promete ao jovem uma vida de novos conteúdos com a promessa de ensino superior, de diversidade e de universalidade”, isto significa que ela deveria fornecer um enriquecimento aproveitando a forma de pensar deste jovem. Oferecendo transformações pessoais no intuito de repercutir na realidade social. No entanto as Universidades estão mais voltadas para o atendimento das exigências do mercado de trabalho e seus administradores estão pouco preocupados com a melhoria da capacidade de reflexão, característica bem marcante entre os jovens.

Em nossa sociedade, os jovens parecem buscar na universidade apenas a realização de seu desejo, que é a inserção social, sem levar em conta, na sua experiência, seu auto enriquecimento cultural (SOUZA, SOUZA, 2006); de maneira geral, os jovens de classes mais baixas vislumbram que o curso superior permitirá que tenham acesso ao mercado de trabalho. Por ser baixo o índice de jovens brasileiros no ensino superior (BRASIL, 2003), a universidade cria uma diferenciação de um grupo de pessoas em relação à população brasileira. Por isso, ela representa, para estes jovens, a busca por uma vida melhor, sinalizando que poderão ser inseridos no mercado de trabalho, onde terão possibilidade de melhor poder aquisitivo (SOUZA, SOUZA, 2006).

Segundo Chauí (2001), a Universidade apresenta um novo papel, isto é, o treinamento para a mão de obra. Este cenário é vivido pelos jovens como a realização de um futuro que está sendo construído durante o curso universitário. Souza e Souza (2006) reforçam que o jovem de baixa-renda, em relação ao seu futuro, experimenta uma dimensão mais significativa, que têm em sua história de exclusão, tais como, dificuldades financeiras, formação escolar precária, baixa escolaridade dos pais.

No que diz respeito a estes jovens, a universidade adquire grande importância, uma vez que se chega com mais dificuldades. Souza e Souza (2006, p. 7) assinalam que “os jovens universitários que necessitam de assistência estudantil são ao mesmo tempo ‘privilegiados’, pelo acesso a bens culturais e maior possibilidade de inserção profissional, e ‘desprivilegiados’, por não terem as condições mais adequadas para o exercício pleno de sua condição de jovens.”

Apesar de experimentarem uma forma de exclusão, os estudantes de baixa renda formaram uma “associação do estudante de baixa renda”, experimentando um caminho para sua futura inclusão no mercado de trabalho, esperança de uma vida melhor. Fonseca (2006, p. 4), em suas pesquisas, destaca que “os sujeitos pesquisados buscaram na universidade, além de um enriquecimento cultural ou intelectual, uma mudança de vida por meio da inserção no mercado de trabalho”. Então, a universidade representa uma mediação importante, por representar uma das vias de acesso à inserção, que trará, conseqüentemente, mudança das condições originais das famílias desses estudantes.

A partir da década de 1950, segundo Laranjo e Soares (2006), em vários países, houve uma corrida dos jovens para o ensino superior, formando na década seguinte um grupo de expressão política que adquiriu visibilidade social. No Brasil, a partir da década de 1960, jovens de classe média passaram a ter maior acesso à universidade, o que até aquele momento era privilégio dos ricos. Somente no final do século XX assistiu-se a algum acesso das classes mais baixas às instituições de ensino superior, restringindo-se a cerca de 10% dos jovens (LARANJO, SOARES, 2006).

A vida acadêmica de um jovem que ingressa na universidade se dá a partir de um conjunto de vivências, tanto nas atividades da classe quanto naquelas que ocorrem fora da sala de aula (GARRIDO, MERCURI, 2014). Quando os estudantes vivenciam essas experiências, sua formação se torna muito mais rica, não só com seu conteúdo acadêmico, mas com toda experiência vivida, contribuindo assim para sua graduação. Então, é importante investigar a mudança de ambiente e as interações pessoais ocorridas neste espaço e os resultados que possam ter na formação destes alunos. Neste sentido, há um grande interesse em contribuir, neste trabalho, sobre as influências que o alojamento tem nos estudantes e compreender até que ponto esta moradia pode se configurar em causadora de estresse.

Segundo Garrido e Mercuri (2014), a educação superior deve ser vista em sentido amplo, pois, também tem função de socialização. Portanto, a educação é um direito social, sendo necessário que haja um conjunto de medidas destinadas a garanti-la, tais como ampliação de políticas públicas visando assegurar a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino superior, haja vista que este ambiente não se restringe somente ao espaço de sala de aula.

Por outro lado, os estudantes passam por várias experiências durante a Universidade, que produzem efeitos significativos e contribuem positivamente para sua formação, mas

também podem ocorrer experiências indesejáveis. Por isso, é necessário avaliar de que forma estas experiências presentes no cotidiano afetam os estudantes. Além do mais, é imprescindível também conhecer as particularidades dos ambientes variados, que os estudantes passam na vivência acadêmica (GARRIDO, MERCURI, 2014).

Na pesquisa de Sousa e Souza, (2006), no Brasil, os estudantes têm expectativas de mudança para uma vida melhor e preocupação com o mercado de trabalho, onde o ingresso na universidade representa uma forma de inclusão, onde se vislumbra o acesso no mercado de trabalho. Estas autoras discursam sobre a inclusão vivida na universidade, pois o ingresso não garante que outras maneiras de exclusão possam ser impedidas.

Sousa e Souza (2006), em suas pesquisas, apontam que os alunos participantes buscaram no curso superior, mesmo com problemas financeiros, uma maneira de serem diferentes daquelas condições que viviam antes de saírem de suas regiões para estudar. Eles se diferenciam da realidade de jovens das classes média e alta da população, que desde a infância, tiveram recursos necessários para entrar na universidade. A pesquisa de Sousa e Souza (2006) também demonstrou que estes estudantes, moradores de casas estudantis, buscam superar as condições de vulnerabilidade social e sentem, com a oportunidade de conquistar uma vaga na universidade, esperança de melhor inserção social. No entanto, os estudantes desta pesquisa se veem como pessoas diferentes, mas estão em busca de uma vida melhor.

5.2 Alojamento na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Os alojamentos ajudam na socialização dos estudantes, mas se não forem adequados às suas necessidades, poderão prejudicar o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes. As moradias desempenham um papel maior do que simplesmente um abrigo, além de atender as necessidades básicas como segurança e serviço, também desenvolvem em seus moradores necessidades socioculturais (BORGES, VASCONCELOS, 1974).

As moradias estudantis viabilizam o acesso às universidades de estudantes com vulnerabilidade social, apesar das dificuldades encontradas; a UFRRJ também disponibiliza alojamentos gratuitos, que acabam facilitando a vida do estudante. O setor responsável pela Assistência ao estudante é a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES) e quem coordena e supervisiona as atividades relacionadas com os alojamentos estudantis é a Divisão de Residência Estudantil.

Nos estudos feitos por Santos (2012), é apresentada a história da UFRRJ e importantes estudos sobre a história dos alojamentos, que foram criados na década de 1960 e alojavam todos os alunos matriculados; mas eram obrigatórios o regime de internato e horário integral. A Universidade aumentou o número de vagas e o repasse de recursos do governo não foi suficiente para construção de novas instalações, então foi adotado o regime misto internato/externato e os estudantes que não conseguiam vagas nos alojamentos, passaram a morar nas chamadas repúblicas do Km 49.

Segundo Paula (2004), a Universidade Rural representou, para o estudante, um espaço maior do que a Educação formal para receber o título acadêmico. Ela propiciou experiência de vida peculiar, principalmente para aqueles que moraram nos alojamentos, o que os marcou, durante anos, mesmo depois da saída da Universidade. Esta autora acrescenta que estes estudantes experimentaram muitos dramas e história de lutas em seu *Campus*, como cenário, algumas experiências “de tensão e tragédia, outros de alegria e confraternização” (PAULA, 2004, p. 23). Este espaço propiciou a formação e coexistência, ocasionando, também, competição e cooperação. A história desses estudantes é distinta. Eles vêm de origens diferentes e trazem enorme variedade de experiências. Porém, essa grande diversidade se dissolve no *Campus*.

Esses estudantes pertencem à mesma Universidade aonde absorve uma série de arranjos comuns que propiciam a mudança do “*habitus* primário” (PAULA, 2004, p. 23). Neste processo de formação acadêmica, eles são expostos a uma convivência longa e intensa na Rural, como é chamada a UFRRJ, e incorporam um “*habitus* universitário” (PAULA, 2004, p. 23). Os estudantes desenvolvem um sentimento de pertencimento à Universidade, a seus pares, a grupos específicos, que se identificam como seu grupo. A desigualdade de recursos também afeta a convivência e desempenho entre os discentes.

Segundo Paula (2004), foram observadas disparidades de recursos, desde as primeiras gerações de alojados. Essa desigualdade existe até hoje na Rural, não existe somente entre os que residem em repúblicas ou alojamentos, mas no interior do próprio alojamento, pela montagem dos quartos. Esta disparidade também é vista quando se observa o tipo de transporte e locomoção, alguns estudantes têm carro, outros têm bicicleta, mas a maioria transita a pé. A equidade, infelizmente, nem sempre é possível, quando o aluno ingressa na universidade pública, mesmo que seja oferecida assistência para a permanência do aluno com

vulnerabilidade. Estes estudantes enfrentam maiores dificuldades, tanto financeiras, quanto acadêmicas, comparando com seus colegas de classe média.

A autora supracitada aponta que ao ingressar na Universidade, mais do que os cursos, o alojamento é um espaço de lutas, assim como, “o bandeirão”, como é conhecido o Restaurante Universitário (RU). A maioria dos alojados que moram na Universidade vem de regiões distantes, a maior parte deles veio de outros estados ou interiores e têm vulnerabilidade social. Nestes alojamentos, os veteranos se consideram com privilégios e os calouros não podem contestar. Como eles são minoria, estão sujeitos a trotes durante o primeiro período, e prosseguem em situação de desvantagem durante todo o primeiro ano. Se estes estudantes ingressantes têm parentes ou amigos entre os veteranos, são protegidos de situações humilhantes, tais como os trotes: limpar quartos e banheiros, pagar bebidas, ter os cabelos cortados etc.

Muitos problemas, como relata Paula (2004), angustiam os estudantes e criam dificuldades em conviver no *Campus* da Rural, principalmente nos Alojamentos, que atinge calouros e veteranos. Aparecem problemas bem mais graves que os trotes, entretanto, estes surgem como problemáticas isoladas, não conseguem influenciar a força mobilizadora que o alojamento desempenha. O alojamento facilita movimentos internos, como o exemplo de uma luta pela reabertura da “bandeirão”, em 1982. Existem, também, muitos estudantes alojados vindos da Baixada Fluminense e de Campo Grande, bairro do Município do Rio de Janeiro, mais próximo da região onde está localizada a Universidade, devido ao alto custo das passagens e para reduzir o tempo gasto na locomoção.

Estudantes de outros estados sofrem o maior impacto cultural e a possibilidade de estabelecer vínculos mais duráveis. Devido a permanência na Rural nos fins de semana, muitos estudantes sequer vão para as suas regiões nas curtas férias ou durante as greves. Por estarem distantes da família, consideram a Rural e os colegas como uma espécie de família substituta’, valorizam os grupos de apoio e solidariedade, sejam religiosos, políticos ou culturais (PAULA, 2004).

Muitos estudantes já foram de zona Rural, no entanto, o fluxo de alunos vindos do Rio de Janeiro equilibrou a origem urbana e rural, próxima e distante. No período desta pesquisa, uma grande parcela dos estudantes pertencia à região metropolitana, Baixada Fluminense e outras regiões do estado. Eles apresentam um perfil socioeconômico muito variado, estando presentes em quase todos os cursos. Há, ainda, um número significativo de estudantes latino-

americanos e africanos, que propicia a Rural uma variedade de cultura ímpar e paradoxal: isolada da região, mas diversificada por muitas realidades diferentes (PAULA, 2004).

A Residência estudantil é popularmente chamada na UFRRJ como “Alojamentos Universitários”. Suas vagas são destinadas aos estudantes matriculados nos cursos presenciais de graduação do *Campus* principal, que fica em Seropédica. Os Critérios para obter uma vaga no alojamento são renda bruta familiar de até um salário mínimo e meio per capita e distância da moradia. Estes alojamentos são compostos por 12 prédios, totalizando 368 quartos e 1.937 vagas e são disponibilizados camas, armários, colchões e salas de estudos. Estes alojamentos estão distribuídos como disposto na Tabela 1.

Neste período, a Universidade tem 11.395 estudantes e tem condições de oferecer apenas 1.937 vagas nos alojamentos. O número de vagas para os estudantes do sexo feminino é bem menor do que as vagas oferecidas para o sexo masculino. Estes moradores dos alojamentos da UFRRJ são provenientes de lugares variados, de outras cidades, estados e até de outros países. Esta heterogeneidade sociocultural se reflete na convivência de seus moradores e em sua socialização. Então, a qualidade desta relação se refletirá nos rendimentos acadêmicos, com corroboram as pesquisas de Laranjo e Soares (2006).

Os critérios para seleção, que era a classificação no vestibular, mudaram; atualmente, para adquirir vaga na moradia estudantil são avaliadas as condições socioeconômicas da família e o local de residência. Santos (2012) acrescenta que, durante anos, mesmo que os estudantes tivessem condições de pagar por sua moradia, preferiam morar no alojamento. Além do mais, o afastamento dos centros urbanos e a falta de desenvolvimento da cidade onde a Universidade está inserida influenciavam em suas escolhas. Na época que a Universidade foi fundada os estudantes tinham origem da elite escravocrata brasileira do século XIX (SANTOS 2012).

Segundo Santos (2012), o estudante da Rural desenvolve uma relação singular com a Universidade, por ser um lugar de convivência e comprometimento político. O aluno, quando ingressa na Universidade, além de iniciar a trajetória para sua formação profissional é o alojamento que ajuda a desenvolver a politização e luta pelos direitos, assim como o “bandejão”, e esta caminhada se inicia. Este espaço é o centro da vida cultural e política da universidade, e vai mais além de assistência estudantil para alunos com vulnerabilidade social. Assim, os estudantes que não residem na Rural, seja em alojamentos ou repúblicas e não frequentam o bandejão, não têm oportunidade de participar da mesma história de vida

universitária que aqueles que frequentam esses locais, de rica experiência política e cultural. Paula (2004) aponta a importância das representações da experiência política e universitária na UFRRJ.

A reconstrução da memória dos movimentos estudantis da UFRRJ enfocou várias representações socioculturais vivenciados pelos estudantes. Paula (2004) analisou as gestões do DCE, as memórias de seus militantes para analisar a participação política dos alunos, além de outros aspectos de uma Universidade diferenciada das demais instituições públicas, onde têm um alojamento que abriga estudantes de diferentes regiões do país (na época deste artigo, a UFRRJ fazia sua seleção por meio de vestibulares em 20 estados do país).

Tabela 1- Número de vagas do alojamento mantidas pela UFRRJ, *Campus Seropédica*

Alojamentos*	Número de quartos	Número de vagas
F ₁	29	204
F ₂	25	130
F ₃	25	171
F ₄	26	170
F ₅	8	48
F ₆	33	68
TOTAL	146	791
M ₁	30	186
M ₂	30	186
M ₃	30	186
M ₄	30	186
M ₅	30	186
M ₆	72	186
TOTAL	222	1146
TOTAL GLOBAL	368	1937

*F: feminino; M: masculino. Fonte: Setor de Residência Estudantil da UFRRJ, 2015.

Segundo Paula (2004) as características dos estudantes da UFRRJ demonstram riqueza cultural e despertaram inúmeros questionamentos. Os vínculos estabelecidos entre os estudantes desta universidade se tornaram firmes o bastante para permitir que vários fossem encontrados, mesmo após passados muitos anos da formatura, além do mais, muitos se tornaram professores da Rural.

Os estudantes da Universidade provenientes de famílias em que os pais são pequenos agricultores ou são pedreiros convivem com estudantes de camadas sociais mais altas. Contudo, segundo Paula (2004, p. 24), existe “uma aparente uniformidade nos ‘jeans-chinelo-camiseta’, ainda que alguns estudantes necessitem ‘dividir a bandeja’ ou sequer retornam à sua cidade natal nas férias enquanto outros jamais ficaram uma semana completa na Rural ou nunca almoçaram no bandeirão”. A autora aponta, também, que alguns estudantes não suportam este regime de “quase internato”, achando sua permanência insuportável a ponto de abandonar o curso, enquanto outros tentam várias estratégias, como prolongamento da graduação até o limite, troca de curso e reingresso, para adiarem a saída da Rural.

Esta pesquisa feita por Paula (2004) investiga, também, a importância da militância dos estudantes no entendimento da cultura destes jovens universitários, moradores da UFRRJ, haja vista que é uma Universidade relativamente isolada da comunidade de Seropédica. Esta característica ajuda a diminuir a enorme diferença social entre os estudantes, produzindo uma experiência única experimentada por estes. Este convívio proveria, assim, a percepção de que existem mais coisas em comum do que distinção entre os estudantes, o que permite a formação de vínculos, sejam temporários ou permanentes.

Como os moradores de alojamentos da UFRRJ são de regiões variadas e costumes diferentes, a organização do alojamento tem grande influência sobre comportamentos de territorialidade e privacidade; as regras de convivência são controladas por moradores mais antigos, no entanto, muitas regras não são cumpridas por decorrência de excesso de liberdade e falta de autoridade, ocasionando o não aprendizado de respeito ao espaço público. Ocorre, também, a dificuldade dos moradores em viver coletivamente, com predominância do individualismo nas relações. Os alojamentos da UFRRJ também promovem trotes, apelidos, condutas, que algumas vezes são percebidas como além dos limites aceitáveis de convivência com seus moradores, mas que já fazem parte do ambiente “ruralino” (PAULA, 2004).

Em relação ao contexto institucional, Foucault (1995) apontou que entre saber e poder é inaugurada uma dimensão produtiva, tais como a produção do saber, de verdade e de subjetividade. Essa dimensão da produtividade é muito importante para a pesquisa em estresse com os estudantes alojados, principalmente a concepção de resistência, visto que, nos alojamentos da UFRRJ, ocorre uma situação muito peculiar, onde os estudantes é quem criam as regras de convivência. Poder e resistência não se separam, é como se fossem face e verso da mesma moeda, então estas regras criadas pelos próprios estudantes se opõem às regras da instituição, segundo Foucault (1995, p. 29), “onde há poder, há resistência”. Neste caso ocorre estresse, mas existem também estratégias de resistência.

Por outro lado, a moradia universitária ajuda a democratizar a universidade, facilitando a vida de estudantes com vulnerabilidade social, que conseguiram entrar na universidade pública. Os jovens que ultrapassam a barreira de classe e chegam à universidade são muito mais impactados pela vivência de uma nova realidade do ponto de vista cultural do que pelos conteúdos ministrados nas salas de aula (LARANJO, SOARES, 2006). O paradoxo se apresenta na medida em que isso pode causar deslumbramento irreal dessa nova possibilidade. Os que vêm de classes abastadas tiveram oportunidade de ir gradualmente construindo esse repertório cultural, o que torna essa vivência parte de um processo iniciado anteriormente.

A assistência estudantil deve ser percebida como direito social voltado para auxiliar na educação e deve ser compreendida, não apenas como ajuda financeira, mas articulada ao ensino, à pesquisa e à extensão para promover transformação dos estudantes assistidos. Esse é o objetivo almejado pelo Fonaprace (2001) para a Política Nacional de Assistência Estudantil (citado por Sanches, 2014), que está pautada na Política Social de Assistência nas IFES, enquanto processo educativo deverá articular-se ao ensino, à pesquisa e à extensão. Devem-se alcançar essas três dimensões do processo do ensino acadêmico, o que significa viabilizar o caráter transformador da interação Universidade e Sociedade e, além disso, introduzi-la na práxis acadêmica e compreendê-la como direito social para romper com a ideologia tutelar do assistencialismo, da doação, do favor e das concessões do Estado (SANCHES, 2014).

Sanches (2014), em sua pesquisa, analisou a relevância das ações de assistência estudantil para formação dos jovens no momento de conclusão do curso e a perspectiva de inserção profissional e/ou continuidade dos estudos. Como mencionado, o Artigo 205 da Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece: “A educação, direito de todos e dever do

Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O Artigo seguinte prevê a igualdade de acesso ao ensino, bem como a permanência na escola (Art. 206, I), o que também é expresso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

6 MÉTODO

Esta pesquisa é qualitativa e exploratória na medida em que busca alcançar a subjetividade dos participantes, buscando um universo maior de significados, motivações, atitudes, crenças e valores, vislumbrando maior aprofundamento dos processos e fenômenos que foram estudados. Para Minayo (1998), os estudos qualitativos podem responder particularidades que estudos quantitativos não conseguem, pois se preocupa com um nível de realidade que não pode ser apenas quantificado.

6.1 Participantes

Participaram 54 estudantes alojados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, do segundo período de cursos variados (Tabela 1). Estes estudantes são de ambos os sexos, ingressantes na universidade e nos alojamentos desta IFES com faixa etária entre 18 e 25 anos de idade. Quanto ao gênero dos 54 participantes, 48,15% (n=26) foram do sexo feminino e 51,85% (n=28) do sexo masculino. Já quanto aos cursos, aqueles que se apresentam em maior número foi Engenharia Florestal, seguido por Agronomia, Engenharia Agrícola e Ambiental.

6.2 Instrumento

Para investigar se o ingresso na Universidade e no alojamento são causadores de estresse, foi aplicado um questionário estruturado para coleta de dados (Anexos B), contendo questões abertas. Os questionários foram aplicados nos alojamentos, bandejão, salas de estudo e salas de aula.

6.3 Procedimentos

Os primeiros passos para realização desta pesquisa foi entrar em contato com a SERE (setor responsável pela administração dos alojamentos), de forma a conhecer o número de alojados ingressantes na universidade para aplicar os questionários nos alojamentos. Por haver muita concentração de estudantes no Refeitório-bandejão e salas de estudo, os questionários também foram aplicados nestes locais. A aplicação nas salas de aula foi feita com a autorização prévia dos professores que ministravam aulas para o segundo período.

No início da aplicação do questionário foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o seu preenchimento, o termo foi retirado para que o anonimato do respondente fosse mantido (Anexo A), exclusivamente elaborado para a presente pesquisa. Neste termo, o participante obteve informações sobre os objetivos da pesquisa e, ao concordar, o Termo foi assinado, confirmando sua participação. Neste documento, estava disposto que participante não estava sendo submetido a nenhum tratamento e tinha a garantia de poder desistir, em qualquer momento, da realização da pesquisa, sem que isso acarretasse algum prejuízo em implicação de sua participação.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética de pesquisa com seres humanos, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

6.4 Análise de dados

Os questionários foram analisados e categorizados de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (1994). A análise de conteúdo é uma técnica de investigação e sua finalidade é descrever qualitativamente o conteúdo manifesto da comunicação. Para esta autora, o termo “análise de conteúdo” designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A Análise de Conteúdo começou com as primeiras tentativas dos seres humanos com o objetivo de interpretar antigos escritos, como por exemplo, os livros sagrados (SILVA, GOBBI, SIMÃO, 2005). No entanto, esta análise foi sistematizada como método na década de 1920 com os estudos de Leavell, na primeira guerra mundial, sobre propaganda e adquiriu forma de método de investigação (TRIVINOS, 1987). Segundo Bardin (1994), a definição de análise de conteúdo surge no final dos anos 1950, com Berelson, que tem sua definição como uma técnica de investigação, cujo objetivo é a descrição objetiva, sistemática e quantitativa ou qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Em seguida, outros autores aprimoraram o método sobre a obra de Bardin (1994) utilizado nesta pesquisa sobre a análise de conteúdo, onde o método foi descrito em detalhes. Além disso, este autor supracitado descreve que esta análise deveria ser aplicada em todas as

formas de comunicação, porque possui duas funções que podem ou não se decompor quando forem utilizadas na prática. A primeira função, a autora denominou “heurística”, isto é, a análise de conteúdo valoriza a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta, enquanto a segunda é relativa à administração da prova, onde as hipóteses, na forma de questões ou de afirmações momentâneas funcionam como diretrizes que recorrem ao método de análise de uma afirmação ou anulação.

Este método foi escolhido para esta pesquisa porque funciona como uma ferramenta para construção de significados, que faz com que o participante exteriorize seu discurso, o que leva o pesquisador a entender as representações que o indivíduo apresenta no que diz respeito à sua realidade e a interpretação que faz dos significados no seu meio (SILVA, GOBBI, SIMÃO, 2005).

Os significados são processos de significação referentes ao ponto de vista dos entrevistados. Por isso, este processo é muito usado na pesquisa qualitativa, pois esta análise procura a compreensão individual a partir do discurso declarado pelo participante, isto é, este tipo de pesquisa procura investigar os fenômenos, buscando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los (BARDIN, 1994).

Foi feita uma leitura flutuante das respostas do questionário e estas foram devidamente agrupadas para a criação das categorias, da forma prevista por Bardin (1994). Para estudar a percepção dos participantes sobre a influência do estresse nas suas vidas, as respostas foram demarcadas para serem analisadas. Esta primeira leitura possibilitou a constituição de um *corpus* para a análise. Nesta fase, as respostas dos questionários foram agrupadas, codificadas e categorizadas. A codificação foi feita em função da repetição de palavras e similaridades das respostas.

As respostas foram agrupadas em frequências simples e percentuais, para cada pergunta do questionário, de acordo com as seguintes categorias: felicidade/ emoções positivas, satisfação/ realização, emoções negativas, relações interpessoais, comodidade, boas relações interpessoais, dificuldades nas relações interpessoais, administração, saudade, falta de infraestrutura, boa infraestrutura, dificuldades acadêmicas, atividades acadêmico-extracurriculares, espaço físico, crescimento pessoal, qualidade acadêmica, mobilidade e falta de regras.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões 1, 2, 4 e 5 tiveram por objetivo identificar os sentimentos que os estudantes experimentaram no ingresso na universidade e no alojamento. As questões 3 e 6 foram elaboradas para analisar se houve mudanças de sentimentos dos estudantes durante o primeiro período. Em relação à questão 7, procurou-se entender a percepção do estudante em relação ao alojamento. A questão 8 foi formulada de forma a permitir que o estudante manifestasse sua impressão sobre sua satisfação e a com a questão 9, pretendia-se que o estudante demonstrasse as causas de estresse. A questão 10 visava analisar se o estudante possuía sentimentos positivos no alojamento e a questão 11, em contraste, buscava os causadores de sentimentos negativos em suas experiências como alojado. A questão 12 teve como objetivo levar o estudante a refletir sobre o sentimento mais significativo entre satisfação e estresse. Finalmente, a questão 13 foi elaborada para que os estudantes colocassem outras situações que não foram abordadas nas questões anteriores. O questionário com as respostas categorizadas por completo, encontram-se no Anexo C.

Na primeira pergunta do questionário, “Qual foi seu sentimento ao saber que havia sido aprovado (a) para a Rural?”, foram obtidas 132 respostas e teve como objetivo investigar como os universitários se sentiram ao iniciar a universidade. As respostas foram distribuídas nas categorias Felicidade /emoções positivas, Satisfação/realização, Emoções negativas, dispostas na Tabela 2.

Tabela 2. Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Qual foi seu sentimento ao saber que havia sido aprovado (a) para a Rural?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Felicidade/Emoções positivas	61	46,21
Satisfação/Realização	58	43,94
Emoções negativas	13	9,85
Total	132	100,

A categoria “Felicidade/emoções positivas” obteve a maior frequência de respostas dos universitários, com 61 respostas (46,21%), seguida da categoria “satisfação/realização com 58 respostas (43,94%) e a categoria “emoções negativas” com 13 respostas (9,85%). Na categoria “Felicidade/emoções positivas”, as respostas mais frequentes foram: “felicidade”,

“ingressar na Universidade foi um dos melhores momentos da minha vida” e “feliz por ingressar numa Universidade Federal”. Já a categoria “Satisfação/realização”, a palavra “satisfação”, seguida por “realização” e “um sentimento de dever cumprido” foram as mais frequentes. Em relação à categoria sobre “Emoções negativas”, a “ansiedade” destacou-se com 78% (f=6) das respostas mais frequentes.

Foi observado que os estudantes, quando souberam que foram aprovados para a UFRRJ, apresentaram emoções positivas pela conquista de uma vaga em uma universidade federal, que resultaram na realização dos seus objetivos de iniciar seus cursos de graduação. Dessa forma, a universidade tão almejada apresentou-se como decisiva para o futuro desses jovens, representando a ascensão profissional. Tornou-se muito relevante no seu significado pessoal, representado pelos sentimentos de independência.

Este sentimento também foi investigado por Sousa e Souza (2006), onde estes autores relataram que os alunos buscaram no curso superior, mesmo com problemas financeiros, uma possibilidade de serem diferentes daquelas condições em que viviam antes de saírem de suas regiões para estudar. Eles se diferenciam da realidade de jovens de classe média e alta da população, onde, desde a infância, têm recursos necessários para entrar na universidade. De maneira geral, jovens de classes mais baixas vislumbram que o curso superior permita que tenham acesso ao mercado de trabalho (SOUZA, SOUZA, 2006). A Universidade Federal representa, para estes jovens, o meio para uma vida melhor, significando que poderão ser inseridos no mercado de trabalho.

Na categoria satisfação /realizações apareceram respostas como “Foi uma grande conquista, pois fui uma das primeiras da família ao ingressar na Universidade, então foi gratificante.” Nota-se que nesta conquista aparece a expectativa dos pais, que investiu neste jovem. O adolescente sofre pressão da família e do meio para que seja bem-sucedido, sendo cobrado para que obtenha melhores notas e alcance os primeiros lugares para garantir uma vaga na universidade pública.

Em contraste, com relação às emoções negativas, observa-se que esta foi a minoria com 9,85% (f=13) das respostas. Destes estudantes que relataram emoções negativas, 46,15% (f=6) responderam que estavam ansiosos. Pode-se inferir que estes estudantes podem ter experimentado um dilema entre a independência recentemente adquirida e a vinculação aos pais, onde muitos adolescentes e jovens adultos apresentam dificuldades em se ajustar às

mudanças na vida, o que foi relatado por Lafrenier e Ledgerwood (1997), em estudantes de terceiro grau em uma universidade dos Estados Unidos da América.

A segunda questão, “E qual foi o seu sentimento no início do período letivo?”, teve como objetivo verificar como o estudante se sentiu ao ingressar na Universidade. Foram obtidas 104 respostas, as quais foram classificadas nas seguintes categorias: Emoções negativas, Satisfação/Realização, Felicidade/Emoções positivas, Saudade e outras respostas, conforme a Tabela 3.

Tabela 3- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “E qual foi o seu sentimento no início do período letivo?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Emoções negativas	38	36,54
Satisfação/Realização	28	26,92
Felicidade/Emoções positivas	26	25,00
Saudade	5	4,81
Outras	7	6,73
Total	104	100,

A categoria “Emoções negativas”, nesta segunda questão, obteve a maior frequência de respostas dos universitários com 38 respostas (36,54%), seguida da categoria “Satisfação/realização com 28 respostas (26,92%), da categoria “Emoções negativas”, com 26 respostas (25,00%), da saudade, com 5 respostas (4,81%) e outras, com 7 respostas (6,73%). Na categoria “Emoções negativas”, as respostas mais frequentes foram: “ansiedade”, seguida por “medo”, “muita ansiedade por ter conseguido o curso e o que está por vir”, “ansiedade por iniciar os estudos e o aprendizado em si” e “o sentimento de felicidade foi diminuindo com as dificuldades que começaram a aparecer”.

A categoria com a segunda resposta mais frequente foi “Satisfação/realização”, apresentou “satisfação”, seguida de “realização” e “um sentimento de dever cumprido” como as respostas mais frequentes nesta categoria. Em relação à categoria “Felicidade/emoções positivas”, a resposta mais frequente foi animação, seguida por “felicidade”, “emoção” e “alegria”. Quanto à categoria “Saudade”, as respostas mais frequentes foram “saudade da família”. Para outras respostas, as palavras mais frequentes foram “expectativa”, “surpreso com a universidade” etc.

As respostas dos estudantes sobre o seu ingresso na Universidade demonstraram mudança nos seus sentimentos, onde a categoria com maior frequência de respostas foi “Emoções negativas”, com 36,54% (f=38); sendo ansiedade e medo com maior quantidade de respostas, estas últimas corresponderam a 18,48% (f=7), isto é, ao ingressar na universidade o estudante se deparou com o novo, ao deixar seu ambiente familiar. Ao responder, “O sentimento de felicidade foi diminuindo com as dificuldades que começaram a aparecer”, o estudante demonstrou o quanto esta experiência na universidade pode afetá-lo emocionalmente.

Segundo Figueiredo e Oliveira (1995), o estudante ao ingressar na universidade, passa por situações de crises quando sai pela primeira vez de seu ambiente familiar e se depara com um mundo desconhecido, onde pode vivenciar vários conflitos. De forma geral, os conflitos podem causar desequilíbrio emocional provocado pela insegurança que surge nessas novas relações. Como o estudante não consegue superar esta crise, ocasionada pela dificuldade de adaptação às novas vivências ou ao novo ambiente, poderá provocar um fator causador de estresse (FIGUEIREDO, OLIVEIRA 1995).

O somatório das categorias, na questão dois, com respostas positivas (51,92%, f=54): Satisfação/realização (26,92%, f=28) e Felicidade/emoções positivas (25%, f=26) superou as categorias com respostas negativas (36,54%, f=38), emoções negativas. Isto demonstra que estes estudantes ainda se sentem empolgados com o ingresso na universidade com expectativa de melhoria de vida no futuro, relatado anteriormente.

A terceira questão, “Você acha que seus sentimentos mudaram? Por quê?”, teve como objetivo avaliar a evolução do sentimento do estudante nos primeiros meses da sua adaptação no ambiente universitário. Foram obtidas 145 respostas, o que incluem as respostas Sim e Não, sendo 92 classificadas nas seguintes categorias: Satisfação/realização, Emoções negativas, Relações Interpessoais, Felicidade/Emoções positivas e outras respostas, conforme a Tabela 4.

Em relação à questão: “Você acha que seus sentimentos mudaram? Por quê?”, 35 estudantes (24,14%) responderam positivamente, enquanto 18 (12,41%) responderam negativamente. As justificativas foram categorizadas, sendo “Satisfação/Realização” a de maior frequência, com 30 respostas (32,60%); seguida por “Emoções Negativas”, com 23

respostas (25 %); Relações Interpessoais, 21 respostas (22,82%); “Felicidade/Emoções positivas” com 12 respostas (13,04); e outras, com 6 respostas (6,52%).

Tabela 4- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Você acha que seus sentimentos mudaram? Por quê?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Satisfação/Realização	30	32,60
Emoções Negativas	23	25,00
Relações Interpessoais	21	22,82
Felicidade/Emoções positivas	12	13,04
Outras	6	6,52
Total	92	100,

Na categoria “Satisfação/Realização”, as respostas de maior destaque foram: “Mais responsabilidade com o curso”, “Gosto do curso”, “Creio que futuramente eu colherei coisas boas”. Quanto à categoria “Emoções Negativas” as respostas foram: “O estresse aumenta com as matérias ao longo do período”, “dificuldade de executar projetos do curso”, “bastante esgotado física e mentalmente” etc. Em relação à categoria “Relações Interpessoais”, as respostas foram “Boa adaptação à Universidade”, “Frustração devido ao meio social” etc.

Na categoria “Felicidade/Emoções positivas”, as respostas mais frequentes foram: “Tornei-me mais independente”, “continuo feliz” e “despertou em mim muito amor pela Rural” e as pouco frequentes foram: “Eu sinto que não sou mais a mesma pessoa que entrou aqui, não é mais novidade”, “diante da minha condição de homem negro, sempre tive um norte de que precisaria estudar mais que todos os brancos e inclusive superar os preconceitos das instituições com o meu conhecimento” etc.

Os estudantes que manifestaram mudança nas suas emoções transformaram-se em pessoas mais realizadas e satisfeitas. Na sociedade atual, o ingresso do estudante em uma faculdade, principalmente para as universidades do governo (estaduais e federais), normalmente é vista como uma mudança de vida e pode-se afirmar que é uma ascensão na vida que envolve novas oportunidades, o que reforça que estes estudantes estão empolgados com a possibilidade do curso lhes trazer mudanças econômicas, também observadas por Bernier, Larose e Whipple (2005).

Enquanto os estudantes que experimentaram emoções negativas (25%, f=23), sentiram-se sobrecarregados com as disciplinas e atividades mais complexas do que estavam

acostumados. Muitas vezes, a incidência de estresse ocorre nessa fase, segundo Furtado, Falcone e Clark (2005); a alta ocorrência de estresse nos primeiros anos de curso se dá pelo fato do ingresso na faculdade ser uma fase de transição em termos de estilo de vida, exigindo, portanto, um período de adaptação às diversas mudanças inerentes à vida acadêmica.

A quarta questão do questionário, “Quais foram seus sentimentos no início do primeiro período letivo em relação ao alojamento? ”, foi elaborada para identificar os tipos de emoções no início do período letivo. Foram totalizadas 144 respostas, sendo classificadas nas seguintes categorias: “Dificuldade de Relacionamento Interpessoais”, “Administração”, “Boas Relações Interpessoais”, “Saudade”, “Felicidade/emoções positivas”, “Satisfação” e “Comodidade”, estão dispostas na Tabela 5.

Tabela 5- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Quais foram seus sentimentos no início do primeiro período letivo em relação ao alojamento?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Dificuldades Relacionamento Interpessoais	61	42,36
Boas Relações Interpessoais	46	31,94
Saudade	11	7,64
Felicidade/emoções positivas	9	6,25
Satisfação	7	4,86
Comodidade	5	3,47
Administração	5	3,47
Total	144	100,

Em relação à questão “Quais foram seus sentimentos no início do primeiro período letivo em relação ao alojamento?”, foram criadas as categorias “Dificuldade de Relacionamento Interpessoais”, que apresentou a maior frequência, com 61 respostas (42,36%); seguida pela categoria “Boas Relações Interpessoais,” com 46 respostas (31,94%); “Saudade da Família”, com 11 respostas (7,64%); “Felicidade/emoções positivas”, com 9 respostas (6,25%); “Satisfação”, com 7 respostas (4,86%); “Comodidade”, com 5 respostas (3,47%) e “Administração”, com 5 respostas (3,47%).

Na categoria “Dificuldades de Relacionamentos Interpessoais”, as respostas mais frequentes foram: “Preocupação sobre conseguir conviver com pessoas desconhecidas”, “Medo do trote” e “Exigências enormes de mudanças para poder se adaptar”. A categoria “Boas Relações Interpessoais”, apresentou as respostas: “Foi Acolhedor”, “Pois me encontro em um quarto muito tranquilo” e “Adaptei-me muito bem”. Em relação à categoria sobre “Saudade da Família”, a resposta mais frequente foi “Ficar longe da família”. Na categoria

“Felicidade/Emoções positivas”, a resposta mais frequente foi “Fiquei Feliz por conseguir a vaga”. Na categoria “Satisfação” a mais frequente foi “Muito bom”, na categoria “Comodidade” foi “Ter mais tempo para dedicar aos estudos” e “Administração” foi “Quando eu cheguei à Rural, eu não tive suporte”.

As dificuldades respondidas foram a “Preocupação sobre conseguir viver com pessoas desconhecidas” e “medo do trote”. A saída de casa para ingressar na universidade, muitas vezes distante da sua residência, faz com que os estudantes tenham curto espaço de tempo para se adaptarem aos novos amigos e dividir moradia com pessoas desconhecidas, ou seja, são forçados a lidar com novas fontes de estresse (SOUZA, SOUZA, 2009). Esta experiência ocorre juntamente com a transição para a vida adulta, que por si só, é repleta de vários desafios.

Apesar da frequência de resposta negativa da categoria “dificuldade de relação interpessoal” (42,36%, f=61) ter sido substancial, o somatório das respostas positivas “boas relações interpessoais” (31,94%, f=46) e “felicidade/emoções positivas” (6,25%, f=9) foi similar à resposta negativa. Estes estudantes sentiram-se acolhidos pelos colegas de quarto e acharam uma experiência enriquecedora para aprender a lidar com as diferenças.

Sobre a quinta questão, “Você sente alguma dificuldade em relação ao alojamento?”, procurou-se conhecer o nível de insatisfação com o alojamento para o estudante. Foram obtidas 77 respostas, que foram classificadas nas seguintes categorias: Falta de Infraestrutura, Dificuldade de Relações Interpessoais, Administração, Boas Relações Interpessoais e outras, conforme a tabela 6.

Tabela 6- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Você sente alguma dificuldade em relação ao alojamento?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Falta de Infraestrutura	27	35,06
Dif. Relações Interpessoais	24	31,17
Boas Relações Interpessoais	12	15,58
Administração	11	14,28
Outras	3	3,89
Total	77	100,

Os resultados dispostos na Tabela 6 mostram que 30 (23,08%) estudantes responderam positivamente, enquanto 23 (17,69%) responderam negativamente. A justificativa de maior

frequência foi a categoria “Falta de Infraestrutura”, com 27 respostas (35,06%); “Dificuldade de Relações Interpessoais”, 24 respostas (31,17%); “Boas Relações Interpessoais”, com 12 respostas (15,58%); “Administração”, com 11 (14,28%) respostas e outras com apenas 3 respostas (3,89%).

Na categoria “Falta de Infraestrutura”, as respostas mais frequentes foram: “Falta de Infraestrutura”, “Apenas na hora de tomar banho com outras pessoas ao lado, ou seja, não há privacidade” e “Falta de condições de limpeza”. A categoria com a segunda resposta mais frequente, “Dif. Relações Interpessoais” apresentou as respostas: “Convívio com pessoas muito diferentes de mim, isto me causa transtornos”, “Adequar minhas vontades às dos colegas”, “Por ser assumidamente homossexual, tenho receio de sofrer alguma violência caso alguém ache que está sendo observado por mim enquanto toma banho”. Na categoria “Administração”, destaca-se a resposta: “O setor de coordenação dos alojamentos (SERE), que infelizmente, presta um serviço precário aos alunos”. Em relação à categoria “Boas Relações Interpessoais”, a resposta mais frequente foi “Gosto de morar no alojamento, dos colegas, é mais tranquilo”. Em outras respostas destacou-se “Foi muito fácil me adaptar”.

A categoria “falta de infraestrutura”, com 35,06% (f=27) das respostas indica que um dos causadores de estresse no estudante está relacionado às condições físicas do alojamento e a estrutura deficiente, que influenciaram no desempenho acadêmico. Ainda, a qualidade dessas moradias e suas características podem trazer várias consequências, tanto desejáveis, quanto indesejáveis, o que ocasiona boa ou má qualidade de vida aos seus moradores, de acordo com os estudos de Souza e Souza (2009). As moradias estudantis são espaços democráticos, mas o resultado da sua pesquisa demonstrou que os significados dentro das moradias, nem sempre garantem esta realidade.

De acordo com a segunda categoria, Dificuldade de relacionamento pessoal com 31,17% (f=24), estão relacionadas com a dificuldade relativa à convivência com os colegas de quarto, seguida pela interação com a administração com 14,28% (f=11). Nesta pesquisa, a maioria dos moradores demonstrou que é muito difícil a vivência no alojamento, tanto pela dificuldade das relações interpessoais, quanto pela deficiência de infraestrutura. Em contrapartida, 15,58% (f=11) dos estudantes responderam que tinham boas relações interpessoais com os colegas de quarto, que a adaptação não causou estresse.

Outra importante consideração sobre os moradores de alojamentos da UFRRJ é que estes são provenientes de regiões variadas e costumes diferentes. A organização do

alojamento tem grande influência sobre comportamentos de territorialidade e privacidade dos seus moradores. De acordo com Paula (2004), estes fatores causam muito conflito na convivência. Segundo Mondardo e Pedon (2005), o estresse é inevitável no que diz respeito às constantes adaptações a que os estudantes são submetidos e isto determina ao indivíduo a sua habilidade de adaptação da mente e do corpo.

A sexta questão do questionário, “E agora, no final do período letivo? ”, buscou-se determinar a impressão do estudante durante certo tempo, ou seja, sua modificação ao novo ambiente. Dentre as respostas encontradas, 24 (24,74%) foram negativas e 17 (17,52%) foram positivas. Esta pergunta totalizou 53 respostas, que foram classificadas nas seguintes categorias: “Relações Interpessoais”, com 41 respostas (77,36%); “Dificuldades Acadêmicas”, com 8 respostas (15,09%); “Infraestrutura”, com 3 respostas (5,66%); e outras respostas. A tabela 7 apresenta as respostas dos participantes para esta questão.

Tabela 7 - Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “E agora, no final do período letivo?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Relações Interpessoais	41	77,36
Dificuldades Acadêmicas	8	15,09
Infraestrutura	3	5,66
Outras	1	1,88
Total	53	100,

Na categoria “Relações Interpessoais”, as respostas mais frequentes foram: “Continua difícil a convivência com os colegas no alojamento”, “Agora, eu me adaptei ao alojamento e colegas de quarto” e “O acolhimento só aumentou no quarto”. A categoria com a segunda resposta mais frequente foi “Dificuldades Acadêmicas” com a resposta de maior frequência: “Só a correria do final de período, você fica com muitas situações para resolver”. Em outras respostas, obteve-se o seguinte: “Tive problemas familiares que não estavam ao meu alcance, pois passava grande parte dos dias no alojamento”.

Quanto à sétima questão, “Em cinco linhas, descreva o alojamento, para você”, procurou-se verificar a percepção no alojamento permitindo ao aluno o livre discurso, porém em um determinado espaço. Foram obtidas 213 respostas, que foram classificadas nas

seguintes categorias: “Boas relações Interpessoais”, “Infraestrutura”, “Dificuldades nas Relações Interpessoais”, “Administração”, “Comodidade” e outras, dispostas na Tabela 8.

A categoria “Boas relações Interpessoais” obteve maior número de respostas, com 110 respostas (51,64%); seguida pela categoria “Infraestrutura”, com 45 respostas (21,13%); “Dif. Relações Interpessoais”, com 23 respostas (10,80%); “Comodidade”, com 18 respostas (8,45%); “Administração”, com 10 respostas (4,70%); e outras, com 7 respostas (3,29%).

Tabela 8- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Em cinco linhas, descreva o alojamento, para você”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Boas relações Interpessoais	110	51,64
Infraestrutura	45	21,13
Dif. Relações Interpessoais	23	10,80
Comodidade	18	8,45
Administração	10	4,70
Outras	7	3,29
Total	213	100,

Na categoria “Boas relações Interpessoais”, as respostas mais frequentes foram: “A troca de experiência se faz a todo instante”, “Moram pessoas de diferentes lugares e condições e culturas”, “o alojamento é uma parte muito fundamental de convivência”, “a relação no alojamento acrescenta o crescimento de cada um”, “Foi onde eu conheci meus amigos, que eu quero levar para a vida toda” etc. A categoria com a segunda resposta mais frequente foi “Infraestrutura”, sendo as respostas mais frequentes: “Possui todo o essencial para a vivência”, “Não existe o mesmo conforto de casa”, “Pobre infraestrutura” etc.

Em relação à categoria “Dificuldades nas Relações Interpessoais”, as respostas mais frequentes foram “Desafios na convivência”, “O alojamento é necessidade, difícil convivência”, “Aterrorizante, inicialmente, devido ao fato de estar longe da residência de origem” etc. Na categoria “Comodidade”, a resposta mais frequente foi “Facilita no acesso ao estudo”, “É o local onde os estudantes podem morar durante a graduação sem se preocupar com custeios financeiros de moradia” etc. e outras respostas “Ensinos políticos”, “Responsabilidades” etc.

Podem-se citar duas respostas que retratam as boas relações interpessoais: “a troca de experiência se faz a todo instante” e “moram pessoas de diferentes lugares, condições e

culturas”, demonstrando que as diferenças só enriqueceram a convivência no alojamento. Segundo Paula (2004), os vínculos estabelecidos entre os estudantes desta universidade se tornam firmes o bastante e talvez permita que se encontrem após anos de formados. Os problemas do alojamento foram abordados na questão 7, quando foi realizada a descrição do alojamento, e complementados pela questão onze.

Os estudantes responderam que o regulamento do regimento interno, muitas vezes não é cumprido por alguns estudantes. Assim como os trotes e as condutas, praticadas por estudantes, tornam a convivência difícil e, conseqüentemente, causam estresse em outros moradores. Além disso, alguns estudantes negros e homossexuais relataram sofrer preconceito no alojamento.

As repostas da oitava questão, “O que proporciona satisfação na Universidade, para você? ”, buscou compreender se o estudante obteve satisfação durante o período letivo, tanto na universidade, quanto no alojamento. Foram obtidas 123 repostas, que foram classificadas nas categorias “Crescimento pessoal”, “Relações Interpessoais”, “Qualidade Acadêmica”, “Espaço Físico”, “Atividades Acadêmico-Extracurriculares” e outras (Tabela 9).

Tabela 9-Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “O que proporciona satisfação na Universidade, para você?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Crescimento pessoal	45	36,58
Relações interpessoais	27	21,95
Qualidade Acadêmica	18	14,63
Espaço Físico	16	13,01
Atividades Acadêmico-Extracurriculares	13	10,57
Outras	4	3,25
Total	123	100,

Em relação à questão 8, “O que proporciona satisfação na Universidade, para você?”, foram obtidas as seguintes categorias: “Crescimento pessoal”, com 45 repostas (36,58%); “Relações interpessoais”, com 27 repostas (21,95%); “Qualidade Acadêmica”, com 18 repostas (14,63%); “Espaço Físico”, com 16 repostas (13,01%); “Atividades Acadêmicas/Extra curriculares”, com 13 repostas (10,57%); e outras, com 4 repostas (3,25%).

Na categoria “Crescimento pessoal”, as respostas mais frequentes foram: “Prazer em aprender”, “Meta a ser cumprida”, “Gosto muito das matérias que já tive até o momento”. A categoria com a segunda resposta mais frequente foi “Relações Interpessoais”, com as respostas “Convívio social com os colegas”, “Fazer amigos”. Em relação à categoria sobre “Qualidade Acadêmica”, as respostas mais frequentes foram “Ensino de qualidade”, “Boas aulas”. Na categoria “Espaço Físico”, a resposta mais comum foi “A estrutura física da UFRRJ e sua beleza” e na categoria Atividades Acadêmico-Extracurriculares, “As atividades extracurriculares” e “as aulas”.

Ainda na questão 8, o que causa satisfação aos estudantes está relacionado ao crescimento pessoal, que reforça possibilidade da mudança de vida vislumbrada pelos estudantes, corroborando com os estudos de Sousa e Souza (2006).

Quanto à nona questão, “E o que lhe proporciona estresse? ”, buscou-se apreender se o estudante teve estresse durante o período letivo tanto na universidade quanto no alojamento, obtendo-se 93 respostas, que foram classificadas nas seguintes categorias: “Relações Interpessoais”, “Administração”, “Falta de Infraestrutura”, “Atividades acadêmico-extracurriculares”, “Qualidade Acadêmica”, “Mobilidade” e outras, conforme a Tabela 10.

Tabela 10- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “E o que lhe proporciona estresse?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Atividades acadêmico-extracurriculares	22	23,65
Falta de infraestrutura	22	23,65
Administração	20	21,50
Mobilidade	8	8,60
Qualidade acadêmica	8	8,60
Relações Interpessoais	7	7,52
Outras	6	6,45
Total	93	100,

As respostas desta questão foram categorizadas em “Atividades acadêmico-extracurriculares”, com 22 respostas (23,65%); “Falta de infraestrutura”, também com 22 respostas (23,65%); “Administração”, com 20 respostas (21,50%); “Qualidade Acadêmica”, com 8 respostas (8,60%); “mobilidade”, com 8 respostas (8,60%); “Relações Interpessoais”, com 7 respostas (7,52%); e outras, com 6 respostas (6,45%).

Na categoria “Atividades Acadêmico-extracurriculares” destacaram-se as respostas “Período de provas”, “muitas disciplinas”; “Falta de Infraestrutura”, com as respostas “O nível de falta de segurança”, “Falta de infraestrutura”. Em relação à categoria “Administração”, as respostas foram “Burocracia”, “Corrupção na administração”. Na categoria “mobilidade”, a resposta principal foi “Longa distância entre um prédio e outro”; para a categoria “Qualidade Acadêmica”, a resposta mais frequente foi “Falta de profissionalismo de alguns professores”. Na categoria “Relações Interpessoais”, as respostas mais frequentes foram “Convivência no alojamento” e outras respostas foram “Não creio que seja justo alugar a Universidade nem as rotinas que ela oferece de estressantes”, “Por enquanto, nada” etc.

A Atividade acadêmico extra-curricular e Falta de estrutura, seguida pela categoria Administração foram os principais pontos negativos do alojamento. As categorias Qualidade acadêmica e Mobilidade também foram citadas. Achados igualmente nos estudos de Laranjo e Soares (2014).

A décima questão, “Aponte os pontos positivos do alojamento”, teve como objetivo compreender se o estudante percebeu positivamente a moradia no alojamento. Obteve-se 108 respostas e foram classificadas nas seguintes categorias: “Comodidade”, “Boas relações Interpessoais”, “Boa Infraestrutura”, “Crescimento Pessoal” e outras, conforme a Tabela 11.

Tabela 11- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Aponte os pontos positivos do alojamento”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Comodidade	68	62,96
Boas relações Interpessoais	15	13,88
Boa Infraestrutura	14	12,96
Crescimento Pessoal	9	8,33
Outras	2	1,85
Total	108	100,

Em relação à questão 10, “Aponte os pontos positivos do alojamento”, as respostas foram agrupadas na categoria “Comodidade”, com 68 respostas (62,96%); seguida pela categoria “Boas relações Interpessoais”, com 15 respostas (13,88%); “Boa Infraestrutura”, com 14 respostas (12,96%); “Crescimento Pessoal” com 9 respostas (8,33%); e outras, com 2 respostas (1,85%).

Na categoria “Comodidade”, as respostas mais frequentes foram: “Ser próximo dos prédios (salas de aula, biblioteca, salas de estudo, restaurante etc)”, “É gratuito”, “Ser dentro da Universidade”. A categoria com a segunda resposta mais frequente foi “Boas relações Interpessoais”, sendo as respostas: “Troca de conhecimento entre os colegas”, “Diversidade cultural”. Na categoria “Boa Infraestrutura” foram encontradas as respostas, “Organizado”, “limpo”, etc. Em relação à categoria sobre “Crescimento Pessoal”, a resposta mais frequente foi “É uma forma de nos preparar para o mercado de trabalho”, “Ganho de maturidade”. Em outras respostas, destacou-se “O tratamento no atendimento do SERE”.

Na questão dez os pontos positivos do alojamento foram ressaltados, sendo a comodidade destacada por ser a categoria que obteve 62,96 % (f=68) das respostas. Este resultado foi bastante relevante e demonstra que a assistência estudantil influencia no desempenho acadêmico do estudante, particularmente no de baixa renda. Estas facilidades são importantes para promover o acesso ao estudo, por ser gratuito e inserido no *Campus* e garantem a permanência do estudante na universidade. Isso também foi demonstrado na pesquisa de Laranjo e Soares (2014), onde os estudantes também ressaltaram os aspectos positivos das moradias estudantis como possibilidade de fazer economia de tempo e de gastos.

A décima primeira questão, “Aponte os pontos negativos do alojamento”, buscou investigar se o estudante vivenciou aspectos negativos no alojamento. Obteve-se 114 respostas e foram classificadas nas seguintes categorias: “Falta de Infraestrutura”, “Falta de Regras” “Dificuldade de Relacionamentos Interpessoais” e outras, conforme a Tabela 12.

Tabela 12- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Aponte os pontos negativos do alojamento”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Falta de Infraestrutura	53	46,49
Falta de Regras	31	27,19
Dif. de Relacionamentos Interpessoais	24	21,05
Outras	6	5,26
Total	114	100,

As repostas desta pergunta foram categorizadas em “Falta de Infraestrutura”, com 53 respostas (46,49%); “Falta de Regras”, com 31 respostas (27,1%); “Dif. de Relacionamentos Interpessoais”, com 24 respostas (21,05%); e outras com 6 respostas (5,26%).

Na categoria “Falta de Infraestrutura”, as respostas mais frequentes foram “Más condições de uso de alguns banheiros (compartilhado, no corredor etc.)”, “Muitas pessoas no quarto”. A categoria com a segunda resposta mais frequente foi “Falta de regras”, destacando-se as respostas “Barulho e festas (altas horas)” e “Trote”. Na categoria “Dificuldade de Relacionamentos Interpessoais” foram dadas as respostas “Falta de Privacidade”, “Falta de educação e companheirismo dos moradores”.

Na questão onze, os estudantes voltaram a responder que a falta de infraestrutura foi o ponto mais negativo. A categoria “falta de regras” apresentou 27,19 % (f=31) das respostas e aparece como a segunda categoria mais negativa, e que causa estresse nos estudantes. São descritos pelos estudantes como agentes estressores barulho nas altas horas, trotes, “veteranismo” (segundo relato de alguns estudantes, as regras no alojamento são controladas por moradores mais antigos), estudantes são mal assistidos pela administração, dentre outras.

A décima segunda questão, “Se você comparasse satisfação e estresse em relação ao alojamento, qual seria o predominante?”, buscou investigar se a percepção do estudante foi maior em relação à satisfação ou ao estresse no alojamento. Foram encontradas 76 respostas, que foram classificadas nas seguintes categorias: “Boas Relações Interpessoais”, “Dificuldades de relações interpessoais”, “Comodidade” e outras, conforme a Tabela 13.

Tabela 13- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Se você comparasse satisfação e estresse em relação ao alojamento, qual seria o predominante”?

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Satisfação	58	76,32
Estresse	15	19,74
Outras	3	3,95
Total	76	100,

Nesta pergunta foram encontradas 76,32% (f=58) respostas para “satisfação” no alojamento e 19,74% (f=15) para “estresse”; e outras com 3,95% (f=3) respostas.

Em relação à “satisfação” no alojamento, destacaram-se as respostas “Gosto de morar no alojamento”, “Satisfação em conviver com os colegas”, “O local atende às minhas necessidades”, “Consigo ver o alojamento como um lar” e “Adquiri amigos para a vida toda”. Para “estresse” no alojamento, foram encontradas as respostas “Dificuldade de relações interpessoais”, “Às vezes parece uma prisão, acabo me sentindo preso”, “Ninguém tem paz

nesse lugar”. Por outro lado, em “outras”, 3 participantes não se posicionaram entre as duas possibilidades, destacando-se a resposta “É algo difícil de dizer, porque essa “balança” não pende para nenhum dos dois lados”.

Apesar de várias demonstrações de estresse apresentadas, o sentimento de satisfação foi bem mais expressivo, com 76,32% das repostas, em detrimento do estresse, com 19,74%. As repostas “Consigo ver o alojamento como um lar” e “Adquiri amigos para a vida toda” demonstraram como o alojamento, para 76,32% dos estudantes, criou vínculos afetivos. A importância do alojamento foi apontada por Souza e Souza (2009), que demonstraram que a casa estudantil é um espaço muito importante de aprendizagem de cultura, valores e ideais.

A décima terceira questão, “Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?”, visou investigar se o estudante teria outras questões que não foram perguntadas ou colocadas nas repostas anteriores. Foram encontradas 30 repostas, que foram categorizadas em “Falta de Infraestrutura”, com 9 repostas (30%); “Administração”, com 8 repostas (26,66%); “Boas relações interpessoais”, com 5 repostas (16,66%); “Dificuldades nas Relações Interpessoais, com 2 repostas (6,66); e outras com 6 repostas (20%), como demonstrado na tabela 14.

Tabela 14- Frequências e percentuais das categorias referentes à pergunta: “Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?”

CATEGORIAS	Frequência Simples	Frequência Percentual
Falta de Infraestrutura	9	30,00
Administração	8	26,66
Boas relações interpessoais	5	16,66
Dificuldades nas Relações Interpessoais	2	6,66
Outras	6	20,00
Total	30	100,

Na categoria “Falta de Infraestrutura” foram dadas as repostas, “Seria fundamental reformar todos os prédios de todos os alojamentos”, “A meu ver, deveria haver mais disponibilidade de vagas femininas, já que muitas alunas que precisam, ainda ficam de fora”, “Cansaço psicológico por ver as condições do alojamento”, dentre outras. Em relação à categoria “Administração”, a resposta mais frequente foi em relação à gestão ser mais eficiente. Na categoria “Boas relações interpessoais” foram dadas as repostas “O melhor do alojamento são as pessoas que moram nele, é o que faz se tornar o meu lar.”, “Já morei em república no km 49, comparando os dois, prefiro morar no alojamento”. Em relação à categoria “Dificuldades nas Relações Interpessoais”, as repostas foram “Se eu pudesse

escolher não moraria no alojamento, mas gostaria muito de morar dentro da Rural, talvez se fosse diferente a forma como funciona a chama do entusiasmo em estudar seria mantida viva”, “Ninguém tem paz nesse lugar”; em “Outras” foram encontradas as respostas “São muitos os alunos que precisam de atendimento psicológico”, “Gostaria de sugerir uma melhor gestão do SERE, separar os quartos com pessoas com mais afinidade, por exemplo, quarto de fumantes e não fumantes”.

Os estudantes que responderam à questão relataram outras demandas, como a melhoria da infraestrutura e a falta de vagas para o sexo feminino, com a resposta “a meu ver, deveria haver mais disponibilidade de vagas femininas, já que muitas alunas que precisam ainda ficam de fora”.

No tocante às relações interpessoais, os estudantes concluem que “para estudantes vindos de outros estados do país, e também de outros lugares do mundo, viver no alojamento pode ser um pouco mais difícil do que para quem pode voltar para casa semanalmente”. E enfatizam quando afirmam “já morei em república no km 49, comparando os dois, prefiro morar no alojamento”. Os estudantes também destacam algumas sugestões para a melhoria da qualidade de suas vidas: “São muitos alunos que precisam de atendimento psicológico” e “Acredito que poderia ser criado um comitê voltado para alunos alojados com o intuito de adequar e melhorar esses pormenores (se for o objetivo da pesquisa)”.

A percepção dos participantes, em relação ao estresse, não foi tão expressiva durante a adaptação. Destacam-se sentimentos de felicidade e satisfação com a conquista de uma vaga tão almejada numa universidade federal. Isto significa a realização de um objetivo compartilhado com as expectativas da família, onde vislumbram que o curso superior permitirá que tenham acesso ao mercado de trabalho (SOUZA e SOUZA, 2006). Em contraste, alguns estudantes sentiram-se ansiosos e com medo do novo, pois não se consideravam preparados para sair de casa.

Apesar da dificuldade de convivência, problemas com a infraestrutura, atividades acadêmicas, mobilidade etc., que citadas como responsáveis por causar estresse, não foram dominantes entre os alunos. Os sentimentos de satisfação e de realização predominaram nos estudantes que participaram desta pesquisa.

No final do primeiro período, a maioria dos estudantes apresentou-se bem adaptada à universidade, principalmente em conviver com colegas dos alojamentos. As interações

sociais foram enriquecedoras em suas experiências de vida, ou seja, as diferenças sociais e culturais criaram união e respeito com o próximo. A resposta de um estudante participante da pesquisa resumiu o sentimento que foi exposto pelos participantes que experimentaram o alojamento de forma positiva: “O melhor do alojamento são as pessoas que moram nele, é o que faz se tornar meu lar”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados da investigação e a revisão de literatura sobre o tema proposto para esta pesquisa, infere-se que os estudantes quando passaram para a Universidade Rural tiveram sentimentos de felicidade e realização. Pode-se sugerir que ela representa para estes estudantes e para sua família o caminho para uma vida melhor, isto é, poderão ser inseridos no mercado de trabalho, onde terão possibilidade de melhor poder aquisitivo, como observado por Souza e Souza (2006). Enquanto isso, os estudantes que se sentiram insatisfeitos demonstraram sentimentos de ansiedade, o que para eles representou um momento bastante peculiar.

Quando os estudantes ingressam na universidade passam por um processo de transição. De acordo com Lucchiari (1993), uma das mudanças ocorridas na adolescência é a busca por uma escolha profissional. Além disso, os jovens que saem de suas casas de origem, experienciam uma mudança significativa. Este momento constitui-se como ponto fundamental para o ingresso na vida adulta (CARTER, MCGOLDRICK, 2001), assim como tiveram maiores dificuldades por saírem do seu contexto familiar pela saudade e preocupações em se manterem financeiramente na universidade.

A adaptação destes estudantes aconteceu de forma positiva, tiveram mudanças para melhor, transformaram-se em pessoas mais realizadas e satisfeitas, enquanto outros estudantes tiveram conflitos, principalmente nas relações interpessoais. Além do mais, eles se sentiram sobrecarregados com as disciplinas do curso.

De modo geral, os resultados apontaram que a experiência de viver no alojamento, no início, foi complicada, principalmente pela convivência com os colegas de quarto e o diálogo inicial com a administração. Por outro lado, a estrutura deficiente influenciou essa convivência, o que causou estresse excessivo naquele momento. Em contrapartida, os estudantes que se sentiram satisfeitos relataram boas relações nesse início, sentiram-se bem acolhidos pelos colegas do quarto. A assistência estudantil, nesta pesquisa, foi considerada responsável e carente de recursos, necessitando de melhorias para se tornar eficaz e garantir condições para que o estudante permaneça na universidade e conclua seu curso superior.

As regras no alojamento são controladas por moradores mais antigos, o que é conhecido como “veteranismo”. As regras do regimento interno, muitas vezes, não são cumpridas por alguns estudantes, como se pode notar nas ações praticadas nos chamados

“trotos” e nas condutas preconceituosas, onde criam uma convivência abusiva, causando estresse nos colegas de quarto.

No momento em que o questionário foi aplicado, os estudantes estavam cursando o segundo período do curso e foram preponderantes ao responder os aspectos positivos em relação à convivência nos alojamentos. Valorizaram as trocas de experiências, morar com pessoas de diferentes lugares, condições e culturas, demonstrando que as diferenças só enriqueceram a convivência no alojamento. A esse respeito, Paula (2004), com sua pesquisa sobre o alojamento da Rural, reafirma que os vínculos estabelecidos entre os estudantes desta universidade se tornam firmes o bastante para permitir encontrar vários deles mesmo após muitos anos.

A Assistência Estudantil é responsável por manter os estudantes com vulnerabilidade social na universidade e o alojamento é uma dessas assistências relevantes nessa permanência. Nesta pesquisa, os estudantes afirmaram a importância do alojamento. Eles relataram que o alojamento por estar inserido no *Campus*, facilita o acesso às aulas, sem custos com passagem.

Esta assistência prestada, denominada alojamento, precisa ser melhorada para ser eficaz, e a sua eficácia depende de sua operacionalização de forma a garantir condições para que o estudante permaneça na Universidade e conclua seu curso. Sugere-se, ainda, que as ações devam ser avaliadas para que sejam entendidas suas implicações na população estudantil.

Para futuros trabalhos, é recomendável que este estudo seja expandido para os demais anos de moradia do alojado, de forma a entender a percepção do estresse até o final do curso.

9 REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, Página Aberta, 1994.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, p.29, 1989.
- ALMEIDA, M.L.B.D. Prevalência de Estresse Pós-Traumático em Equipes de Resgate: Uma Revisão Sistemática. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 13, n. 2, p. 220-237, 2012.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 196 p. 1981.
- BAPTISTA, R.C. Doenças e outros agravos à saúde produzidos pelo trabalho. **Cadernos Interdisciplinares: Saúde, Tecnologia e Questão Social**, v. 1, n. 1, p. 2004.
- BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 226 p.,1994.
- BENEDETTI, E.; OLIVEIRA, R. L.; LIPP, M. E.N. Nível de estresse em corredores de maratona amadores em período de pré-competição. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, n.2, p.5-13, 2011.
- BERGER, K. S.; THOMPSON, R. A. **El desarrollo de la persona desde la niñez a la adolescencia** (4ª ed.). Madrid: Medica Panamericana. 1997.
- BERNIER, A.; LAROSE, S.; WHIPPLE, N. Leaving home for college: A potentially stressful event for adolescents with preoccupied attachment patterns. **Attachment & Human Development**, v. 7, n. 2, p. 171-185, 2005.
- BLOOM, M. V. Leaving home: A family transition. In J. Bloom-Feshbach, S.Feshbach, & associates (Eds.).**The psychology of separation and loss: Perspectives on development, life transitions, and clinical practice** (pp. 232-266). São Francisco, Califórnia: Jossey-Bass Publishers, 1987.
- BORGES, J. G.; VASCONCELOS, F. P. **Habitação para desenvolvimento**. São Paulo. 1974.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990
- CAMPOS, L. L.; ROCHA, R. L.; CAMPOS, P. R.. Estresse em estudantes universitários: um estudo longitudinal. **Revista Psicologia**. Argumento. Curitiba, n. 19 p.83-104, 1996.
- CARTER, B; GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia sistêmica**. 2ªed. Porto Alegre. Artmed, 2001.
- CASTRO, L.R. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- CERCHIARI, E.A.N. **Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários**. Campinas. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil, 2004.
- CERCHIARI, E.A.N; D. CAETANO; FACCENDA, O Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários **Estudos de Psicologia**, 10(3), 413-420, 2005.
- CORRAL-MULATO, S; BALDISSERA V. D. A; SANTOS J.; PHILBERT, L. A. S; BUENO S. M. V. Estrés en la vida del académico en enfermería. (Des)conocimiento y

prevención. Investigación y Educación en Enfermería , **Universidad de Antioquia**, Vol 29, No 1 ,2011.

COSTA, A.L.S, POLAK ,C. Construção e validação de instrumento para avaliação de estresse em estudantes de enfermagem (AEEE). **Rev. Escola de Enfermagem, USP**; v.4, p.1017-26, 2009.

CHAUÍ, M. Escritos sobre a universidade. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

EINSENSTEIN E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**, v.2, n.1, p 6-7, 2005.

ERIKSON, E.H. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1987.

_____. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

FIGUEIREDO, R. M.; OLIVEIRA, M. A. P. Necessidades de estudantes universitários para implantação de um serviço de orientação e educação em saúde mental. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, 1995.

FISHER, S.; HOOD, B. The stress of the transition to university: a longitudinal study of vulnerability to psychological disturbance and home-sickness. **British Journal of Psychology**, v. 78, n. p. 425-441, 1987.

FONKERT, R. Mediação família: recurso alternativo à terapia familiar na resolução de conflitos em famílias com adolescentes. <http://pt.slideshare.net/ShirleneLG/medio-familiar-recurso-alternativo-terapia-familiar>.

FONSECA, M. T. N. M. Famílias e Políticas Públicas: Subsídios para a Formulação e Gestão das Políticas com e para Famílias. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 2, São João del-Rei, dez. 2006.

FONTANA, D. **Estresse**. São Paulo: Saraiva (1991).

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau.1999.

_____. **Discipline and punish, the birth of the prison**. New York, Vintage Books, 1995.

_____. **A sociedade punitiva**. In: _____. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 25-44, 1997.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.7, n.1,2 p. 147-160, 2007.

FURTADO, E.D.S.; FALCONE, E.M.D.O.; CLARK, C. Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. **Interação em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2005

GARRIDO, E.N; MERCURI, E.N.G.S. Viver em moradia estudantil: implicações na saúde de seus moradores. **Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**. Nº 06 – Ano III – 10/2014.

HARRIS, J. R. “Where is the child’s Environment? A Group Socialization Theory of Development”. **Psychological Review**, 102, 458-489, 1995.

HARTUP, W.W. Social relationships and their developmental significance. **American psychologist**, v. 44, n. 2, p. 120, 1989.

KHEL, M.R. A Teenagização da cultura Ocidental, 1997. Disponível em: www.mariaritakehl.psc.br/PDF/ateenagizacaodaculturaocidental.pdf. Acesso : junho de 2016.

- LAHELMA, E.; GORDON, T. Home as a physical, social and mental space: young people's reflections on leaving home. **Journal of Youth Studies**, v. 6, n. 4, p. 377-390, 2003.
- LAFRENIER, K. D.; LEDGERWOOD, D. M. Influences of leaving home, perceived family support, and gender on the transition to university. **Guidance & Counseling**, v. 12, n. 4, p. 14-19, 1997.
- LARANJO, T.H.M.; SOARES, C.B. Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas. **Rev Saúde Pública**, v. 40, n. 6, p. 1027-1034, 2006.
- LAZARUS, R.S.; FOLKMAN, S. Stress. **Appraisal and coping**, v. 725, n. p. 1984.
- LEVINSON, D. **The seasons of a man`s life**. New York: Alfred A. Knoff, 1977.
- LIMA, M. S. A. O mundo da criminalidade e os jovens . In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 68, set 2009. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6727&revista_caderno=12>. Acesso em jul 2015.
- LIPP, M. E. N. **Pesquisas sobre stress no Brasil**. Campinas: Papirus, 1997.
- LIPP, M.E.N.; TANGANELLI, M.S. Stress e qualidade de vida em Magistrados da Justiça do Trabalho: diferenças entre homens e mulheres. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 537-548, 2002.
- LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. **O stress emocional e seu tratamento**. In B. Rangé (Org). **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria** . Porto Alegre: Artmed, p.475-490, 2001.
- LIPP, M. E. N.; ROCHA, J. C. **Stress, hipertensão e qualidade de vida**. Campinas: Papirus, 1996.
- LUCCHIARI, D. H. O que orientação profissional? Em D. H. Lucchiari (Org.), **Pensando e vivendo a orientação profissional** (pp. 11-16). São Paulo: Summus, 1993.
- MALAGRIS, L. E. N.; FIORITO, A. C. C. Avaliação do nível de stress de técnicos da área de saúde. **Estudos de Psicologia**, v.23, p. 391-398, 2006.
- McELWAIN, N.; VOLLING, B .Preschool children`s interactions with friends and older siblings: relationship specificity and joint contributions to problem behavior. **Journal of Family Psychology**, v.19, 486-496, 2005.
- MARQUES, J. Estilos de relações interpessoais na adolescência. **Psico**, v.27, n. 1, 23-27, 1996.
- MARTINS, P. C. P.; TREVISANI, M. F.; AMORIM, C. Alunos de Psicologia e estresse. In. **V EDUCERE e III Congresso Nacional da Área de Educação da PUC- PR**. Curitiba, Anais do Congresso (CD, p. 307 – 317), 2005.
- MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 555-568, 2003.
- MATOS, M.G. A saúde do adolescente: O que se sabe e quais são os novos desafios. **Análise Psicológica**, v. 26, n. 2, p. 251-263, 2012.
- MINAYO, M. C. de S. **Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento**. Ciênc. Saúde Coletiva, 3(2): 4-5,1998.

MINAYO, M.C.S; SOUZA, E.R. (Ed.). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MONDARDO, A. H.; PEDON, E. A.. Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. **Revista de Ciências Humanas**, v. 6, n. 6, 2005.

MONTEIRO, R.A.P. A importância do trabalho na transição para a vida adulta. **Desidades, revista eletrônica de divulgação científica da infância e juventude**, n.4, setembro 2014. Disponível em: http://desidades.ufrj.br/featured_topic/a-importancia-do-trabalho-na-transicao-para-a-vida-adulta/. Acesso em fevereiro em 2016.

_____. A transição para a vida adulta no contemporâneo: um estudo com jovens cariocas e quebequenses, 224 p. tese (Doutorado em Psicologia), 2011.

MUROFUSE, N. T.; ABRANCHES, S. S.; NAPOLEÃO, A. A. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.13, n.2, 2005.

OETTING E.R, DEFFENBACHER J.L. e DONNERMEYER J.F. Primary socialization theory: the role played by personal traits in the etiology of drug use and deviance Part II. **Substance Use & Misuse**, v.33, n.6, p.1337-1366, 1998.

OLIVEIRA, M. C. S. L.; CAMILO, A. A.; ASSUNÇÃO, C. V. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Temas em Psicologia**, v.11, n.1,61-75, 2003.

ONIS, M. D.; ONYANGO, A. W.; BORGHI, E., SIYAM, A., NISHIDA, C.,; SIEKMANN, J. Development of a WHO growth reference for school-aged children and adolescents. **Bulletin of the World health Organization**, vol, 85 n. 9, 660-667 p. 2007.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da universidade de Brasília. **Estud. psicol. (Campinas)**, v.28, n.1, p.115-122, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n1/a12v28n1.pdf>>. Acesso em: 23 de março. 2015.

PAIS J M; CAIRNS D; L. PAPPÁMIKAIL. Jovem europeu retrato da diversidade. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, 2005.

PAULA, L. A. L. **O movimento estudantil na UFRuralRJ: memórias e exemplaridade**. Tese (Doutorado em educação), PUC-RJ, 2004.

PERALVA, A.T. O jovem como modelo cultural. Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5/6, p. 15-24, 1997.

POLYDORO, S. A. J. **O trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário: condições de saída e de retorno à instituição**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Campinas. Páginas , 2000.

RIOS, O. F. **Níveis de stress e depressão em estudantes universitários**. Tese de Doutorado.(Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

ROCHA, S. B. A redução da maioria penal. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XVI, n. 112, 2013. Disponível em: <http://ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13332&revista_caderno=12>. Acesso em ago 2015.

SALLES, L.M.F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v.22, n.1,33-41,2005.

SANCHES, R.R. As políticas de assistência estudantil no Brasil. **A Revista História, Movimento e Reflexão**, v. 2, n. 1, p. 2014.

SANTOS, A. Viver no alojamento universitário é experiência política e cultural: A moradia coletiva estudantil também é um espaço de aprendizagem. Publicado em outubro de 2012. Disponível em: <https://agenotic.wordpress.com/2012/10/18/vida-no-alojamento-universitario-uma-experiencia-politica-e-cultural/> Acesso 22 de fevereiro 2016

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, v. 10, p. 57-66. 2005.

SELYE, H. **The stress of life**. New York, McGrawHill, 1965.

SANZOVO, C.A.; COELHO, M.E.C. Estressores e estratégias de coping em uma amostra de psicólogos clínicos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 2, p. 227-238, 2007.

SOUSA, L. **Significados e sentidos das casas estudantis: um estudo com jovens universitários**. 100 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Católica, 2005

SOUSA, L. M. de & SOUSA, S. M. G. Jovens universitários de baixa-renda e a busca pela inclusão social via Universidade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 2, São João Del Rei, 2006.

SOUSA L.M.; SOUSA, S.M. Significados e sentidos das casas estudantis e a dialética inclusão-exclusão. **Psicologia ciência e profissão**, vol. 29, n. 1, p. 4-17, 2009.

STACCIARINI, J.M.R; TRÓCCOLI, B.T. O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9 , p. 17-25, 2001.

TANGANELLI, M. S.Você me estressa, eu estresso você. In M. E. N. Lipp (Org.), **O stress está dentro de você** (pp.155-168). São Paulo: Contexto. 2001.

TEIXEIRA. M. A. P. ; DIAS A. C. G.; WOTTRICH S. H.; OLIVEIRA A. M. **Adaptação à universidade em jovens calouros**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Vol. 12, N. 1 Janeiro/Junho, 185-202, 2008.

TORRES, N.; COELHO, M. E. C. O stress, o transtorno do pânico e a psicoterapia: a pessoa e sua vida. In M. Z. Brandão et al. (Eds.), **Sobre comportamento e cognição. Contingências e metacontingências: contextos sócios--verbais e o comportamento do terapeuta**, vol..13, p.339-344, Santo André: ESETec.,2004.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 175 p ,1987..

UFRRJ. **Projeto Institucional Pedagógico da UFRRJ**. Seropédica, 2006. Disponível em: http://www.ufrj.br/agricola/coordenacao/reconhecimento%20curso/iten1/PPI_UFRRJ.doc. Acesso em 13 jun.2014.

UFRRJ. **Regimento dos Alojamentos Universitários**, Seropédica, 1993.

VARGAS, C.; NELSON,A. Cambios en la familia: repercusiones en la práctica pediátrica. **Revista Chilena de Pediatría**, v.72, n.2, Santiago, 2001.

VAZ, P. (1999). Corpo e risco. Fórum Media, **Viseu**, v. 1, no 1,p. 101-111. Disponível em www.eco.ufrj.br/ciberidea/arti-gos/corpo/pdf/corpoerisco.pdf. Acesso em março 2015.

WANG, Youfa; MONTEIRO, Carlos; POPKIN, Barry M. Trends of obesity and underweight in older children and adolescents in the United States, Brazil, China, and Russia. **The American journal of clinical nutrition**, v. 75, n. 6, p. 971-977, 2002.

WITTER, G. P. Estresse e desempenho nas matérias básicas: variáveis relevantes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 3-10, 1997.

ANEXOS

Anexo A. Termo de Consentimento.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar, através do preenchimento de um questionário, de uma pesquisa de mestrado sobre vida acadêmica e saúde, na UFRRJ, sob a responsabilidade da pesquisadora Maria do Socorro Souza de Araujo, orientada pela Profª Drª. Sílvia Maria Melo Gonçalves. Abaixo, estão todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos conduzindo. A sua colaboração neste estudo será de grande relevância para nós.

Informações sobre a pesquisa

1. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer os aspectos que envolvem a vida acadêmica e a saúde dos estudantes alojados na UFRRJ.
2. A participação, neste projeto, não tem objetivo de submetê-lo a nenhum tratamento, bem como não acarretará qualquer ônus pecuniário com os procedimentos deste estudo.
3. Não há previsão de riscos em decorrência do preenchimento do questionário, embora, a qualquer momento em que você sinta desconforto ou mal-estar, você poderá retirar seu consentimento, sem que isto acarrete algum prejuízo para você.
5. Os resultados obtidos neste estudo serão mantidos em sigilo absoluto e será resguardado anonimato, mesmos quando forem divulgados em publicações científicas.
6. Caso você deseje qualquer explicação adicional, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, com as pesquisadoras.

Seropédica, ____ de _____ de 2016.

Nome completo do participante

Assinatura

Pesquisadora responsável
Maria do Socorro Souza de Araujo
[Tel.: \(21\) 988208571](tel:(21)988208571)
[E-mail: mssraujo2011@gmail.com](mailto:mssraujo2011@gmail.com)

Orientadora
Profª Drª. Sílvia Maria Melo Gonçalves
Tel. (21) 988971814
E-mail: gsilviamm@gmail.com

Anexo B. Questionário.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Este questionário constitui-se em instrumento para uma pesquisa de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e é orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Maria Melo Gonçalves. Sua participação é de suma importância e é anônima. Por favor, responda a todas as perguntas, considerando sua visão acerca das questões e de sua experiência nesta instituição.

Idade: _____ Sexo: _____

Curso: _____

1- Qual foi seu sentimento ao saber que havia sido aprovado (a) para a Rural?

2- E qual foi o seu sentimento no início do período letivo?

3- Você acha que seus sentimentos mudaram? Por quê?

4- Quais foram seus sentimentos no início do primeiro período letivo em relação ao alojamento?

5- Você sente alguma dificuldade em relação ao alojamento?

6- E agora, no final do período letivo?

7- Em cinco linhas, descreva o alojamento, para você.

8- O que proporciona satisfação na Universidade, para você?

9- E o que lhe proporciona estresse?

10- Aponte os pontos positivos do alojamento.

11- Aponte os pontos negativos do alojamento.

12- Se você comparasse satisfação e estresse em relação ao alojamento, qual seria o predominante?

13- Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Obrigada pela colaboração!

Anexo C. Categorização das respostas do questionário sobre percepção do estresse nos estudantes alojados

Questão 1 – Qual foi seu sentimento ao saber que havia sido aprovado (a) para a Rural?

FELICIDADE/ EMOÇÕES POSITIVAS	
Felicidade	40
Emoção	4
Sensacional	3
Bom	6
Ingressar na Universidade foi um dos melhores momentos da minha vida	1
Fiquei animado	1
Feliz por ingressar em uma Universidade Federal	6
TOTAL	61
SATISFAÇÃO/ REALIZAÇÃO	
Desde criança eu almejava entrar na Universidade	1
A família também ficou feliz com a conquista.	3
Sair de casa e encarar uma nova fase da vida	2
Sempre quis estudar na Rural	2
Oportunidade de mudar a minha vida	1
Estar caminhando pela carreira com que mais me identifico	1
Pelo histórico do meu curso.	1
Satisfação	10
A minha primeira opção devido aos benefícios que a Rural me dispõe	1
Expectativa	1
Era o que eu desejava	1
Minha vontade foi de compartilhar a conquista com todos da família e amigos.	1
Imaginava que seria aprovado.	1
Realização	8
Sempre quis estudar na Rural	3
Um sentimento de dever cumprido	8
Sempre busquei ingressar em uma Federal.	1
Fui uma das primeiras da família ao ingressar na Universidade	1
Foi gratificante	1

Conquista pela própria independência	1
Conquista única	1
Ter alcançado uma das etapas do objetivo que tenho para minha vida / carreira	1
Não era somente minha expectativa, mas também a de meus pais	1
Alívio	1
Aliviado por ter conseguido uma vaga em uma Universidade.	1
Liberto da minha então forma de vida, que me estressava muito.	1
Foi peculiar, porque eu havia feito a inscrição pra 2015-1 e acabei não indo fazer o THE	1
Orgulhosa	1
Passar na Rural sempre foi meu sonho	1
TOTAL	58
EMOÇÕES NEGATIVAS	
Ansiedade	6
Medo do novo	1
Choque de realidade	1
Havia dúvidas, pois trabalhava e tinha condições financeiras independentes.	1
Já estava cursando outro curso de nível superior em outra Universidade, a sensação de medo, pois abandonaria outro curso e não sabia se as coisas dariam certo aqui na Rural.	1
Senti medo, pois moro em outro Estado	1
Decepção , pois queria ir para outra Universidade	1
Fiquei frustrado, no 2º semestre abriu novamente aí eu tentei e passei.	1
TOTAL	13
TOTAL GERAL	132

Questão 2. E qual foi o seu sentimento no início do período letivo?

Felicidade/Emoções positivas	
Felicidade	3
Animação	6
Alegria	3
Euforia	3

No início estava super entusiasmado com tudo isso que é a Rural.	2
Sentimento de felicidade foi diminuindo quando me deparei com a realidade da vida	1
Meu sentimento era de emoção, pois estava fazendo o curso que tanto quis.	1
Empolgação	2
Foi maravilhoso	1
No início do período letivo amei, encarei e estudei muito	1
Porque a Rural é muito mais do que eu imaginava.	1
Muitas novidades	1
Otimismo	1
TOTAL	26
Satisfação/Realização	
Estava iniciando um novo curso e em uma área que eu gostava mais que o anterior	1
Para aprender tudo que estaria relacionado a esta área.	1
Satisfação	4
Eu estava gostando	1
Parecia ser o que eu queria para mim	1
Satisfeita com a estrutura da Universidade.	1
Satisfeita em estar na Universidade	1
Senti satisfeito com o curso por ter superado as minhas expectativas	1
Sentimento de transição, havia começado um novo ciclo para mim	3
No inicio eu achava tranquilo	1
Várias descobertas	1
Com o curso surgiram infinitas possibilidades.	1
Tranquilo, já esperava passar por tudo que passei, pois meu irmão já havia estudado aqui antes de mim.	1
Um sentimento de responsabilidade	1
Vontade de aprender.	1
De forma geral foi positivo	1
O sentimento de grande responsabilidade	1
Com certeza do curso que escolhido	1

Obstinação diante de todos os desafios que compareceram	1
O sentimento que eu iria dar o meu máximo	1
Adaptação	3
TOTAL	28
Emoções Negativas	
Ansiedade	7
Iniciar os estudos e o aprendizado em si.	3
Com receio pelo jeito de vir para um lugar a mim “desconhecido”	2
Muita ansiedade por ter conseguido o curso e o que estava por vir	3
Estava ansiosa para ter contato com o laboratório de química.	1
Preocupação	3
Confusão mental	1
Nervosismo por ter de começar uma nova fase na vida.	1
Passando por momentos difíceis	1
Senti um pouco sozinho	1
O sentimento de felicidade foi diminuindo com as dificuldades que começaram a aparecer	3
Complicado, após o choque E.M – E.S.	1
Com o tempo e depois das primeiras avaliações, eu percebi o quão difícil é a UFRRJ.	2
Medo	3
Medo de encarar uma situação nova	2
Medo de um grau de estudo elevado	2
Fiquei um pouco assustada no início	1
Me sentia deslocado socialmente, em relação ao curso	1
TOTAL	38
Saudade	
Saudade da família	3
Saudade dos amigos	1
Saudade da cidade onde vim	1
TOTAL	5
OUTRAS RESPOSTAS	

Modificação	1
Expectativa	2
De desafio	1
Surpreso com a Universidade	2
Curiosidade	1
TOTAL	7
TOTAL GERAL	104

Questão 3 – Você acha que seus sentimentos mudaram? Por quê?

SIM	35
NÃO	18
Relações Interpessoais	
Boa adaptação à Universidade	10
Acostumei a ficar longe da família	2
Frustração devido ao meio social	2
Muitos colegas infelizmente não demonstraram sequer interesse nos estudos e não tem responsabilidades	2
Não dar conta dos trabalhos devido a questões de relacionamento no alojamento	2
Recebi o meu namorado numa boa	1
O clima amistoso favorece a concentração do mesmo.	1
TOTAL	21
Emoções Negativas	
O estresse aumenta com as matérias ao longo do período	4
Estresse por ter dificuldades financeiras	1
Nem tudo que conquistamos vão além de uma conquista.	1
Dificuldade de executar projetos do curso	3
Pressão psicológica	1
Bastante esgotada(o) física e mentalmente.	2
Acredito que parte daquela euforia passou devido ao cansaço e a rotina	1
Tive que criar uma blindagem para me proteger, como se fosse um casco de uma tartaruga. Rígida por fora e sensível por dentro	1
As vezes me sinto um pouco perdida, sem saber se um dia irei me formar	1

Frustração com o curso	1
A realidade da Universidade não é favorável	1
Desmotivado	1
Tenho medo de ficar desamparada	1
Porque quanto mais o tempo passa aqui, mais você vê que nada muda ,continua a mesma coisa, não melhora.	1
Continuo ansiosa	1
Não tenho mais aquele olhar romântico de quando cheguei, pelo fato dos acontecimentos lamentáveis que aqui acontecem	1
A euforia já está passando, me deparo com algumas coisas negativas que me decepcionam um pouco	1
TOTAL	23
Felicidade/Emoções positivas	
Tornei-me mais independente	3
Hoje já não sinto tanto medo como antes	1
No decorrer do curso fica perceptível que a Universidade é um ambiente acolhedor e relaxante.	1
Despertou em mim muito amor pela Rural	2
Continuo feliz	3
Quanto à alegria ela continua, porque foi uma grande conquista.	1
Sinto emoção por estar aqui	1
TOTAL	12
Satisfação/Realização	
Creio que futuramente eu colherei coisas boas.	2
Atualmente lido com a faculdade como sendo um trabalho, um investimento.	2
Já me mantenho na faculdade sem ajuda de custo de minha família.	1
A curiosidade aumentou	1
Gosto do curso	4
Mais responsabilidade com o curso	10
Com o tempo acostuma-se com o curso	1
Descobri que a vida acadêmica e fazer um curso integral não eram algo tão complicado	1

Permaneço com aquela vontade de aprender e futuramente aplicar estes conhecimentos	2
Satisfeito porque não houve trote	1
Meus gastos são menores	1
A cada dia conheço algo novo	1
Continuo com os mesmos sentimentos de sempre, mas sempre os tornando mais maduros com o passar do tempo	1
Sempre tive uma ideia que flutuava na minha cabeça que quero me tornar um erudito	1
Sempre tive na Universidade pública muita admiração e desejo de me formar em uma.	1
TOTAL	30
OUTROS	
Eu sinto que não sou mais a mesma pessoa que entrou aqui, não é mais novidade	2
Com muitas expectativas	1
Eu já sabia como seria difícil estudar na Rural e teria que me esforçar bastante.	1
Diante da minha condição de homem negro, sempre tive um norte de que precisaria estudar mais que todos os brancos e inclusive superar os preconceitos das instituições com o meu conhecimento.	1
A UFRRJ tem me ajudado à permanecer na graduação, dando-me subsídios do governo	1
TOTAL	6
TOTAL GERAL	145

Questão 4 – Quais foram seus sentimentos no início do primeiro período letivo em relação ao alojamento?

Felicidade/Emoções positivas	
Fiquei Feliz por conseguir a vaga	6
O sentimento foi de empolgação	1
Alegria	1
Ótimo	1

TOTAL	9
Satisfação	
Satisfeito, pois onde morava era um lugar que me incomodava	1
Muito bom	3
Satisfação em conhecer o “novo”	1
Normal	1
Maior independência	1
TOTAL	7
Comodidade	
Ter mais tempo para dedicar aos estudos.	3
Pude ficar mais disposta para as aulas e ter uma rotina de estudos mais frequente	1
Não teria condições de pagar um lugar para ficar	1
TOTAL	5
Boas Relações Interpessoais	
Interessante poder morar com pessoas que nunca tinha visto na vida.	2
Aprendi a lidar com um forma diferente com cada um.	1
Fui parar em um quarto onde todas se dão bem	1
Todas se Ajudam	1
Foi Acolhedor	8
Me sinto super em casa	1
Não tenho nada a reclamar de minha vivencia no alojamento.	2
Os alojamentos femininos são mais tranquilos	1
Pensei que o alojamento seria desorganizado muito pelo contrário, bem organizado.	1
Não me obrigaram a fazer nada.	1
Aprendo muito com cada uma delas	1
Fui bem acolhida, o que nem sempre acontece em outros alojamentos	1
Pois me encontro em um quarto muito tranquilo	4
Criam um ambiente confortável para estudar no quarto	1
Tive que recorrer e me informar com os meus veteranos sobre o alojamento	1
Até hoje nós nos damos muito bem	1
Claro que existem diferenças, mas tudo é conversado e resolvido de uma boa	1

forma	
Onde cada uma respeita o limite da outra	1
Temos uma boa convivência	1
Adaptei-me muito bem	4
Não houve trote	1
Tive a vontade de querer estar ali e conviver	1
Integrada no quarto	1
Fiquei surpreso pela forma de tratamento entre os integrantes do andar	2
Amizade	1
Irmandade	1
Doação	1
Compreensão	1
Obstinação	1
Fui muito bem recebido pelos meus colegas,	1
TOTAL	46
Dificuldades nas Relações Interpessoais	
Preocupação sobre conseguir conviver com pessoas desconhecidas	19
Foi muito difícil, pois eu não sabia lidar com as pessoas	2
Exigências enormes de mudanças para poder se adaptar.	4
Queria sair do alojamento não tive boa adaptação às regras do quarto	2
Os motivos maiores são os aborrecimentos que acarretamos na convivência	1
A convivência no alojamento pode ser muito estressante, às vezes.	1
Ansiedade no convívio	3
No início me sentia muito sozinha	1
Insegurança em viver no alojamento	2
Dificuldade para descansar.por causa do barulho	1
Um sentimento de receio	4
Timidez	1
Desagradável, pois não fui bem recebida.	3
Medo do trote	6
Medo de estar “fora de casa” com pessoas que eu não conheço	2

No começo ,eu percebi que é tudo muito complicado ser aceito como ser humano no quarto onde eu estava.	1
Tensão em interagir	1
Ódio por conviver com estes colegas	1
Raiva dos colegas do quarto	1
Vejo que várias coisas estão erradas em relação aos colegas de quarto	1
Morar no alojamento é pior a convivência	1
A visão do “sonho” muda para “quero ir embora logo desse lugar”, em relação a convivência.	1
Nervosismo em conviver	1
Fiquei assustada com os colegas	1
TOTAL	61
Administração	
Quando eu cheguei à Rural, eu não tive suporte.	2
No início foi difícil, pois não consegui entrar em nenhum alojamento	1
Me senti abandonada pela Universidade.	1
Não fui atendida pela assistência estudantil.	1
TOTAL	5
Saudade	
Ficar longe da família	4
Sentia muita falta do conforto da minha casa	1
Saudade de casa	1
Foi uma situação totalmente nova para mim	1
Ficar na maior parte do tempo no alojamento com pessoas novas	1
Diferentes estados e com diferentes hábitos	1
A princípio de receio pelo fato de conhecer ninguém porque eu sou de muito longe	1
Não conseguia enxergar o alojamento como a minha casa, meu lar	1
TOTAL	11
TOTAL GERAL	144

Questão 5 – Você sente alguma dificuldade em relação ao alojamento?

SIM	30
NÃO	23
Falta de Infraestrutura	
Para cozinhar, porque para lavarmos as louças e mesmo a água utilizada, só temos acesso na área junto ao banheiro.	2
Falta de segurança	3
Apenas na hora de tomar banho com outras pessoas ao lado, ou seja, não há privacidade.	5
Somente a falta de internet.	1
Falta de infraestrutura	7
Falta de condições de limpeza	3
Está superlotado.	2
Falta de áreas de lazer	1
O estado físico em que se encontra o alojamento me entristece	1
Estou com alguns problemas logísticos, como por exemplo, a falta de armário.	2
TOTAL	27
Dif. Relações Interpessoais	
Adequar minhas vontades às dos colegas.	3
Com algumas pessoas do quarto que não simpatizo	1
A única dificuldade é na divisão das tarefas, todas são muito ocupadas e tem diferentes horários.	1
Privacidade, que de fato não tem como evitar.	1
Na maioria dos quartos tratam as recém-chegadas como bicho ou seres sem importância	1
Porém sinto que o período de adaptação com os colegas, é doloroso e longo.	2
Somente em conviver com algumas meninas , que causam desentendimentos.	4
Por ser assumidamente homossexual, tenho receio de sofrer alguma violência caso alguém ache que está sendo observado por mim enquanto toma banho.	1
Não consigo descansar ou estudar com tranquilidade, pois os colegas atrapalham.	1
Moro em um quarto que tem um estilo de convivência difícil, diferente da maioria.	1

Em relação ao final da semana, fico só, os amigos vão ver os pais próximos a Seropédica, Nova Iguaçu, etc.	1
Convívio com pessoas muito diferentes de mim, isto me causa transtornos.	6
Em relação ao final da semana, fico só, os amigos vão ver os pais próximos.	1
TOTAL	24
Administração	
Não há uma fiscalização referente a trote	1
O setor de coordenação dos alojamentos (SERE) que infelizmente presta um serviço precário aos alunos	7
A gigantesca burocracia quanto a alguns assuntos	1
Dificuldade de comunicação com a administração	1
O regulamento do alojamento não é seguido pelos alunos alojados e nem pela Universidade	1
TOTAL	11
Boas Relações Interpessoais	
Foi muito fácil me adaptar	3
Hoje em dia me dou bem com todos do quarto	3
Gosto de morar no alojamento, dos colegas, é mais tranquilo	5
A relação com os colegas se ajeita com o tempo	1
TOTAL	12
Outras	
Com relação a outras questões, como situação econômica.	1
Saudade da família	1
Atrapalha no meu objetivo, que é estudar.	1
TOTAL	3
TOTAL GERAL	133

Questão 6 – E agora, no final do período letivo?

Sim	17
Não	27
Relações Interpessoais	
Continuo com a mesma dificuldade em me relacionar	3
Ainda me incomodo com a bagunça de algumas alojadas	1
Continua difícil a convivência com os colegas no alojamento	10
Agora ,eu me adaptei ao alojamento e colegas de quarto.	7
Só sinto alívio por ir passar as férias em outro lugar	1
Mesmo sentimento de satisfação com os colegas	4
O acolhimento só aumentou no quarto	4
Hoje, depois de transtornos com relacionamentos minha estadia está tranquila.	2
Consigo ver o alojamento como meu lar	1
Sinto-me satisfeito, pois não sofri trotes.	4
Logo irei virar veterana do quarto e a que está nesse posto atual vem me cobrando para ter um desempenho mais autoritário com os bixos	1
Agora eu sei como as coisas funcionam e eu sei lidar melhor	1
Sinto até que evolui minhas habilidades interpessoais	1
Não sinto nenhuma dificuldade em me relacionar.	1
TOTAL	41
Infraestrutura	
Infraestrutura	1
A falta de segurança	2
TOTAL	3
Dificuldades Acadêmicas	
Só a correria do final de período, você fica com muitas situações para resolver.	5
Tive indecisão quanto ao curso e passei por transtornos, sem saber o que queria	1
Ficar nos finais de semana na Universidade para estudar, volume intenso de estudos.	1
Tive algumas decepções quanto a reprovação em algumas disciplinas	1
TOTAL	8

Outros	
Tive problemas familiares que não estavam ao meu alcance, pois passava grande parte dos dias no alojamento.	1
TOTAL	1
TOTAL GERAL	97

Questão 7 – Em cinco linhas, descreva o alojamento para você.

Boas relações Interpessoais	
Convivência tranquila	6
A troca de experiência se faz a todo instante	10
Você aprende a lidar com as diferenças entre as pessoas.	4
Aprende a conviver melhor	6
Eu nunca havia morado sozinha	4
Minha segunda casa	7
Gosto dos amigos por perto	2
Aprendizado com os colegas	5
Lugar bom para o descanso	3
Moram pessoas de diferentes lugares e condições e culturas	6
O alojamento é uma parte muito fundamental de convivência	6
Vivendo nele se ganha uma maturidade muito grande	2
Mesmo com a perda de alguns costumes, alguns mantêm hábitos particulares.	1
Os colegas transmitem sentimentos bons	3
É uma casa onde ganhamos vários irmãos	1
Vejo os alojamentos universitários como algo bastante positivo	1
A princípio parece complicado se relacionar, depois fica bom	1
Com o passar do tempo, a rotina favorece a união de todos numa grande família.	4

Diversidade cultural	2
Um local com oportunidade de integração fantástica.	1
União	4
É um lugar onde pude conhecer pessoas de diversos cursos	1
É uma moradia coletiva que gera muitos encontros	1
A relação no alojamento acrescenta o crescimento de cada um	4
As amizades formadas torna tudo mais divertido	1
Acolhedor	1
Dividir o espaço	1
Aprender a dividir as tarefas	2
Construir relacionamentos saudáveis	1
Proporciona facilidades com relação ao contato com as pessoas	2
Aprender a dividir as tarefas	1
Construir relacionamentos saudáveis	1
Buscar experiências com as pessoas que moram aqui há muito tempo	1
Não tenho muitas reclamações nesta relação com os colegas	1
Têm pontos positivos e negativos para se relacionar no alojamento	1
Com muito esforço conseguem se compreender	1
Foi onde eu conheci meus amigos, que eu quero levar para a vida toda	3
O alojamento é onde eu vivo agora, onde eu tento dar o meu melhor nas minhas relações aqui.	1
Capturar o melhor das meninas que vivem comigo, como aquela música dos novos baianos: mistério do planeta	1
Um local de múltiplas personalidades	1
É um conjunto de emoções o que sinto nesta convivência	1
É necessário saber viver em sociedade	1
Na integração de pessoas de cursos	3
TOTAL	110

Dif.Relações Interpessoais	
Desafios na convivência	3
Paciência para se conviver	2
Um lugar sem regras na prática, por parte dos colegas	1
O alojamento é necessidade, difícil convivência	3
As pessoas são, em maioria, preconceituosas e isso não é legal	1
Um lugar com grande quantidade pessoas atrapalha	1
Onde os que já estão há mais tempo “comandam”, quem está chegando é obrigado a obedecer	1
Lugar onde você perde a vontade de estudar	1
Às vezes traz uma solidão por nós alojados estarmos sempre dentro da Rural	2
Divergências de convívio.	2
Traumático	1
Não se tem privacidade	1
O alojamento é um lugar que tem tudo pra dar certo, mas infelizmente não é isso que acontece.	1
Trotes	1
É um lugar onde os alunos de baixa renda são jogados para viver a própria sorte	1
Aterrorizante, inicialmente, devido ao fato de estar longe da residência de origem	1
TOTAL	23
Administração	
Problemas com administração	1
Às vezes um pouco caótico do ponto de vista administrativo.	1
Os alojamentos da Universidade são muito mal organizados	2
Não existem fiscalizações	2
Existem quartos que estão praticamente vazios	1
Mesmo conseguindo passar nas avaliações do SERE , temos que pedir consentimento dos veteranos	1
Falta de assistência do SERE	2

	TOTAL	10
Infraestrutura		
Um espaço físico que abriga pessoas diferentes		2
È possível cozinhar		1
Um quarto pequeno que se bem distribuído fica um ambiente agradável		4
È aconchegante o espaço físico		4
Bem estruturado		2
Possui todo o essencial para a vivência		5
Fisicamente, acho que deveria ser reestruturado.		2
O banheiro / cozinha poderia ser mais bem organizado		1
Precisa de reforma		1
Pobre infraestrutura		3
Falta de segurança		1
As condições são adversas em relação a comodidade e limpeza		1
A única questão mesmo é que o banheiro é do andar inteiro (falta de privacidade)		1
Falta o básico em minha opinião		1
Faltam paredes dividindo os chuveiros no alojamento		1
Às vezes um pouco caótico do ponto de vista administrativo.		1
Os alojamentos da Universidade são muito mal organizados		2
Não existem fiscalizações, existem quartos que estão praticamente vazios		1
Mesmo conseguindo passar nas avaliações do SERE ,temos que pedir consentimento dos veteranos		1
Falta de assistência do SERE		2
Não existe o mesmo conforto de casa		5
Sua fachada deixa a desejar		1
Ao choque proporcionado pelo tipo de rotina, porém superável		1
	TOTAL	44

Comodidade	
Uma moradia que reúne meus objetivos	1
É o local onde os estudantes podem morar durante a graduação sem se preocupar com custeios financeiros de moradia	2
Facilita no acesso ao estudo	3
Morar no alojamento ajuda a melhorar no rendimento do curso, mais tempo	2
Local para meu descanso das tarefas da Universidade	1
Garante permanência na Universidade.	2
Ele é uma peça fundamental para a redução da evasão de alunos	1
Comodidade	1
Ter acesso fácil aos locais de aula	2
O alojamento é a residência de estudantes	1
De inteira adaptabilidade de quem deseja usufruir	1
O espaço de estudos é ótimo	1
TOTAL	18
Outros	
Rotina	1
Responsabilidades	1
Comprometimento	1
Hierarquia	1
Música	1
Felicidade	1
Ensinaamentos políticos	1
TOTAL	7
TOTAL GERAL	213

Questão 8 – O que proporciona satisfação na Universidade, para você?

Atividades Acadêmicoextracurriculares	
As Aulas	2
Os Esportes.	2
As festas são fundamentais como forma de entretenimento	1
Trabalhar como bolsista aqui me proporcionou felicidade	1
As atividades extracurriculares.	4
Estudar	1
Os trabalhos produzidos	1
Cine Casulo	1
TOTAL	13
Relações Interpessoais	
Convívio social com os colegas	11
Fazer parte de uma turma dedicada, onde todos se ajudam	2
Namorar	1
Fazer Amigos	9
Interação social com os professores	2
O afeto que a gente recebe, não só no alojamento e na Rural	2
TOTAL	27
Espaço Físico	
O Jardim Botânico é de se orgulhar, um espaço fantástico	1
O lago do IA	1
Praça da Alegria	1
O ambiente da Universidade é acolhedor	2
Restaurante Univeritário	1
O fato de tudo isso ser público e aberto.	2
A estrutura física da UFRRJ e sua beleza	8
TOTAL	16
Crescimento pessoal	
Poder melhorar enquanto pessoa	4
Prazer em aprender	13
Descoberta de algo novo todos os dias	3

Estar em um curso que gosto	3
Um bom rendimento nas disciplinas	2
Meta a ser cumprida	5
Gosto muito das matérias que já tive até o momento	5
Adquirir experiências de vida.	1
Experiência Profissional	1
O que excede a teoria do curso que estudo, melhor do que eu esperava.	1
A troca de ideias	1
O incentivo para você conquistar seu espaço	1
Estar numa universidade federal	2
A calma da Universidade	1
A energia no ambiente	1
Liberdade	1
TOTAL	45
Qualidade Acadêmica	
Ensino de qualidade	5
Por ser um centro acadêmico	1
Atender as necessidades dos cursos e alunos	2
Classificação do MEC, quanto ao meu curso, que se encontra como o melhor do Brasil	1
Bons professores e qualificados	2
Disseminação de conhecimentos	1
Melhor referência voltado para os cursos que envolvem adaptação rural produtiva	1
Apesar do curso ser bom, precisa ser melhorado	1
Boas aulas	3
A possibilidade de fazer pesquisa se aprofundando em uma área através de programas de iniciação científica.	1
TOTAL	18
OUTROS	
Falta mais companheirismo por parte da administração	1
Sem greve	1
Não sei	1

Nada me deixa realmente satisfeita	1
TOTAL	4
TOTAL GERAL	123

Questão 9 – E o que lhe proporciona estresse?

Qualidade Acadêmica	
Falta de profissionalismo de alguns professores	5
Gestão do curso ruim	2
Falta de professores	1
TOTAL	8
Relações Interpessoais	
Burocracia	2
Descaso da reitoria com os assuntos estudantis	1
Falta de apoio do SERE	1
Principalmente o descaso com os funcionários públicos fantasmas da biblioteca	1
Corrupção na administração	2
TOTAL	7
Administração	
Ter que lidar com muitas pessoas	1
A má organização das meninas no alojamento	1
A intolerância para diversos assuntos entre os colegas e quarto	1
Convivência no alojamento	12
O fato de as pessoas que são do meu curso ficarem competindo notas e aptidão	1
Machismo	1
Racismo	1
Homofobia	1
Elitismo	1
TOTAL	20
Falta de Infraestrutura	
Falta ou deficiência de Internet (wifi);	5
Ver novas obras começando, sendo que outras estão inacabadas há anos.	1

Falta de infra estrutura	6
Falta de água e má qualidade de limpeza dos banheiros	1
O nível de falta de segurança	6
Deslecho por alguns lugares, como por exemplo, algumas salas do P1.	1
O bandeirão é superlotado	2
TOTAL	22
Mobilidade	
Longa distância entre um prédio e outro	3
Dificuldade de se chegar em Seropédica	1
Ir à compras no km 49	1
O isolamento do espaço urbano	1
Não ter opções de lazer por perto	1
Dificuldade para fazer estágios , o tempo gasto em transporte dificulta a mobilidade.	1
TOTAL	8
Aividades acadêmico-extracurriculares	
Período de provas	8
Muitas disciplinas	2
Muito conteúdo	2
Pouco tempo de descanso entre as aulas	2
Poucas horas de sono, porque tenho que fazer muitas atividades.	1
Acumulo e sobrecarga de trabalhos	1
Muitas outras responsabilidades (como grupos de extensão, etc.)	1
A dificuldade de passar em algumas matérias	1
Dificuldade para fazer estágios, pouco tempo	3
A dificuldade de ter alguma coisa, como passar mal, por “sofrer adiantado”para as provas.	1
TOTAL	22
OUTROS	
Por enquanto, nada.	1
Não tenho estresse.	1
Não creio que seja justo alugar a Universidade nem as rotinas que ela oferece de	1

estressantes	
Greves	1
Muito cheiro de maconha	1
A vida fora daqui	1
TOTAL	6
TOTAL GERAL	93

Questão 10 – Aponte os pontos positivos do alojamento.

Comodidade	
Ser dentro da Universidade.	7
Oferece a chance à muitos que não teriam condições para estudar e outras condições.	4
Comodidade	4
Praticidade	5
Segurança	1
Conforto	1
Ser próximo dos prédios (salas de aula , biblioteca , salas de estudo, restaurante,etc)	19
A questão de atender a minha necessidade da moradia	2
Você se sente imerso em todas as atividades	2
É gratuito.	10
O serviço de manutenção funciona bem, fazendo pequenos reparos	2
Otimização do tempo para fazer outras atividades	1
Tranquilidade	1
Não precisa se locomover horas dentro dos transportes para chegar na Universidade.	3
Facilidade para higiene	2
Guardar e pegar algo que tenho esquecido	1
Lugar de descanso	1
Ter um canto só seu	2
TOTAL	68
Boas Relações Interpessoais	

Parceria	1
Troca de conhecimento entre os colegas	4
Boa convivência com os colegas de quarto	2
Diversidade cultural	3
Nunca estar sozinho	1
Novas amizades	1
Companheirismo	2
Prepara para a vida social.	1
TOTAL	15
Crescimento Pessoal	
Aumento da responsabilidade	1
Ganho de maturidade	2
É uma forma de nos preparar para o mercado de trabalho	3
Conhecer diversas coisas	1
Cumprimento de tarefas	1
Se adaptar a situações de desconforto físico, mental, emocional.	1
TOTAL	9
Boa Infraestrutura	
Organizado	4
Limpo	2
Camas conservadas	1
Boa estrutura	3
O tamanho dos quartos	1
Janelas grandes que facilitam a ventilação	1
A vista da janela proporciona um belo visual	1
Clima fresco dentro dos quartos	1
TOTAL	14
OUTROS	
O tratamento no atendimento do SERE.	1
A agilidade dos processos seletivos	1
TOTAL	2
TOTAL GERAL	108

Questão 11 – Aponte os pontos negativos do alojamento.

Falta de Infraestrutura	
Não ter pia e água pra beber no quarto	4
Más condições de uso de alguns banheiros (compartilhado, no corredor, etc)	11
Falta de estrutura	10
Má distribuição do espaço.	1
Algumas coisas estão em mal estado	1
Muitas pessoas no quarto	5
Falta de Internet	4
Poucas camas	1
Falta de ventiladores	1
Falta de manutenção	1
Más condições de higiene	3
Comodidade	1
Falta de segurança	5
Falta de um local mais tranquilo pra estudar	1
Falta de reformas nos quartos.	1
Cozinhar dentro do quarto é muito ruim	2
TOTAL	53
Falta de Regras	
Barulho e festas (altas horas)	7
Falta de controle dos quartos	2
Hierarquia entre “bichos” e veteranos	1
Veteranismo	1
Não ter muita segurança, porque a guarda não fica nos pontos frequentemente	2
Muita bagunça, o fato de que quem manda são as pessoas que estão no alojamento mais tempo	1
Achar que as novatas são suas empregadas.	1
Eventualmente presenciar comportamentos inadequados como jogarem bombas pela janela	2
Trote	3
Estudantes (alojados) utilizando droga	1

Estudantes (alojados) que possuem filhos, ou trazem a família toda para morar aqui.	1
A ocupação irregular dos quartos	1
Alunos mal assistidos pela assistência estudantil	5
Cobranças demasiadas	1
Alunos que não cumprem as regras para alojados	2
TOTAL	31
Dificuldade de Relacionamentos Interpessoais	
Pequenos conflitos	1
Falta de educação e companheirismo das moradoras	3
Preconceito	1
Muita gente ao mesmo tempo, no mesmo ambiente	1
Convívio	3
O processo de aceitação da individualidade de cada integrante do alojamento	1
A hierarquia que existe; alguns momentos é desconfortável	1
Nem sempre temos poder de decisão ao que diz respeito a nós mesmos	1
Falta de Privacidade	10
Julgamento dos colegas	1
Violência entre os colegas	1
TOTAL	24
OUTROS	
Não tem pontos negativos por enquanto	1
Abandono de cães e gatos	1
Formas de solucionar alguns problemas	1
Tarefas rotineiras	1
Sono interrompido	1
Eventuais obrigações inesperadas	1
TOTAL	6
TOTAL GERAL	114

Questão 12 – Se você comparasse satisfação e estresse em relação ao alojamento, qual seria o mais predominante?

Satisfação	41
Estresse	11
Comodidade	
Pelo jeito da minha atual condição no dispor de viver para morar no espaço acadêmico	1
Economizo	1
O local atende às minhas necessidades.	1
Ter onde ficar	1
TOTAL	4
Boas Relações Interpessoais	
É possível conviver com a prevenção de alguns costumes e hábitos,.	1
Viver em coletividade	1
Adquiri amigos para vida toda.	1
Consigo ver o alojamento como um lar	1
Gosto de morar no alojamento	4
Gosto muito das companheiras de quarto	1
Os fatores de estresse com os colegas são passageiros	1
Os pontos negativos em relação à convivência são controlados e não acontecem com muita frequência.	1
Satisfação em conviver com os colegas	2
TOTAL	13
Dificuldade de relações interpessoais	
Às vezes parece uma prisão, acabo me sentindo preso.	1
Ninguém tem paz nesse lugar	1
As meninas do meu quarto não são pessoas fáceis	1
Vejo muito conflito para ser resolvido, várias demandas e etc.	1
TOTAL	4
OUTROS	
É algo difícil de dizer, porque essa “balança” não pende para nenhum dos dois lados.	1

Empate	1
É relativo demais	1
TOTAL	3
TOTAL GERAL	76

Questão 13 – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

NÃO	24
SIM	
Dificuldades nas Relações Interpessoais	
Para estudantes unidos de outros estados do país, e também de outros lugares do mundo, viver no alojamento pode ser um pouco mais difícil do que para quem pode voltar para casa semanalmente.	1
Se eu pudesse escolher não moraria no alojamento, mas gostaria muito de morar dentro da Rural, talvez se fosse diferente a forma como funciona a chama do entusiasmo em estudar seria mantida viva	1
TOTAL	2
Administração	
A gestão de tudo isso deveria ser mais eficiente.	2
Gostaria que o SERE priorizasse as reclamações que chegam até eles e resolvessem de forma branda.	1
Que falta fiscalização nos alojamentos, sendo ele da faculdade, não são as moradoras que mandam, afinal algum dia iremos embora.	1
Por pedir por melhorias e não ser atendida	1
Caso a administração não tome providencias, muitos outros casos de estupros, furtos e demais violências continuarão a acontecer	1
E casos de suicídios no ambiente do alojamento aparecerão.	1
Há muita coisa para mudar, começando pelo regimento interno ultrapassado.	1
TOTAL	8
Boas relações interpessoais	
O melhor do alojamento são as pessoas que moram nele, é o que faz se tornar o meu lar.	1
Mais respeito com o próximo	1
Bastante responsabilidade	1
Já morei em república no Km 49, comparando os dois, prefiro morar no alojamento.	1

Acredito que basicamente o alojamento oferece ao discente a oportunidade e ajuda para terminar a graduação	1
TOTAL	5
Falta de Infraestrutura	
A Rural possui uma imensa área inútil	1
Seria fundamental reformar todos os prédios de todos os alojamentos.	1
Uma atividade simples para manter a limpeza em nossa Universidade seria a de aumentar o número de lixeiras pela Rural, o que é quase ausente.	1
Sim, a internet pega muito ruim no alojamento; o sinal de internet é ruim, dificulta o estudo pela web	1
Para os moradores do alojamento e também para os próprios alunos, seria ótimo a instalação de uma farmácia.	1
A meu ver, deveria haver mais disponibilidade de vagas femininas, já que muitas alunas que precisam ainda ficam de fora.	1
A falta de estrutura do alojamento traz prejuízos para a saúde física como alergias desencadeadas pelo cheiro de mofo	1
Cansaço psicológico por ver as condições do alojamento	1
Limpeza ao redor do alojamento, retirada dos restos de materiais de construção para evitar o acúmulo de sujeira e animais peçonhentos.	1
TOTAL	9
Outros	
São muitos os alunos que precisam de atendimento psicológico	1
Acredito que poderia ser criado um comitê voltado por alunos alojados com o intuito de adequar e melhorar esses pormenores (se for o objetivo da pesquisa).	1
Fico contente pela pesquisa, boa sorte	1
Parabéns pela iniciativa!	1
Acho que este questionário poderia ter sido desenvolvido numa didática de múltipla escolha.	1
Gostaria de sugerir uma melhor gestão do SERE, separar os quartos com pessoas com mais afinidade, por exemplo, quarto de fumantes e não fumantes	1
TOTAL	6
TOTAL GERAL	54

Anexo D - Parecer do Comitê de Ética na Pesquisa



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / COMEP

Protocolo Nº 811/2016

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado "*Percepção de estresse em alunos ingressantes alojados na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Campus Seropédica*" sob a responsabilidade da Profa. Silvia Maria Melo Gonçalves, do Departamento de Psicologia, Instituto de Educação, processo 23083.007319/2016-64, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 19/09/2016.

Jairo Pinheiro da Silva
Jairo Pinheiro da Silva
Pro-Reitor Adjunto de
Pesquisa e Pós-Graduação
Matr. SIAPE 1109555
UFRRJ

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação